



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LINGUÍSTICA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LINGUÍSTICA E ENSINO-MPLE

MARIA JOSÉ DAVI GOMES

**NARRATIVAS ORAIS DA CIDADE DE LUCENA-PB: INFLUÊNCIAS NAS
PRÁTICAS DISCURSIVAS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA COM
ESTUDANTES DA 3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO**

LUCENA-PB

2023

MARIA JOSÉ DAVI GOMES

NARRATIVAS ORAIS DA CIDADE DE LUCENA-PB: INFLUÊNCIAS NAS PRÁTICAS DISCURSIVAS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA COM ESTUDANTES DA 3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Ensino da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Linguística e Ensino.

Orientadora: Prof^a Dr^a Eliana Vasconcelos da Silva Esrael.

LUCENA

2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

G633n Gomes, Maria José Davi.

Narrativas orais da cidade de Lucena-PB: influências nas práticas discursivas nas aulas de língua portuguesa com estudantes da 3ª série do ensino médio. / Maria José Davi Gomes. - João Pessoa, 2023.

119 f.

Orientação: Eliana Vasconcelos da Silva Esvael.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Narrativas orais. 2. Práticas discursivas. 3. Ensino médio. I. Esvael, Eliana Vasconcelos da Silva. II. Título.

UFPB/BC

CDU 808.5(043)



ATA DE EXAME DE DEFESA
MARIA JOSÉ DAVI GOMES

Aos vinte e três dias de fevereiro de dois mil e vinte três (23/02/2023), às 14h00, realizou-se o exame de defesa da mestranda **MARIA JOSÉ DAVI GOMES**, do Mestrado Profissional em Linguística e Ensino (PGLE/UFPB), que apresentou o trabalho intitulado “*NARRATIVAS ORAIS DA CIDADE DE LUCENA-PB: INFLUÊNCIAS NAS PRÁTICAS DISCURSIVAS DE ESTUDANTES DA 3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO*”. A Banca Examinadora, constituída pela Profa. Dra. Eliana Vasconcelos da Silva Esvael (PGLE/UFPB) – orientadora –, pela Profa. Dra. Josete Marinho de Lucena (PGLE/UFPB) e pela Profa. Dra. Ana Cristina Marinho Lucio (PPGL/UFPB), apresentou o seguinte parecer:

Aprovada (X)

Reprovada ()

Observações sobre o exame:

A pesquisa atende aos requisitos do programa e contribui com o estado da arte. Necessita de alguns ajustes conforme orientações da banca, bem como de uma revisão para entrega final.

A presente ata foi lavrada e assinada pela presidente da Banca Examinadora, juntamente com as demais membras desta.

João Pessoa, 23 de fevereiro de 2023.

Profa. Dra. Eliana Vasconcelos da Silva Esvael
(Presidente da Banca Examinadora)

Profa. Dra. Josete Marinho de Lucena
(Examinadora)

Profa. Dra. Ana Cristina Marinho Lucio
(Examinadora)

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa a todos os estudantes que colaboraram verdadeiramente com o estudo, a cada um que já passou por mim e aos frutos que colhemos diariamente, contribuindo assim com o meu crescimento profissional, na busca por uma escola pública de qualidade.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, primeiramente por conduzir todo processo desde a inscrição até a etapa final me fortalecendo e inspirando a não desistir de um sonho tão lindo que sempre almejei. A minha Santa Terezinha e a Nossa Senhora pela intercessão celestial.

À **minha família**, meu pai, José Benigno (in memória), que tanto me trouxe conhecimentos por meio de suas histórias me servindo de inspiração, minha mãe, Maria das Dores, pelas suas orações e fé, meus queridos irmãos, Luciana, Antônio Neto, Luciano, Emanoela e Emanuel que sempre acreditaram na minha capacidade e me incentivaram na construção da minha carreira acadêmica e profissional.

Agradeço também à minha excelente **orientadora**, Eliana Esvael, pelo aprendizado, pela paciência, por me transmitir paz, segurança e por acreditar no meu trabalho e dedicação para com a pesquisa.

Obrigada aos **colegas** de turma pelo apoio, carinho e companheirismo. E principalmente a todos da Linha 02. Em especial as minhas amigas mais próximas que também me ajudaram nesta construção, Sioneide, Eleriza e Inayara. Gratidão, meninas!

Não posso esquecer da total contribuição dos meus **queridos estudantes** da pesquisa pela sua disponibilidade, compromisso e carinho ao abrilhantaram nosso estudo.

A minha querida **gestora da escola**, Fernanda Carvalho, que me permitiu a realização da pesquisa, por ter sido sempre solícita durante todo processo documental para a iniciação do estudo. Meu muito obrigada!

E claro, aos **meus amigos**, Jadson e Phellipe que me motivaram, apoiaram, deram aquela força e ajudaram durante todo processo de inscrição e escrita do pré-projeto. Obrigada, sem vocês eu não conseguiria!

RESUMO

Na presente pesquisa propomos como objetivos analisar as influências das narrativas orais da cidade de Lucena- PB nas práticas discursivas dos estudantes da 3ª Série do Ensino Médio. E, mais especificamente: a) Investigar os elementos linguísticos e discursivos da oralidade presentes nas narrativas dos estudantes; b) compreender a relação e a diferença entre o discurso oral e escrito no ensino de Língua Portuguesa; c) perceber que a tradição oral é estabelecida pela mudança histórica, cultural e social; d) apresentar as concepções linguísticas dos estudantes utilizadas na análise. Este estudo se justifica por ser uma região que se caracteriza pela presença da cultura oral exercendo ainda muito fortemente influência na comunidade, porém, não há estudos com o foco temático das narrativas orais e suas contribuições em aulas de Língua Portuguesa no ensino médio, o que pode auxiliar o ensino público da cidade e o aperfeiçoamento na comunicação dos discentes, bem como, as contribuições referentes ao ensino da oralidade em aulas de Língua Portuguesa no ensino médio. A partir dessa perspectiva linguística investigativa seguimos como orientação para o referencial teórico o estudo dos respectivos estudiosos: Bakhtin (1992), Marcuschi (2001, 2003, 2010), Geraldi (2000-2006), Aquino (2005), Castilho (1998), Fávero (2005), Bagno (1999), Ecléa Bosi (1994), Maurice Halbwachs (1990), Castilho (1998), Galvão (2015), Maingueneau (2001), entre outros. Os procedimentos metodológicos foram embasados na pesquisa-ação, de cunho qualitativa de natureza participante por meio da análise interpretativa, os instrumentos utilizados foram: 1) Entrevista com os 10 estudantes colaboradores; 2) Diário de campo e observação do ambiente escolar em 8 aulas de Língua Portuguesa; 3) Visitações e realização de um grupo focal com cerca de 10 estudantes participantes em 3 encontros; 4) Análise das atividades realizadas nessa turma em comparação com o que foi falado nos momentos de entrevista e grupo focal, abrindo espaço para as discussões, investigações sobre o assunto abordado. Os resultados gerais da pesquisa apontam para a colaboração dos estudantes para que pudéssemos de alguma forma, evidenciar que as narrativas orais exercem influência na comunidade, e que a maioria reconhece que essas narrativas de fato são repassadas oralmente, sobretudo pelos mais idosos, fazendo parte da cultura local, reconhecendo a importância do desenvolvimento da competência linguística, mais precisamente da oralidade em suas práticas discursivas.

Palavras-Chave: Práticas Discursivas. Ensino Médio. Narrativas Orais.

ABSTRACT

In the present research we propose as objectives to analyze the influences of oral narratives from the city of Lucena-PB in the discursive practices of the students of the 3rd Grade of High School. And, more specifically: a) Investigate the linguistic and discursive elements of orality present in the students' narratives; b) understand the relationship and difference between oral and written discourse in Portuguese language teaching; c) realize that oral tradition is established by historical, cultural and social change; d) present the students' linguistic conceptions used in the analysis. This study is justified because it is a region that is characterized by the presence of oral culture still exerting a very strong influence on the community, however, there are no studies with the thematic focus of oral narratives and their contributions in Portuguese Language classes in high school, which can help public education in the city and improve students' communication, as well as contributions regarding the teaching of orality in Portuguese language classes in high school. From this investigative linguistic perspective, we follow as a guideline for the theoretical framework the study of the respective scholars: Bakhtin (1992), Marcuschi (2001, 2003, 2010), Geraldi (2000-2006), Aquino (2005), Castilho (1998), Fávero (2005), Bagno (1999), Ecléa Bosi (1994), Maurice Halbwachs (1990), Castilho (1998), Galvão (2015), Maingueneau (2001), among others. The methodological procedures were based on action-research, of a qualitative and participative nature through interpretative analysis, the instruments used were: 1) Interview with 10 collaborating students; 2) Field diary and observation of the school environment in 8 Portuguese classes; 3) Visits and holding a focus group with about 10 students participating in 3 meetings; 4) Analysis of the activities carried out in this class in comparison with what was said during the interviews and focus groups, opening space for discussions and investigations on the subject addressed. The general results of the research point to the students' collaboration so that we could somehow show that oral narratives exert influence in the community, and that most recognize that these narratives are in fact passed on orally, especially by the elderly, being part of the culture local, recognizing the importance of developing linguistic competence, more precisely orality in their discursive practices.

Keywords: Discursive Practices. High school. Oral Narratives.

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|------|
| Quadro 1 – Dados dos estudantes colaboradores do grupo focal | P.50 |
| Quadro 2 – Para você, o que é contar uma história? | P.53 |
| Quadro 3 – No seu modo de ver, você considera que há diferença entre contar e ler uma história? Por quê? | P.55 |
| Quadro 4 – Você considera que as narrativas contadas contribuem para o desenvolvimento da sua expressão oral e escrita? Comente. | P.59 |
| Quadro 5 – Você poderia comentar um pouco sobre como deveriam ser trabalhadas essas narrativas orais para aprimorar as competências comunicativas desenvolvidas no ensino de Língua Portuguesa? | P.61 |
| Quadro 6 – Você conhece alguma história que os mais velhos de sua comunidade contam? Poderia nos contar essa história? | P.65 |
| Quadro 7 – Essas histórias são contadas em quais lugares de Lucena, quando, quem conta, para quem contam? | P.69 |
| Quadro 8 – Você acredita que essas histórias fazem parte da cultura lucenense? Por quê? | P.71 |
| Quadro 9 – Na sua opinião, que memórias são resgatadas através dessas histórias orais? | P.73 |
| Quadro 10 – Para você existe diferença entre fala e escrita ao contar ou escrever uma história? Por quê? | P.75 |
| Quadro 11- Na sua opinião qual a função do mito e das lendas numa cultura? | P.78 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| 1. INTRODUÇÃO | 11 |
| 2. REFLEXÕES SOBRE ORALIDADE E ESCRITA | 16 |
| 2.1 As práticas discursivas no ensino médio | 16 |
| 2.2 Os elementos linguísticos e discursivos presentes na oralidade | 18 |
| 2.3 Considerações sobre oralidade e escrita no currículo de Língua Portuguesa no ensino médio | 22 |
| 2.4 A abordagem crítica da oralidade na escola | 25 |
| 2.5 Professor de Língua Portuguesa como mediador no processo de construção e interação entre fala e escrita | 27 |
| 3. A TRADIÇÃO ORAL NO AMBIENTE ESCOLAR | 31 |
| 3.1 Memória Coletiva de um povo | 31 |
| 3.2 A tradição oral como prática social, cultural e histórica | 35 |
| 3.3 As Narrativas orais e suas influências no ensino de Língua Portuguesa | 37 |
| 3.4 A relação das narrativas orais com o ensino de oralidade | 41 |
| 4. METODOLOGIA E ANÁLISE | 44 |
| 4.1 Caracterização da pesquisa | 44 |
| 4.1.1 Análise da pesquisa de campo | 47 |
| 4.2 Análise do grupo focal com os estudantes | 49 |
| 4.3 Perspectivas dos estudantes sobre as narrativas orais | 51 |
| 4.4 Análise das visitas (aulas extraclasse) com estudantes e das observações de aula | 79 |
| 4.5 Análise documental: as narrativas orais a partir da produção de um podcast | 95 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 99 |
| REFERÊNCIAS | 104 |
| APÊNDICES | 110 |
| ANEXOS | 116 |

1. INTRODUÇÃO

Esta investigação foi pensada a partir da minha experiência enquanto docente lucenense, da disciplina de Língua Portuguesa de uma escola estadual cidadã integral técnica em Lucena, Paraíba realizada durante o período da pandemia da COVID-19 no Brasil. A partir desse lugar percebi a presença do uso das narrativas orais advindas da realidade dos estudantes em sala de aula, isso impulsionou a realizar a presente pesquisa conduzida no Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Ensino da Universidade Federal da Paraíba.

Em primeira análise, a língua, seja oral ou escrita, obviamente são formas de revelar a linguagem e a identidade em si. Nas duas modalidades a língua se materializa, tornando-se uma ferramenta essencial à comunicação entre os indivíduos, envolvendo além dos aspectos linguísticos os aspectos histórico-culturais.

Para melhor embasar o estudo, temos como questionamento, quais influências culturais e linguísticas das narrativas orais estão presentes nas práticas discursivas dos estudantes do ensino médio nas aulas de Língua Portuguesa? No entanto, é notório que as narrativas orais se tornam essenciais para o estudo do repertório linguístico local, por se tratar de identidades linguísticas construídas historicamente, influenciando nas práticas discursivas dos estudantes da 3ª Série do ensino médio nas aulas de Língua Portuguesa.

Desta forma, a tradição oral se dá pela transmissão verbal de conhecimentos de uma geração para a seguinte, sendo ferramenta significativa para o resgate da identidade e da memória coletiva de um povo. As narrativas orais são vivenciadas historicamente pela sabedoria popular, constituindo-se, assim, nas relações sociais e comunicativas com os demais indivíduos.

Partindo desse pressuposto, enquanto cidadã lucenense, um dos motivos principais que me estimularam a desenvolver essa pesquisa, foi a experiência vivida como ouvinte desde criança das narrativas orais contadas pelo meu avô, meus pais, vizinhos entre outros, além do mais, como docente da rede estadual de ensino pude aliar à minha prática em sala de aula com os estudantes que também trazem consigo essa cultura oral.

Perante a isso, o município de Lucena, localizado no Litoral Norte da Paraíba, é uma cidade, como muitas outras do Nordeste, que preserva ainda sua história e cultura por meio da tradição oral, que é a representação linguística cultural manifestada por um povo, que costuma expressar oralmente suas narrativas, tornando-as essenciais para o estudo do repertório linguístico local, suas identidades linguísticas.

No entanto, apesar dessas narrativas populares preservarem historicamente a cultura e o linguajar local, a contemporaneidade e a globalização têm contribuído diretamente para mudanças diante desse contexto linguístico devido aos vários fatores sociais, econômicos e tecnológicos.

Conforme os resultados de algumas pesquisas realizadas no universo acadêmico tendo como foco nossa temática de estudo, percebemos a ausência de trabalhos mais específicos, recentes nesta área, no entanto, quanto à proximidade do contexto e do objeto de investigação, esses dois trabalhos foram os que mais se assemelham: O artigo de Manuela Chagas Manhães, da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, publicado em 2020 na Revista Ecos sobre: *“Construção Das Narrativas Nas Comunidades Tradicionais De Pesca De Arraial Do Cabo: A Rememoração E Memórias.”*. Manhães (2020) traz como objeto de estudo comunidades tradicionais e a relevância das narrativas orais para a manutenção e ressignificação de sua memória social e coletiva. A autora aborda alguns teóricos utilizados na minha pesquisa, como por exemplo, Ecléa Bosi (1995) e Halbwachs (1990) que trazem como pressupostos teóricos sobre a construção da memória coletiva e social, porém, a pesquisa apresenta um viés mais histórico, social e cultural.

Já a dissertação de Aurênia Pereira de França, da Universidade Católica de Pernambuco defendida em 2018, sobre: *“Análise crítica do discurso quilombola em Conceição das Crioulas: oralidade, memória e identidade social”*, analisa os discursos quilombolas a partir da memória e da oralidade enquanto prática de legitimação da identidade étnica, e práticas discursivas presentes em narrativas míticas e históricas concebendo um estudo mais pautado na cultura e história da comunidade.

Entretanto, percebe-se que há uma necessidade de aprofundar análises com este foco das narrativas orais no espaço escolar e suas contribuições no

ensino médio, por isso embasar o desenvolvimento do estudo. Sendo assim, esta investigação, como as outras realizadas anteriormente, que trazem o mesmo objeto de estudo no campo da linguística, conseqüentemente contribuirá para o aprimoramento de novos discursos no campo acadêmico. Além do mais, a pesquisa apresenta também a possibilidade dos estudantes do ensino médio experienciar algo pertencente à sua comunidade no âmbito escolar.

Para a condução deste estudo, daremos enfoque a uma indagação que busca quais influências linguísticas presentes nas narrativas orais contribuem na construção das práticas discursivas dos estudantes da 3ª Série do Ensino Médio? Que memórias são resgatadas através da produção de narrativas orais em sala de aula e quais são as competências comunicativas desenvolvidas no ensino de Língua Portuguesa? Diante de tais indagações, ao aplicar esse campo de estudo pautado nos vários teóricos sobre o tema pesquisado, procurei conhecer a fundo a pesquisa-ação abordada.

O estudo em foco pretende analisar as influências das narrativas orais da cidade de Lucena - PB nas práticas discursivas dos estudantes da 3ª Série do Ensino Médio. E como objetivos específicos: Investigar os elementos linguísticos e discursivos presentes nas narrativas dos estudantes; compreender a relação e a diferença entre o discurso oral e escrito no ensino de Língua Portuguesa; perceber que a tradição oral é estabelecida pela mudança histórica, cultural e social; apresentar as concepções linguísticas utilizadas na análise.

A partir dessa vivência em sala de aula com os estudantes, acredita-se que a valorização, a resignificação e a reconstrução dessas narrativas populares locais contadas terão a capacidade de fomentar ainda mais o estudo linguístico pautado no ensino da oralidade, contribuindo na resignificação do linguajar local no contexto atual do ensino de Língua Portuguesa.

Sob esse panorama, a pesquisa-ação dialoga com os colaboradores, que são os estudantes da 3ª série do ensino médio de uma Escola Cidadã Integral Técnica, localizada na cidade de Lucena-PB. A turma aqui descrita é composta de 43 educandos matriculados, na faixa-etária entre 16 e 20 anos, sendo 25 meninas e 18 meninos. Sou a professora regente nas aulas de Língua Portuguesa, onde a maioria dos educandos é participativa, tendo

interesse nas atividades desenvolvidas em sala de aula. Considerando a realidade do ensino à distância diante do contexto pandêmico até início do ano de 2022, podemos destacar que foi bastante peculiar esse momento conturbado, por se tratar de etapas em que foi necessário se fazer adaptações, deste modo, a pesquisa se caracterizou num período no qual ficará marcado historicamente.

Conforme o cenário descrito acima, destes 43 estudantes, cerca de 30% frequentavam as aulas on-line. Os procedimentos metodológicos são embasados na pesquisa-ação, de cunho qualitativo de natureza participante por meio da análise interpretativa, os instrumentos utilizados foram: 1) Entrevista (Apêndices) com os 10 estudantes que estão participando das aulas; 2) Diário de campo e observação do ambiente escolar em 8 aulas de Língua Portuguesa; 3) Visitações e realização de um grupo focal com cerca de 10 estudantes participantes em 3 encontros (Anexo B); 4) Análise das atividades realizadas nessa turma analisada em comparação com o que foi falado nos momentos de entrevistas e grupo focal (Anexo C), abrindo espaço para as discussões, investigações sobre o assunto abordado.

A base teórica desta dissertação é formada, principalmente, pelas propostas de mediação dos respectivos estudiosos: Bakhtin (1992, 2003) com suas concepções acerca do Marxismo e Filosofia da linguagem, dos gêneros do discurso, Marcuschi (2001, 2003, 2010), abordando conceitos sobre a oralidade e o ensino de Língua, o contínuo da fala para a escrita, oralidade e escrita entre outros, Geraldi (2006) com concepções de linguagem e ensino de português, Aquino (2005) sobre oralidade e escrita na perspectiva para o ensino de língua materna, Castilho (1998) que discorre sobre a língua falada no ensino de português, Fávero (2005) acerca da coesão e da coerência textual, Bagno (1999) no tocante ao preconceito linguístico, Maurice Halbwachs (1990) sobre memória coletiva, Galvão (2015) também sobre a oralidade em sala de aula, Benjamin (1994) discute algumas reflexões sobre a história, a cultura, as artes e a literatura, e Ecléa Bosi (1994) relata sobre memória social, ancorado na velhice, entre outros.

É importante lembrar que não há estudos com o foco temático das narrativas orais e suas contribuições referentes ao ensino da oralidade em aulas de Língua Portuguesa no ensino médio, o que poderá auxiliar o ensino

público da cidade e o aperfeiçoamento na comunicação oral dos discentes, bem como proporcionar também o diálogo entre a escola, a comunidade, o município e a universidade, e as diversas faixas-etárias.

Dessa forma, a pesquisa foi dividida em quatro capítulos: introdução, como primeiro, no segundo capítulo discorremos sobre as reflexões da oralidade e escrita, seguindo com os tópicos sobre as práticas discursivas no ensino médio, considerações sobre oralidade e escrita no currículo de Língua Portuguesa no ensino médio, os elementos linguísticos e discursivos presentes na oralidade, a abordagem crítica da oralidade na escola e o professor como mediador no processo de construção e interação entre fala e escrita.

No terceiro capítulo, abordamos mais especificamente sobre a tradição oral no ambiente escolar, memória coletiva, a tradição oral como prática social, cultural e histórica, as narrativas orais e suas influências no ensino de Língua Portuguesa e a relação das narrativas orais com o ensino de oralidade.

No quarto capítulo, enfatizamos a metodologia, seguindo as etapas de realização da pesquisa e alguns apontamentos sobre a análise dos dados, como a caracterização da Pesquisa, análise da pesquisa de campo, análise do grupo focal com os estudantes, perspectivas dos estudantes sobre as narrativas orais, análise das visitas (aulas extraclasse) com estudantes e das observações de aula e análise documental: as narrativas orais a partir da produção de um Podcast.

Por fim, após traçarmos os resultados, seguimos para nossas considerações finais acerca do estudo.

2. REFLEXÕES SOBRE ORALIDADE E ESCRITA

Neste segundo capítulo apresentaremos inicialmente algumas reflexões sobre oralidade e escrita, tomando como apontamentos básicos as práticas discursivas no ensino médio, os elementos linguísticos e discursivos presentes na oralidade, considerações sobre oralidade e escrita no currículo de Língua Portuguesa no ensino médio, a abordagem crítica da oralidade na escola e o professor de Língua Portuguesa como mediador no processo de construção e interação entre fala e escrita.

2.1. As práticas discursivas no ensino médio.

Neste tópico discutiremos algumas concepções referentes às práticas discursivas no ensino médio, nas aulas de Língua Portuguesa no ensino médio, mais precisamente no campo de pesquisa aqui descrito.

Com a globalização o mundo contemporâneo tem se tornado uma imensa rede interligada ao ciberespaço, ou seja, as pessoas estão ligadas diretamente pela tecnologia, a cada dia o meio virtual vem ganhando espaço, principalmente entre os jovens. Mesmo parecendo mais próximos virtualmente, seja pela enorme disseminação de informações e conexões com várias pessoas ao redor do mundo, a verdade é que em sua maioria os indivíduos estão se distanciando não só fisicamente, mas histórica e culturalmente, mais precisamente, de suas práticas discursivas.

Por conseguinte, para as diversas maneiras de se relacionar com os outros, mesmo que seja por vários meios tecnológicos, é preciso preservar ainda as tradições e costumes locais, porém considerando a juventude conectada de hoje, ligada às transformações sociais, cabe ao professor conciliar sua prática educativa à sociedade informatizada e globalizada.

Conforme apontam as discussões sobre o ensino, principalmente no que se remete às aulas de Língua Portuguesa, ele deve estar inteiramente focado no texto e nos elementos que o compõem, das vertentes trabalhadas em partes, como por exemplo, leitura, produção de texto, análise linguística e oralidade. Entretanto, é necessário que o docente compreenda os diversos domínios que cada um desses eixos engloba, não só como algo restrito aos critérios internos, mas o conhecimento relacionado à competência

comunicativa, pois “as definições de texto que se propõem critérios mais amplos que os puramente linguísticos, tomam-no como uma unidade comunicativa e não como uma simples unidade linguística.” (MARCUSCHI, 2009, p.26).

Somando a isso, o texto possui, “toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo dos participantes da interação” (KOCH, 2006, p. 17). A autora aponta que no texto deve haver um acontecimento dialógico e comunicativo entre as ações linguísticas, sociais e cognitivas.

Como fazer um jovem se interessar em utilizar suas práticas discursivas no espaço escolar diante de uma demanda enorme de informações via internet? É possível arriscar estratégias relacionadas a sua vivência cotidiana?

Para chegar a uma conclusão é necessário compreender as mudanças do jovem atual, o seu interesse, a sua realidade, entretanto, o maior desafio consiste em um jeito de ensinar Língua Portuguesa que remeta à utilidade do bom uso da língua, buscando “meios de ensinar que levem em conta as sensações que a linguagem provoca no aluno.” (RIOLFI, 2013, p.9).

Na esfera pedagógica, as práticas discursivas são extremamente importantes para o desenvolvimento do ensino da língua, pois se dão por meio de textos, sejam orais ou escritos que concretizam uma atividade comunicativa utilizando princípios e normas discursivas.

Naturalmente todo sujeito é discursivo, pois constantemente a comunicação se estabelece através do ato comunicativo, essa capacidade só os seres humanos possuem, ou seja, língua e linguagem estão intrinsecamente ligadas.

Para Terra, Sousa e Fófano (2017),

língua e linguagem se manifestam no exercício da comunicação interacional e dialógico envolvendo enunciador e enunciatário, entre os quais se firmam valores e crenças a ser compartilhadas. Isso se torna uma realidade quando o enunciador estabelece um diálogo com o enunciatário não como um decodificador de mensagem, mas como um elemento ativo na construção do significado (TERRA, SOUSA, FÓFANO, 2017, p.156).

O fato de que as narrativas são repassadas e vivenciadas nessa oralidade fora da escola, devemos reconhecer que a oralidade não é exclusiva

da aula de LP, ela é parte fundamental do nosso cotidiano. Assim, o que se faz para trabalhar com a oralidade na aula de LP? Qual é o mérito de se trabalhar com as narrativas orais em aulas de LP?

Para tanto, conforme os autores acima, a língua e a linguagem são fenômenos ideológicos que se manifestam pela interação entre os sujeitos agregando valores, costumes, crenças que dialogam assim atribuindo significado. Ademais, “a esse conjunto de ideias, a essas representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens é o que comumente se chama ideologia” (FIORIN, 1993, p. 28).

Nesta perspectiva sobre as práticas discursivas no ensino médio há uma estrutura significativa que deve defini-las, deste modo, sua consolidação se caracteriza na atualidade, por isso é necessário que o professor de Língua Portuguesa não só aborde essas práticas como um instrumento pedagógico repleto de significados, mas também como uma rede conectada de ideias que embasam o processo cognitivo ressaltado na sua produção e recepção.

Apresentaremos no tópico seguinte uma análise dos elementos linguísticos e discursivos da oralidade.

2.2. Os elementos linguísticos e discursivos presentes na oralidade.

Neste tópico, apresentaremos algumas percepções sobre os elementos linguísticos e discursivos presentes na oralidade, ancorados nas contribuições do campo linguístico que tanto nos auxiliam na compreensão sobre o mundo da linguagem e a perspectiva por nós defendida.

Para Marcuschi (2001) os processos de retextualização consistem na mudança do texto oral em escrito ou do escrito em oral. Exibem-se como atividade muito importante no ensino de língua, uma vez que ajudam o estudante na compreensão das semelhanças e diferenças relativas às modalidades linguísticas.

Entretanto, a escola nem sempre utiliza essa prática de retextualização conforme aponta Marcuschi (2001), pois na maioria das vezes nosso trabalho em sala com o texto oral, ainda é visto em segundo plano, no entanto,

percebemos que a oralidade, assim como a escrita, precisa ser enfatizada, principalmente no ensino médio, já que precisamos formar estudantes mais fluentes em sua língua, seja em qualquer modalidade falada ou escrita, sabendo argumentar, se posicionar no que se é proposto em situações comunicativas.

Desta maneira, seria de grande valor que a proposta curricular abordasse esse aspecto mais efetivo na prática, o que, na verdade, em sua maioria não se constata na análise desta proposta, na qual confirma um aspecto não abordado no que remete à valorização dos textos de tradição oral. Como já mencionado anteriormente, o trabalho com textos de tradição oral valoriza a cultura da comunidade, além de fazer com que o estudante seja capaz de identificar algumas características típicas dessa modalidade. Sendo assim, a presença dessas narrativas orais é de suma importância no que diz respeito ao ensino de oralidade.

Para os autores Dolz, Schneuwly e Haller (2004), o eixo oralidade deve ser trabalhado como objeto autônomo de ensino, ou seja, trazendo uma concepção apresentada numa proposta em que:

A escola deve levar o aluno a ultrapassar as formas de produção oral cotidiana – uso espontâneo, informal da língua oral – para que possa refletir sobre seus diferentes usos, confrontá-los com outras formas mais institucionais, públicas, que sofrem outros tipos de restrições para a sua produção (JUIZ DE FORA, 2012, p. 41).

O documento aponta ainda que a oralidade, na maioria das vezes no espaço escolar, é vista em segundo plano, sendo irrelevante diante da escrita. Assim, destacam o papel da oralidade como sendo primordial para o desenvolvimento das capacidades de linguagem dos educandos, ou seja, é necessário que “os alunos tenham oportunidade de ler, escrever, ouvir e produzir oralmente gêneros de cada agrupamento, num movimento de retomadas e aprofundamentos – abordagem em espiral do ensino” (JUIZ DE FORA, 2012, p. 46).

Marcuschi (2001), que também é apresentado como um dos autores que fundamentam o conceito linguístico explanado sobre oralidade e escrita, possui uma proposta baseada na relação entre oral e escrito, designada por ele como

continuum entre oralidade e escrita de gêneros. Em conformidade com o autor, fala e escrita são modalidades pertencentes a uma mesma língua. Sendo assim, não devem ser consideradas de maneira dicotômica.

Toda a atividade discursiva e todas as práticas linguísticas se dão em textos orais ou escritos com a presença de semiologias de outras áreas, como a gestualidade e o olhar, na fala, ou elementos pictóricos e gráficos, na escrita. Assim, as produções discursivas são eventos complexos constituídos de várias ordens simbólicas que podem ir além do recurso estritamente linguístico (MARCUSCHI, 2007, p.13-14).

Convém ressaltar que, toda atividade discursiva se concretiza no contexto da escrita ou da fala, pois no nosso cotidiano “falamos com nossos familiares, amigos ou desconhecidos, contamos histórias, piadas, telefonamos, comentamos notícias, fofocamos, cantamos[...] organizamos lista de compras, escrevemos bilhetes e cartas, fazemos anotações e assim por diante.” (MARCUSCHI, 2007, p.13-14).

Assim, mesmo convivendo numa sociedade em que conceitos gerais para o tratamento das relações entre a fala e a escrita entraram de maneira bastante generalizada, é nítido que continuamos utilizando mais a fala do que a escrita.

Por conseguinte, a língua oral antecipa a língua escrita sendo a base da comunicação, vale ressaltar que ambas se diferem por exigir conhecimentos diferentes para que sejam utilizadas em seu contexto de uso. Deste modo, “a fala é um conjunto de sons sistematicamente articulados e significativos” (MARCUSCHI, 2001, p.25). Ela é uma forma de produção textual para fins comunicativos, para tanto, a língua se constitui por meio das relações sociais entre sujeitos, é o que aponta Bakhtin:

A língua materna, seu vocabulário e sua estrutura gramatical, não conhecemos por meio de dicionários ou manuais de gramática, mas graças aos enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos na comunicação efetiva com as pessoas que nos rodeiam (BAKHTIN, 2003, p.282).

Conforme o exposto acima é importante destacar que a língua só existe por meio de situações comunicativas, isto é, do uso entre locutores e interlocutores seja no contexto social, ideológico, cultural ou histórico.

Ademais, as discussões apontadas têm aberto espaço cada vez mais amplo sobre as modalidades da língua acerca das concepções que permeiam o ensino de Língua Portuguesa, pois é por meio dela que compreendemos a linguagem em todos os seus aspectos, sobretudo como prática social e interativa na sociedade. Pensar no processo de ensino aprendizagem não é só considerar a língua padrão no espaço escolar como a única e exclusiva forma correta, mas perceber também que ambas são facilitadoras de conhecimentos.

É de fato primordial que a escola perceba que, além das habilidades de leitura e escrita, deva assumir também como maior destaque o desenvolvimento do estudante no que se refere às habilidades relacionadas à interação oral, da mesma forma que se empenha em desenvolver as competências da comunicação escrita, tão importante quanto à comunicação oral. Deste modo, mesmo que o uso da fala seja mais amplo do que o da escrita não difere que uma tenha mais relevância do que outra, visto que os dois contextos linguísticos exercem seus respectivos papéis nas práticas comunicativas. Entretanto, a relação de poder na sociedade remete mais relevância à cultura escrita, atribuindo um valor social maior a esta segunda modalidade. É interessante destacar que a oralidade é representada em diferentes contextos sociais. Para Marcuschi:

a oralidade seria uma prática social, uma prática social interativa para fins comunicativos que apresenta sob várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora, ela vai desde uma realização mais informal a mais formal nos mais variados contextos de uso (MARCUSCHI, 2001, p.25).

Em consonância com a citação acima, a oralidade simultaneamente é concretizada nas relações sociais desde o início da vida humana. As situações sociais de comunicação formal ou informal necessitam da oralidade para que haja situação comunicativa de fato. Para tanto, o contexto de uso determinará qual linguagem usaremos, sendo uma forma de socialização e inclusão.

Deste modo, os princípios que constituem a oralidade não invalidam a relevância da escrita, pois compreende-se a precisão de estudar as questões relacionadas à oralidade como um ponto de partida para perceber o funcionamento da escrita. “Com esse objetivo, buscamos fornecer subsídios e reflexões que permitam melhor observar e analisar o funcionamento da fala como um passo relevante e sistemático para o trabalho com a escrita.” (MARCUSCHI, 2007, p.14).

No tópico a seguir esclarecemos sobre as concepções que norteiam a oralidade e a escrita no currículo de Língua Portuguesa no ensino médio e suas percepções em sala de aula pautadas na prática docente.

2.3. Considerações sobre oralidade e escrita no currículo de Língua Portuguesa no ensino médio.

Quando fazemos algumas reflexões sobre o ensino de Língua Portuguesa no âmbito escolar, apesar de ter vivenciado algumas mudanças, percebemos que o Currículo Escolar do ensino médio apresenta algumas fragilidades no ensino da língua materna. Diante deste dilema, surge o seguinte questionamento: Seria o currículo um dos principais responsáveis pelas defasagens no ensino de Língua Portuguesa?

Em primeira análise, é necessário refletir sobre o real sentido de alguns documentos curriculares que norteiam o ensino de Língua Portuguesa, entretanto ao analisar mais especificamente as duas modalidades da língua, a oralidade e a escrita, contidas no currículo, ainda é nítido que os estudos da língua materna na educação básica devem ser vistos com maior aprofundamento, pois sabemos que há uma defasagem nas habilidades e competências que se remetem a essas duas modalidades dentro do espaço escolar, principalmente da oralidade, seja em qualquer etapa de ensino.

Diante disso, os estudantes se tornam “usuários com o sentimento de não saber falar a própria língua, de ela ser muito difícil, de se perseguir um ideal quase inatingível - a norma culta escrita” (CUNHA; OLIVEIRA, MARTELOTTA, 2015, p. 81). Conforme acima, pensar no conceito de oralidade e escrita na escola consiste em atribuir uma funcionalidade para ambas, nas quais elas possam desempenhar funções que tenham a mesma importância

para a sociedade, mais precisamente como práticas discursivas essenciais ao desenvolvimento linguístico, pois:

as produções discursivas são eventos complexos constituídos de várias ordens simbólicas que podem ir além do recurso estritamente linguístico. Mas toda nossa atividade discursiva situa-se, grosso modo, no contexto da fala ou da escrita (MARCUSCHI, 2007, p.13-14).

É primordial reconhecer que as diversas situações comunicativas da língua corroboram a mediação didática, bem como representam os conhecimentos linguísticos existentes e devem ser vistas em sua totalidade, ressignificando assim as práticas linguísticas, levando os estudantes a perceberem as reais intenções do uso da escrita e da oralidade no contexto escolar.

Entretanto, o eixo oralidade ainda não é tão aprofundado no currículo como deveria, pois há “necessidade de estudar as questões relacionadas à oralidade como um ponto de partida para entender o funcionamento da escrita.” (MARCUSCHI, 2007, p.14). Desta maneira, em qualquer uma dessas circunstâncias, é provável constatar que a organização curricular do ensino médio em Língua Portuguesa, que se constituiu ao longo do tempo se caracterizou pela fragmentação do conhecimento linguístico, hierarquizando apenas a cultura escrita, de modo a não valorizar também a cultura oral no âmbito educacional. No entanto, o que preveem as Orientações Curriculares para Ensino Médio (2006) é que o ensino de Língua Portuguesa,

deve propiciar ao aluno o refinamento de habilidades de leitura e de escrita, de fala e de escuta. Isso implica tanto a ampliação contínua de saberes relativos à configuração, ao funcionamento e à circulação dos textos quanto ao desenvolvimento da capacidade de reflexão sistemática sobre a língua e a linguagem (BRASIL, 2006, p.18).

Essas afirmações indicam a necessidade da realização de uma profunda discussão curricular a partir dos fundamentos propostos para o ensino de LP e de qual modo tais pressupostos dialogam ou poderiam dialogar com as práticas curriculares reais da escola. Assim, atualmente uma das atribuições da escola é formar cidadãos que exerçam seu papel em uma sociedade letrada, portanto é preciso considerar que nas diversas áreas de conhecimento que compõem

os currículos escolares, em que as práticas pedagógicas são desenvolvidas, contendo objetivos de aprendizagem diferentes e específicos de cada disciplina, as habilidades devem ser trabalhadas e adquiridas pelos estudantes na leitura, escrita, oralidade e escuta.

Desta maneira, na educação linguística, que abrange reflexões sobre a língua contidas no ensino de LP, deve-se buscar uma formação que favoreça uma integração desses saberes linguísticos. Ademais, o eixo sobre oralidade deve ser inserido numa,

proposta integrada as práticas de leitura, escrita e reflexão sobre a língua no trabalho escolar com a língua materna [...] sustentado pelo princípio de que a interação pela linguagem oral é um importante fator de socialização e participação na vida cidadã (MAGALHÃES, 2017, p.63).

Diante disso, é indiscutível que as concepções do ensino de língua pautem mudanças sociais incluindo o estudante no mundo dos letramentos escolar e social, ampliando o domínio linguístico da oralidade e escrita em sua abundância de aspectos contextuais, com vistas à atuação social plena.

Sob esse viés, “referimo-nos ao imbricamento entre oralidade e escrita, de modo que o letramento escolar deve envolver práticas reais de uso da língua, por meio dos gêneros orais e escritos” (MAGALHÃES, 2018, p.114). Convém ressaltar que, o domínio da língua, seja na oralidade seja na escrita, se manifesta socialmente nos diferentes âmbitos de atuação cidadã, pois é na escola que a linguagem deve ser produzida de modo a se relacionar com as esferas da sociedade.

Seja no contexto escolar ou fora dela, é indiscutível que o educando deva dominar as competências e habilidades referentes à sua língua, relacionada às operações discursivas “bem como atuar na qualidade de sujeito em suas atividades culturais e sociais e em suas futuras atividades profissionais: em todas essas esferas, estamos em contato direto com operações linguísticas das mais diversas” (MAGALHÃES, 2018, p.127).

Desta maneira, os apontamentos de Magalhães (2018) destacam que nossas atividades são concretizadas no mundo social, em situações em que a linguagem é utilizada nas diversas modalidades conforme cada ação que

realizamos, deste modo, a língua deve ser vista como prática social para fins de uso nas diversas situações de interação.

Assim, as considerações sobre oralidade e escrita no currículo de Língua Portuguesa para o ensino médio apontam que é preciso promover na escola momentos de experiências significativas de uso da língua na modalidade oral e escrita com o intuito de aprender a atuar socialmente por meio da linguagem.

Portanto, fomentar reflexões que façam progredir a educação linguística na atualidade, pesquisas são necessárias para focar de que modo o docente pode fazer tais adaptações na sua prática didática, considerando não apenas os documentos oficiais, mas os livros didáticos, os projetos da escola, as dificuldades dos estudantes e os seus próprios saberes, para que tenhamos contribuições eficazes no ensino da oralidade e da escrita e a escola consolide seu importante papel no desenvolvimento da linguagem.

Com o tópico a seguir daremos andamento com uma visão crítica da oralidade no espaço escolar e sua real função em sala de aula.

2.4. A abordagem da oralidade na escola.

Como mencionado anteriormente, é essencial que a escola perceba que além das habilidades de leitura e escrita, ela assuma também com maior destaque o desenvolvimento do educando no que se refere às habilidades relacionadas à interação oral, da mesma forma que se empenha em desenvolver as competências da comunicação escrita, tão importantes quanto comunicação oral. Assim, é preciso considerar que ambas são essenciais para todas as esferas de integração social.

Mesmo que o uso da fala seja mais amplo do que o da escrita, isso não difere que uma tenha menos importância do que a outra, pois os dois contextos linguísticos exercem suas funções nas práticas comunicativas. Entretanto, a relação de poder na sociedade remete mais relevância à cultura escrita, atribuindo-lhe assim um valor social maior.

Nessa direção, “a oralidade não é um ideal, e nunca foi. Abordá-la positivamente não é defendê-la como um estado permanente para qualquer cultura” (ONG, 1998, p. 195). A expressão oral sempre existiu até mesmo antes da escrita, mas é preciso considerar que a escrita nunca existiu sem a oralidade, entretanto, ambas são essenciais para a comunicação humana.

Apesar das raízes orais de toda verbalização, o estudo científico e literário da linguagem e da literatura, durante séculos e até épocas muito recentes, rejeitou a oralidade (ONG, 1998, p. 16).

Segundo BAKHTIN (1994), a linguagem deve ser analisada a partir da interação entre os indivíduos dentro de uma prática social; a língua falada tem vida e se transforma constantemente pela própria pressão do uso cotidiano: ela não pode ser separada do fluxo da comunicação verbal. Dessa maneira, de acordo com Marcuschi (2003, p.17), “sob o ponto de vista mais central da realidade humana, seria possível definir o homem como um ser que fala e não como um ser que escreve.”

No que concerne à oralidade, ela se encontra presente na vida do ser humano nas diversas situações de interações da sociedade. Ainda segundo o autor, a fala exibe função fundamental na edificação humana, por isso não precisamos avaliar a fala como superior, uma vez que tanto a escrita como a oralidade são práticas significativas para a perpetuação da língua, partilhando relações em seu funcionamento e afetando-se reciprocamente.

Neste contexto, as discussões apontam, segundo alguns documentos oficiais da educação, tal como acontece à Base Nacional Comum Curricular (BNCC-2018), na qual os conceitos e objetivos para o ensino da oralidade aparecem como colaboração não para o ensino de LP. Visto que contribui com o desenvolvimento e valorização da oralidade nas práticas sociais, com uma nova perspectiva que não seja sinalizada apenas pelas semelhanças e diferenças entre a escrita e a fala, definindo que ambas devem ser aprendizagens necessárias para o ensino da língua. É preciso levar em consideração que:

A fala é uma atividade muito mais central do que a escrita no dia a dia da maioria das pessoas. Contudo, as instituições escolares dão à fala atenção quase inversa à sua centralidade na relação com a escrita. Crucial neste caso é que não se trata de uma contradição, mas de uma **postura** (MARCUSCHI, 1997, p. 39, grifo do autor).

Nesse sentido, a escola tem um papel fundamental no desenvolvimento das habilidades e competências da oralidade, tanto quanto as da escrita com os discentes nas diversas etapas de ensino, tendo em vista ser um espaço no qual as aprendizagens se processam. Conforme os documentos oficiais que

regem o currículo, no decorrer da Educação Básica, esses ensinamentos essenciais são definidos para assegurar aos estudantes não só o desenvolvimento de competências no âmbito pedagógico, como também o direito às aprendizagens.

Nem sempre a oralidade possui um lugar de pertencimento no espaço escolar, isto é, ainda há ausência de situações de comunicação espontâneas que incluam os modos de falar. Para tanto, a escola necessita incluir os modos de falar presentes nas relações sociais. Sobre o ensino de oralidade é interessante lembrar que ele não é realizado de maneira separada dos outros aspectos do ensino de língua.

Assim, é relevante que o âmbito escolar aborde de uma maneira mais ampla e reflexiva os aspectos que norteiam a oralidade e escrita segundo os documentos curriculares que orientam o ensino de Língua Portuguesa, pois as duas práticas devem possuir referência direta na sociedade contemporânea.

No tópico seguinte apresentaremos sobre a relação entre fala e escrita e a função do professor como mediador neste processo.

2.5. Professor de Língua Portuguesa como mediador no processo de construção e interação entre fala e escrita.

Uma perspectiva que se torna interessante no trabalho com a Língua Portuguesa para o professor ocorre por meio da apresentação e discussão das diferenças referentes entre fala e escrita, visto que nem tudo que se escreve se fala, nem tudo que se fala se escreve.

Cotidianamente, utilizamos a linguagem informal com mais frequência, na linguagem oral fazemos uso de palavras sem nos atentarmos com o uso formal da língua, visto que “nesse caso, o falante não está preocupado com o que é ‘certo ou ’errado’ segundo as regras ditadas pela comunidade” (TERRA, 2008, p. 84).

Ao contrário, na escrita, o indivíduo apresenta preocupação ao escrever as palavras, pois esta modalidade necessita ser pensada, planejada e elaborada com mais cautela. No entanto, também há uma relação com o contexto de produção, mas muito menos marcado do que na oralidade.

Com base nos conceitos sobre oralidade de Marcuschi (2007), a língua historicamente surgiu bem antes da escrita, sendo a prática social da linguagem mais usada e estando presente em todos os contextos sociais da vida humana, pois é uma das formas mais recorrentes do ser humano socializar-se. Pois, como afirma Marcuschi o uso da oralidade é “mais do que uma decorrência de uma disposição biogenética, o aprendizado e o uso da língua natural é uma forma de inserção cultural e de socialização” (MARCUSCHI, 2007, p. 18).

É perceptível que “a oralidade enquanto prática social é inerente ao ser humano e não será substituída por nenhuma outra tecnologia” (MARCUSCHI, 2007, p. 36), assim, a língua é socialmente desenvolvida e aperfeiçoada pelos seus usuários, sendo constituída pela identidade social, histórica, regional, cultural, grupal dos sujeitos. Deste modo, isso pode ser reiterado pela premissa de que alguns seres humanos vivem sem escrever (há comunidades ágrafas), mas com bem maior frequência, o ser humano não vive sem se comunicar oralmente.

É perceptível que “a oralidade enquanto prática social é inerente ao ser humano e não será substituída por nenhuma outra tecnologia” (MARCUSCHI, 2007, p. 36), assim, a língua é socialmente desenvolvida e aperfeiçoada pelos seus usuários, sendo constituída pela identidade social, histórica, regional, cultural, grupal dos sujeitos.

Desta maneira, como agente mediador dessa interação linguística devemos perceber que tanto a língua oral quanto a escrita estão inclusas na gramática e cursam um percurso análogo. Neste sentido, o que concerne à fala, também acontece com a escrita, pois da mesma maneira que empregamos a fala adequada a um momento mais formal, a escrita também segue a mesma regra de formalidade dependendo do contexto.

Naturalmente a fala se processa, “é apreendida por meio da tradição oral e tem caráter funcional, é inovadora por suas tendências livres” (BAGNO 2004). Conforme Koch (2007) aponta, a fala exhibe propriedades distintas por ser algo mais espontâneo, ou seja, não planejada, entretanto, a fala no espaço escolar ainda é vista de maneira excludente, marginalizada, justamente por nem sempre ter uma regra formal da língua. Já a escrita se caracteriza de

forma mais elaborada formalmente, se tornando mais privilegiada pela sociedade e mais especificamente no âmbito educacional.

Diante disso, enquanto professores de Língua Portuguesa, não podemos ignorar ou excluir o trabalho com a oralidade na sala de aula, como recomendam os documentos oficiais, como se ela não existisse ou não fizesse parte da condição humana, já que na maioria das vezes, como Marcuschi (2007) afirma, a escrita é fator de exclusão social da fala, sendo obrigada a tornar-se privilegiada na sociedade, mesmo se ambas as modalidades da língua obtiverem a mesma importância para a comunicação.

É importante frisar que a língua escrita serve de registro permanente, sendo empregada para a transmissão do saber e da cultura, permitindo a facilidade de leitura de documentos e livros (BAGNO, 2004). Assim, a gramática estabelece regras de uso de maneira formal, pois “a língua escrita é a manifestação formal do letramento e sua aquisição se dá através dos meios formais: a escola” (MARCUSCHI, 2007, p. 18).

Para tanto, ao ser obtida nesse contexto formal, “apresenta um caráter prestigioso e torna-se um bem cultural desejável” (Ibid., p. 18). “Os usos da escrita, no entanto, quando arraigados numa dada sociedade, impõem-se com uma violência inusitada e adquirem um valor social até superior à oralidade.” (MARCUSCHI, 2007, p. 17).

O debate em questão, é não sentenciar a superioridade da escrita sobre a fala, pois ambas não são estáveis as mudanças da língua já que há vários aspectos que precisam ser considerados nelas, como por exemplo, “a fala tem aspectos contextuais e pragmáticos que a escrita não revela, e a escrita tem aspectos que a linguagem oral não usa” (CAGLIARI, 2007, p. 37). O autor ainda aponta que:

A escola comumente leva o aluno a pensar que a linguagem correta é a linguagem escrita, que a linguagem escrita é por natureza lógica, clara, explícita, ao passo que a linguagem falada é por natureza mais confusa, incompleta, sem lógica etc., nada mais falso (CAGLIARI, 2007, p. 37).

Perante esta constatação, em sua maioria, a língua portuguesa é vista como difícil de falar, escrever. Como sabemos, diante das regras gramaticais realmente a língua se torna difícil, porém a comunicação oral independe de regras da norma culta, onde todos conseguem se compreender diante das

variações que ela apresenta, pois a oralidade tem o auxílio do contexto de fala. A escrita não. Às vezes é quase impossível descrever o contexto na forma escrita. Talvez esse seja um dos aspectos que às vezes nos leva a ter dificuldade na escrita.

Assim, é preciso propiciar atividades em sala que promovam a interação entre fala e escrita. Para que uma não estigmatize a outra, é importante frisar que a língua poderá viver sem a gramática da língua padrão, no entanto, não existe gramática sem uma língua antecedente existente.

Portanto, o universo linguístico diverso do português brasileiro traz sua riqueza pela linguagem oral, popular, mesmo ficando em segundo plano na gramática. Assim, o processo de interação entre fala e escrita se faz pertinente a esta pesquisa justamente por abordar a relevância da cultura dos falantes brasileiros por meio da oralidade, na qual a escola enquanto espaço formador e inclusivo na maioria das vezes exclui esses falantes de sua própria cultura linguística.

É imprescindível rever a maneira que abordamos nas aulas de Língua Portuguesa o trabalho referente a essas modalidades da língua, pois a fala mesmo sendo uma prática interativa, ainda fica à margem da língua escrita, e sua relevância sendo recusada até em sala de aula. O documento, Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), apesar de ainda dar um tratamento ínfimo à modalidade oral, asseguram que ela deve ser contemplada nas propostas oficiais de ensino da Língua Portuguesa para que haja realmente sentido nos usos da língua de maneira construtiva.

Neste sentido, é importante, abrir espaço para a oralidade nas salas de aula de LP e ainda levar o/a estudante a refletir e analisar linguisticamente expressões usadas no cotidiano da fala dos alunos e, não apenas as consagradas pela norma culta. Ao valorizar e diferenciar a fala do estudante e as questões da oralidade dos alunos o ensino de LP ganha sentido (novo).

Daremos andamento ao capítulo 3 com as contribuições e concepções acerca da tradição oral no ambiente escolar.

3. A TRADIÇÃO ORAL NO AMBIENTE ESCOLAR

Neste capítulo, abordaremos mais especificamente sobre a tradição oral no ambiente escolar, discutindo sobre a memória coletiva, a tradição oral como prática social, cultural e histórica, as narrativas orais e suas influências no ensino de Língua Portuguesa e a relação das narrativas orais com o ensino de oralidade.

No tópico seguinte daremos continuidade sobre o conceito de memória coletiva e sua importância para os grupos sociais na construção de momentos históricos na sociedade, pois ela desempenha um papel essencial nos processos históricos e culturais, enfatizando momentos históricos significativos e, por conseguinte, preservando o valor do passado para os grupos sociais.

3.1. Memória Coletiva de um povo.

Ao tratar da memória compreendemos que ela reconstrói o passado por meio da lembrança coletiva. A memória coletiva consiste numa ação social, na reconstrução do passado vivenciado por uma determinada sociedade, isto é, os diversos grupos sociais são formadores da memória coletiva.

A memória representa o passado que se encontra no presente, isto é, as lembranças se constroem socialmente entre as pessoas. Vale destacar que os idosos são muito importantes na construção da memória histórica, social e cultural da sociedade. Eles exercem um papel social na vida atual, o de relatar suas histórias, contar e lembrar para as novas gerações a sua história de vida. Apesar de serem na maioria das vezes excluídos de seu grupo social, são memórias vivas de uma sociedade, pois “a memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.” (ÉCLEA BOSI, 1994, p.47).

Maurice Halbwachs (1990), sociólogo francês, ao tratar da Memória Coletiva relata: “as lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais, só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos.” (HALBWACHS, 1990, p.26). Nesse sentido, o autor reforça que ela não acontece no individual, depende do outro, ou dos outros, para se tornar um acontecimento coletivo.

Para Halbwachs (1990) a memória coletiva só é acionada se as memórias individuais constituírem os traços necessários. Portanto, a memória individual tem a capacidade de absorver da memória coletiva fatos relacionados às suas lembranças, como se a memória individual resultasse de um ponto de vista da memória coletiva, e este ponto de vista modifica segundo o ambiente que a pessoa ocupa. E este ambiente modifica conforme as relações que a pessoa mantém com outros meios, lugares. “Diferentemente, ao contar expomos nossa visão subjetiva contida na memória, pois” o sentido do que somos depende das histórias que contamos [...], em particular das construções narrativas nas quais cada um de nós é ao mesmo tempo, o autor, o narrador e o personagem principal” (LARROSA, 1999, p. 52).

Ecléa Bosi (1994) traduz as ideias de Halbwachs (1990), explicando que:

A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, a escola, a igreja, com a profissão, enfim com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo. [...] Se lembramos é porque os outros, a situação presente, nos fazem lembrar[...] (ECLÉA BOSI, 1994, p.54).

Nesta perspectiva, o aprimoramento dessas relações pode contribuir com a fomentação da memória coletiva na escola, pois sabemos da importância de cultivar a memória coletiva, as lembranças que podem ressignificar a história, a própria existência, valorizando assim a tradição oral, sendo resgatada em sala de aula.

A escola perde ao não destacar a importância da memória coletiva expressada pela oralidade, pois a língua de um povo é fator social de legitimidade estabelecendo, assim, as identidades linguísticas do falante. O trabalho com a oralidade deve ser incluído em sala de maneira efetiva, assim como a leitura e a escrita de mitos e lendas locais, passados de geração a geração, oralmente.

Consideramos que é na tradição oral dos mitos e lendas locais enfatizados na sala de aula que a memória coletiva, cultural e histórica pode ser valorizada e resgatada. Nesse sentido os mitos e lendas locais compreendem a transmissão do conhecimento de um povo, passado pelos antepassados, sendo uma importante fonte da memória popular.

A partir dos estudos de Halbwachs (1990) sobre memória coletiva, determina-se que o fenômeno das lembranças ao longo do tempo se efetiva nos contextos sociais, ocasionando a reconstrução dessas recordações, nunca de maneira isolada, mas sempre coletiva, desta forma influenciam-se mutuamente.

Viver em sociedade diante do tempo mostra-se no presente que a complexidade das memórias que foram construídas faz parte do passado que é permanentemente reconstruído e vivenciado por meio da resignificação entre os grupos sociais. "A memória poderá ser conservação ou elaboração do passado, mesmo porque o seu lugar na vida do homem acha-se a meio caminho entre o instinto, que se repete sempre, e a inteligência, que é capaz de inovar" (ECLÉA BOSI, 1994, p. 68).

Dessa forma, a sociedade letrada ou não se apropria da memória coletiva dos mitos e lendas locais, por meio da oralidade, pois ela possibilita a interação entre os grupos sociais. Cada pessoa leva em si uma lembrança, desta maneira está sempre interagindo com as demais pessoas. São através dessas relações sociais que se constroem as memórias, as lembranças, isto é, essas relações possibilitam determinadas formas de viver em sociedade.

Segundo Ecléa Bosi (1994), a memória dos idosos constitui a história social bem desenvolvida, já que ultrapassou um determinado tipo de época e sociedade, sua memória atual é mais definida do que uma memória jovem. "Um verdadeiro teste para hipótese psicossocial da memória, encontra-se no estudo das lembranças das pessoas idosas" (ECLÉA BOSI, 1994, p.60). Muitas delas vivem dessas memórias.

No entanto, apesar de todas essas questões acerca da memória, da tradição oral, atualmente há poucas oportunidades para inclusão do resgate da memória por meio da oralidade, da tradição oral em sala de aula. O professor precisa reconhecer a importância da sua cultura e história por meio da tradição oral no espaço escolar, perpassando os "*muros*" da escola, em busca da oralidade dos idosos, ou seja, dos mais experientes, para relatarem suas histórias do passado, ativando e exercitando suas lembranças por meio do diálogo, levando-os a perceber como cidadãos atuantes na sociedade.

Nesse sentido, recorre-se às ideias de Ecléa Bosi (1994) que considera que há um momento na vida em que o homem maduro deixa de ser um

membro ativo da sociedade, mas passa a ser um “repositório” de muitas histórias e de muitas memórias. Segundo a autora,

Nas tribos primitivas, os velhos são os guardiões das tradições, não só porque eles as receberam mais cedo que os outros, mas também porque só eles dispõem do lazer necessário para fixar seus pormenores ao longo de conversações com outros velhos, e para ensiná-los aos jovens a partir da iniciação. Em nossas sociedades estimamos também um velho porque, tendo vivido muito tempo, ele tem muita experiência e está carregado de lembranças. Como, então, os homens idosos não se interessariam apaixonadamente por esse passado, tesouro comum de que se constituíram depositários, e não se esforçariam por preencher, em plena consciência, a função que lhes confere o único prestígio que possam pretender daí em diante? (ECLÉA BOSI, 1994, p.92).

Assim, os conhecimentos da tradição oral serão guardados e transmitidos oralmente, sem serem extintos com o tempo, proporcionando também vínculos entre as pessoas. De acordo com Halbwachs (1990), para compreender o universo mental de um povo é preciso mergulhar no seu mundo, viver sua vida, no tempo e no espaço. “Consideramos agora a memória individual, ela não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros.” (HALBWACHS, 1990, p.54).

A constituição dessa memória, então, se dá na interação com outras memórias individuais, em um cruzamento de lembranças. “A função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é a mais apropriada a ele.” (ECLÉA BOSI, 1994, p.68). Para ela, a unidade individual guarda ilesas as imagens do passado, porém podem modificar conforme as condições concretas do seu desenvolvimento.

Em “*Memórias de Velhos*”, a autora explica que o homem ativo, independente de idade, “se ocupa menos em lembrar, exercendo menos sua memória, ao passo que o homem já separado dos trabalhos mais prementes do cotidiano se dá mais habitualmente à recordação do seu passado” (ECLÉA BOSI, 1994, p.63). Quem convive com avós ou com pessoas mais velhas, vivencia essa experiência. Na função social da pessoa mais velha esse exercício de resgate é o que o caracteriza e o que o remete adiante.

Para tornar mais evidente, a identidade coletiva é construída historicamente por meio dessas narrativas de vida compartilhadas, estando diretamente relacionadas às memórias individuais que cada indivíduo traz consigo, pois “se a memória é ‘geradora’ de identidade, no sentido que participa de sua construção, essa identidade, por outro lado, molda predisposições que vão levar os indivíduos a ‘incorporar’ certos aspectos particulares do passado, a fazer escolhas memoriais” (CANDAU, 2012, p.19).

Embora a memória dos idosos por meio da oralidade seja pouco enfatizada em nossa sociedade, perdendo-se ao longo do tempo por falta da valorização e da transmissão, se faz necessário adotar em sala de aula práticas pedagógicas que valorizem de maneira significativa a tradição oral pautada na cultura e história local, isto é, as escolas devem estar sensibilizadas quanto à valorização da inclusão dos saberes orais de um povo, incluindo-os em seu currículo.

Para compreender melhor como a tradição oral pode ser ampliada na escola, no próximo tópico discutiremos a respeito da tradição oral como prática social, cultural e histórica.

3.2 A tradição oral como prática social, cultural e histórica.

A tradição da história falada é expressa por meio da literatura oral dos contadores de histórias, dos antepassados que costumavam contar histórias para os mais jovens. Histórias que traziam em seu contexto vários aspectos culturais de um determinado lugar, como por exemplo, as lendas e mitos que foram retratados neste trabalho.

Os mitos e lendas desde muito tempo fazem parte da oralidade, ou seja, são representadas pela tradição oral, no entanto, ambas apresentam características distintas. As lendas são narrativas orais que esclarecem fatos sobrenaturais e misteriosos, mesclando casos reais e imaginários por meio da fantasia fazendo parte da literatura oral.

Para tanto, é preciso nos perguntarmos em que consiste a “[...] Literatura oral? Literatura popular?... Serão as narrativas que ainda se transmite oralmente, ou também aquelas que já foram registradas por escrito, incluídas no conceito?” (MACHADO, 2008, p.13). Em conformidade com

Machado (2008), a literatura popular expressa à tradição oral a demonstraco artística popular, então entraria em qualquer termo interrogado acima. Convém ressaltar que a literatura oral, seja ela manifestada pelos contos populares, lendas, contos de assombração, cordel, entre outros, é inserida de maneira mais fácil no universo infantil, jovem, ou seja, ouvir histórias orais é mais comum e cultural desde a infância, assim quando incluída no âmbito escolar torna-se instrumento pedagógico repleto de significados.

Deste modo, as lendas são histórias narradas que retratam a tradição popular, fazendo assim parte da cultura. Com o passar do tempo as lendas são transformadas através da oralidade e fantasia do povo. Por serem frutos da imaginação são repassadas de geração a geração, não havendo esclarecimento científico e nem lógico para tais narrativas.

Além do mais, não se pode ignorar o estudo das narrativas míticas, das lendas e dos mitos "enquanto representações da realidade, de um certo modo de viver e de pensar, de um imaginário coletivo fundamental para a compreensão do passado" (FONTES, 2021, p. 91). Para Mattoso (1997), a memória coletiva baseia-se numa reconstituo imaginária, mítica, mesmo quando resulta da transmissão escolar, porque condiciona, muitas vezes, os comportamentos coletivos. Os mitos, diferentemente das lendas, são narrativas orais usadas pelos povos de antigamente para esclarecer acontecimentos da realidade e feitos da natureza que não eram abrangidos por eles.

Desta maneira, essas narrativas orais usam de muita simbologia, figuras sobrenaturais, divindades e heróis, sendo mesclados com acontecimentos reais, tendo como objetivo transmitir informações e esclarecer coisas que a ciência ainda não havia explanado conforme as credences populares produzindo assim significados para a existência.

Nesse sentido, os mitos e lendas eram contados nos momentos de lazer entre as pessoas, em rodas para enfatizar as crenças de um povo por meio do contador de histórias, eram também usadas para disciplinar os mais novos, influenciando no comportamento. Dependendo da memória do contador essas narrativas podem ser breves ou até mesmo longas. Por ser uma concepção coletiva, os mitos e lendas dentro da tradição oral não possuem propriamente uma autoria dessas histórias, isso faz com que as inspirações e imaginação de seus contadores tragam uma característica a mais nas suas narrativas.

Diante desta realidade se faz necessário refletir sobre a importância da tradição oral como prática social nas comunidades locais, mesmo em meio a era tecnológica, ainda se constata a existência de contadores de histórias, com suas mentes imaginárias que transmitem e estimulam o pensamento dos mais jovens, que já não contém a mesma desenvoltura. Para tanto, “a tradição oral é um discurso, uma fala. É uma forma de as sociedades espelharem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações.” (ROCHA, 1999, p.07).

Em síntese, é a expressão do pensamento que se concretiza no ato da fala, a imaginação humana se materializa por meio de um mundo lendário e mítico, é inegável, diante deste cenário da transmissão oral, o poder da palavra falada como instrumento de valorização histórica, pois os povos expressam suas identidades culturais conforme cada história narrada, construindo assim coletivamente seus valores ancestrais.

Nesse contexto, este trabalho mostra como o estudo voltado para a tradição oral influencia as práticas discursivas dos estudantes, bem como na valorização da cultura da região, criando um sentimento de pertencimento histórico e social.

No tópico seguinte enfatizamos sobre as contribuições das narrativas orais e suas influências no ensino de Língua Portuguesa.

3.3 As Narrativas orais e suas influências no ensino de Língua Portuguesa.

Em uma primeira análise, as narrativas orais são essenciais para o desenvolvimento da oralidade, elas se misturam com gestos e expressões uma vez que estas se baseiam em contar algo para alguém sem escrever, contar através da fala, interação entre pessoas que se conservem em grupos para esta ação discursiva. Em se tratando da educação formal, trabalhar oralidade em sala de aula ainda é um desafio, porém as narrativas populares tornam-se cada vez mais atrativas mesmo no ensino on-line. Alves afirma que:

Mesmo com o conto exposto virtualmente, o importante é que é a memória e a imaginação das pessoas continuam cada vez mais aguçadas e criativas, pois não perdemos, nem perderemos o prazer de contar, ouvir/ler histórias que marcam a nossa cultura, os nossos costumes; histórias contadas que veiculam saberes da condição humana, o saber popular, refletem sentimentos típicos do ser humano, que vêm à tona ao ouvirmos as narrativas populares. São crenças compartilhadas, valores do imaginário coletivo que mostram uma visão do mundo e que são significativos para a cultura de qualquer comunidade (ALVES 2017, p.80).

Com base no exposto acima os contos orais ainda exercem grande função social, cultural e literária na sociedade, ilustram as crenças e costumes de um povo, mesmo em outros suportes de divulgação, pois a tecnologia é uma grande aliada para educação, entretanto, é preciso que haja integração entre ambos, independente de canal ou suporte, os significados ligados a oralidade devem permanecer por meio da interação entre os interlocutores.

Nesse sentido, as aulas de Língua Portuguesa precisam não apenas trazer as narrativas orais para a sala de aula, mas incluir a oralidade como componente enriquecido de conhecimento. Contudo, sendo a escola um lugar de saber legitimado, quando a própria desconhece ou invalida as narrativas orais como instrumento de conhecimento popular, confirma as relações de poder que sustentam apenas a cultura escrita, sendo assim, estudar as influências das narrativas orais em sala de aula deve ser, sobretudo, a valorização da identidade linguística de cada estudante.

Além disso, priorizar o ensino de Língua Portuguesa consiste em considerar que as narrativas orais, como ditos anteriormente, favorecem a valorização do falar a língua, respeitando não só os aspectos culturais que fazem de cada falante um ser peculiar e subjetivo, mas com a prática pedagógica que reproduz a ideia de que o exercício da cidadania deve ser conquistado a partir de um conhecimento linguístico.

Nesta visão, o conhecimento da língua garante que todo falante possui um saber linguístico, no entanto, mesmo o currículo abordando que a oralidade seja a centralidade na prática pedagógica no ensino da língua, assim como a escrita, em sua maioria a expressão da linguagem oral dos educandos é deixada de lado, por não seguir a norma padrão estabelecida.

Dado o exposto, as narrativas orais são partes constituintes da linguagem e dos indivíduos, e estudá-las em sala de aula tem várias dimensões, dentre elas, o prestígio e o estudo da língua falada pelos discentes. Desta maneira, elas necessitam ser vistas como produtoras de conhecimento, como parte da identidade não só de estudantes, mas de toda comunidade escolar, afinal, cada integrante também traz consigo, na oralidade, as marcas de quem são.

Como sabemos, as manifestações culturais da tradição oral concebem práticas educativas informais, que comunicam um saber visível sobre a história, a cultura, a natureza, o cotidiano, o trabalho e a moral social da comunidade. Assim, se definem com regras, normas das ações entre os sujeitos inseridos nos campos culturais e sociais, pois exercem princípios imprescindíveis à vida.

Como citado anteriormente, a tradição oral remete ao legado de conhecimentos diversos, transmitidos de boca a ouvido, de geração em geração, se manifesta por meio dos mais variados suportes da memória (narrativas, contos, cantos, provérbios, lendas, rituais religiosos, entre outros).

Por conseguinte, a experiência de vida é constituída pelas diversas tradições culturais que se remetem à transmissão de saberes de um povo, seja pela palavra, escrita, dita ou ouvida, como já mencionado. O homem é um ser social por natureza, pois necessita de comunicação para viver em seu meio.

Cunha e Lima afirmam:

[...] expressões fortes que as comunidades reconhecem e processam como expressões de sua identidade: As relações de parentesco e solidariedade e formas de lidar com o cotidiano, na saúde, no trabalho, nas concepções de mundo, de vida e de ser humano, bem como as festas e grupos culturais [...] (CUNHA JÚNIOR; LIMA, 2002, p. 6).

É indiscutível que as tradições orais estejam diretamente relacionadas às culturas indígenas e afrodescentes, pois representam a expressividade popular por meio da comunicação, se caracterizam historicamente na memória e nas relações humanas com o meio, seja na esfera pessoal, profissional, no lazer, na religiosidade e cura, na herança histórica e cultural, constituindo relevantes expoentes da literatura oral.

Além disso, a inclusão de conteúdos pautados nas culturas afrodescendentes e indígenas nos currículos escolares é nitidamente necessária, já que nos próprios documentos que norteiam o ensino de Língua Portuguesa ainda é algo que precisa ser fortalecido. Tendo em vista esses aspectos, a tradição oral, por exemplo, oferece à prática docente e ao processo de ensino aprendizagem a oportunidade de se reconhecer como sujeito falante a partir de sua diversidade cultural.

Simultaneamente, convém observar que o ensino e aprendizagem são articulados, pois “é importante que autores envolvidos nesse processo estejam atentos às mudanças dos valores culturais” (PEREIRA, 2010, p. 51). Conforme o autor aponta, existe interação entre diversas aprendizagens que colaboram para uma visão ampla do seu meio social, bem como facilitam o contato com as diversidades culturais por meio das diferentes linguagens no espaço escolar.

Neste sentido, é primordial perceber que a tradição oral é algo cultural que deve ser valorizada no ambiente escolar por retratar as influências e os modos de compreensão da nossa cultura em sociedade. No tocante à contextualização histórica da tradição oral torna-se eficaz por expressar o valor e o esclarecimento sobre a história oral, a investigação relacionada ao motivo da extinção dessa tradição oral.

Dentre os vários motivos que levaram ao estudo da tradição oral, é clara a precisão da escola em perceber a necessidade de alinhamento entre a oralidade, a leitura e a escrita. Outro fator imprescindível é dar uma maior ênfase à oralidade em contextos da educação formal, pois as práticas sociais da língua fomentam o desenvolvimento social e cognitivo dos educandos de maneira satisfatória.

É pertinente elencar que a oralidade é sinônimo de interação entre os indivíduos, deste modo, quando os contadores expressam, contam suas histórias eles estão interagindo com as demais pessoas, desempenhando um papel social, sendo transmissor de conhecimentos, saberes historicamente acumulados com o tempo, bem como promovendo um ato de escuta que representa a expressão oral carregada de sentidos e marcas de existência ao que se fala e ouve.

No limiar do contexto histórico, a tradição oral ainda ocupa um lugar muito importante na cultura local, com a ressignificação e resgate da cultura oral, pois “cada geração tem a memória de acontecimentos que permanecem como pontos de demarcação em sua história.” (BOSI, 1998, p.418) e, sob esse viés, exprimem a sabedoria de um povo, conhecimento e contribuição para a história local.

Assim, a identidade e a memória podem ser valorizadas e desempenhadas por meio da oralidade no espaço educativo, inserindo uma abordagem reflexiva em relação às práticas de linguagens, como também compreender que ela exerce poder dentro de cada contexto como meio constituinte nas práticas discursivas, bem como nos processos educativos na transmissão de saberes voltados para as práticas ancestrais. Nesta perspectiva, as culturas tradicionais tendem a compartilhar os saberes oralmente dando continuidade às suas tradições.

Dentro dessas tradições, destacamos neste trabalho a importância de trazer as narrativas orais de Lucena-PB. É sobre essas narrativas que trataremos no próximo tópico.

3.4 A relação das narrativas orais com o ensino de oralidade.

A oralidade em sala de aula torna-se significativa quando os educandos refletem sobre a problematização relacionada à tradição oral na comunidade, a qual vem sendo esquecida ao longo do tempo. Para melhor embasar essas ideias, reporta-se mais uma vez a obra de Ecléa Bosi (1998):

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo 'atual' das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra 'desloca' estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva, ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e permanente, oculta e invasora (ECLÉA BOSI, 1998, p. 46-47).

Assim, a memória deve ser acionada, estimulada pelas lembranças, ligando passado e presente, o momento proporcionando a constituição da história individual e coletiva, confirmando os conceitos de Ecléa Bosi, retratados em sua obra *“Sociedade e memória: Lembranças de Velhos”* (1994).

Com base nas ideias de Halbwachs (1990), não existe memória coletiva sem espaço, a inclusão do espaço é essencial para a construção da memória coletiva, os meios materiais servem de apoio concreto para a efetivação das recordações existentes na memória.

Logo, se não for exercitada essa memória por meio das lembranças, isto é, a memória quando não estimulada, ela vai perdendo sua eficácia, suas lembranças com o decorrer dos anos vão sendo esquecidas, sendo sujeita a mudanças, transformações culturais, sociais, econômicas entre outras. Por outro lado, os meios tecnológicos para entretenimento, atualmente seduzem as crianças e adolescentes, por este motivo é necessário o resgate das histórias orais, valorizando os aspectos culturais presentes na comunidade.

Diante disso, os conhecimentos populares e a tradição oral aos poucos estão se perdendo, os jovens e adolescentes em sua maioria estão cada vez mais distantes da sua história e cultura local. Como mencionado acima com o avanço tecnológico, as tradições culturais vêm perdendo espaço, sofrendo assim fortes influências da globalização.

Outro fator existente é que a tecnologia possui grande influência sobre os indivíduos com relação as suas informações, além disso, os meios tecnológicos de comunicação em si devem ser despertadores, significativos para realidade e construtivos e não impor, alucinando negativamente os sujeitos, deve favorecer um indivíduo coletivo que se envolva efetivamente em seu meio social, histórico, cultural e político.

É incontestável argumentar sobre a importância da evolução tecnológica para a humanidade, entretanto, os valores culturais, inclusive da língua, também precisam ser preservados, uma vez que as influências dos mitos e lendas locais descritos por antepassados instigam a imaginação. As histórias contadas pelo povo revelam inicialmente o desenvolvimento das civilizações, pois os registros orais se antecederam aos escritos, prevalecendo a oralidade, isto é, os saberes eram disseminados pela cultura oral, tornando-a principal condutora de informações.

Deste modo, ao analisar e socializar as narrativas orais nas aulas de Língua Portuguesa constata-se que cada história traz um aspecto a mais ao serem contadas. Sabe-se que, com o passar do tempo, as narrativas orais vão sendo modificadas, portanto a memória coletiva permite essas transformações, digamos que esses mitos e lendas foram construídos coletivamente por meio da oralidade de um povo. Em suma, a inserção e contribuição da tradição oral na prática educativa, na escola em si, como meio facilitador da oralidade, permite que a literatura oral se entrelace com a leitura e escrita, com a mesma importância para o processo de ensino e aprendizagem.

É imprescindível que a escola entenda o valor da ressignificação, pois foram dados novos significados, a tradição oral local, valorizando a sua relevância para cultura popular local, resgatando a tradição oral por meio desse trabalho realizado com todos, compreendendo também que os mais idosos têm muita história dentro de si para contar, trazendo consigo suas memórias e valores históricos e culturais.

Assim, uma cultura que existe há milênios tem algo a dizer, a história recente da comunidade está na oralidade dos mais “velhos”, se perpetuando nos mais jovens que recebem essa herança cultural. Deste modo, a história se inicia com a oralidade que está constantemente presente no meio, a tradição oral se constrói com cada tempo e em cada época, as pessoas vivenciaram uma história, um tempo e uma realidade diferente, quem mais poderia falar experientemente do passado e da memória a não serem os idosos.

Segundo o provérbio africano, na África quando um griô¹ morre é como se uma biblioteca fosse queimada e diversos exemplares de histórias fossem destruídos. No liminar do contexto histórico, a tradição oral mantém viva a chama da nossa história e cultura por meio da nossa ancestralidade.

Para organizarmos e darmos diretrizes do trabalho, apresentamos a seguir a trajetória seguida para realizarmos esta pesquisa. Trazemos mais especificamente, como nos organizamos em busca da coleta, análise e discussão dos nossos resultados.

¹ “De origem africana, ‘griô’ é um guardião da memória da tradição oral de um povo ou comunidade.” (EBC, 2016)

4. METODOLOGIA E ANÁLISE

Neste capítulo apresentaremos as etapas da pesquisa para obtenção dos dados, realizadas durante o período de pandemia da COVID-19 no Brasil, podemos destacar que foi bastante peculiar esse momento conturbado, por se tratar de etapas em que foi necessário se fazer adaptações, deste modo, a pesquisa se caracterizou num período no qual ficará marcado historicamente. Nela buscamos identificar e analisar influências das narrativas orais da cidade de Lucena-PB nas práticas discursivas dos estudantes da 3ª Série do Ensino Médio de uma escola estadual cidadã integral técnica de Lucena, na Paraíba.

Para alcançar respostas para as questões levantadas nesta pesquisa, na busca por atender aos objetivos propostos neste trabalho, explicaremos a seguir sobre a caracterização da pesquisa, a análise da pesquisa de campo, do grupo focal com os estudantes colaboradores, observações em sala, aulas extraclases e das atividades.

A proposta foi desenvolvida com os estudantes de ensino médio de uma escola cidadã integral técnica, composta por adolescentes e jovens, em sua maioria proveniente das áreas mais próximas da escola, da cidade de Lucena, litoral norte da Paraíba. A partir de rodas de conversas, o conceito de lenda e mito foi apresentado aos estudantes, ressaltando a importância da tradição oral e da sua presença na cultura. Após as primeiras discussões os estudantes relembrou suas infâncias em que seus avós e pais contavam histórias à noite em frente das casas, na beira da fogueira, no qual juntava toda vizinhança e começavam assim a sessão de contação de histórias.

4.1 Caracterização da Pesquisa.

Apresentaremos a pesquisa-ação, de natureza participante e abordagem qualitativa, bem como os percursos metodológicos abordados, seus colaboradores e contexto de estudo.

Nossa pesquisa visa desenvolver uma análise interpretativa qualitativa nas aulas de Língua Portuguesa por meio das narrativas orais levantadas pelos estudantes, em uma turma de 3ª série do ensino médio, de uma Escola Cidadã Integral Técnica na cidade de Lucena, no Litoral norte da Paraíba. A fim de buscar diferentes estratégias que viabilizem o ensino e a aprendizagem nas

práticas discursivas, as pesquisas realizadas nesta área têm propiciado maior aprofundamento no conhecimento contextualizado que visa a inserção das teorias linguísticas que são imprescindíveis para refletir sobre as práticas de leitura, oralidade, análise e escrita na escola.

Por conseguinte, essas temáticas associadas à aquisição da língua e linguagem ao ensino e aprendizagem, sobretudo nas interações sociais, têm promovido um novo olhar para esses conceitos. A nossa pesquisa-ação preocupa-se em investigar os diversos determinantes das ações, interações e relacionamentos interpessoais em contextos únicos. Segundo Somekh (1995, p. 341), “Seu objetivo é aprofundar a compreensão dos profissionais sobre as situações complexas em que vivem e trabalham, para que suas ações sejam mais bem informadas”.

Deste modo, a prática docente será ferramenta primordial para o desenvolvimento dessa pesquisa-ação, juntamente com os colaboradores estudantes, durante todo período que vai desde a elaboração da investigação através de estudos teóricos sobre o tema, análise, reflexão e planejamento até a aplicação, interpretação e discussão dos resultados obtidos, comparando as produções iniciais e as produções finais dos estudantes. Para tanto, como a investigação foi efetuada ainda durante o período de pandemia da COVID-19, a quantidade de aulas destinadas à aplicação da pesquisa foi organizada de acordo com a rotina e as necessidades da turma respeitando as orientações previstas pela OMS (Organização Mundial de Saúde). Deste modo, foi realizada em etapas diferentes em se tratando de encontros on-line pelo Google Meet, e mais adiante hibridamente com encontro presencial para concretização da aula extraclasse.

Portanto, esta pesquisa está pautada no percurso didático aqui apresentado, visando refletir sobre o entendimento e funcionamento da língua nas várias esferas, contribuindo no contexto educacional, mais precisamente na prática docente do professor de Língua Portuguesa.

Os agentes colaboradores da pesquisa se caracterizam numa turma composta de 43 discentes do ensino médio integral, na faixa-etária entre 16 e 20 anos. De um modo geral a turma é participativa, a maioria é proveniente de áreas próximas à escola, mas alguns residem em bairros vizinhos e zona rural. Porém, a pesquisa-ação será realizada com um grupo focal, com cerca de 10

estudantes, levando em consideração os discentes mais frequentes nas aulas on-line. A classificação socioeconômica deles está entre as classes baixa e médio-baixa, a renda provém da pesca, turismo local, agricultura familiar, vínculos empregatícios e autônomos.

Considerando o contexto pandêmico, esta Proposta Investigativa de Ensino foi inicialmente desenvolvida on-line por intermédio do Google Meet, plataforma já adotada pela instituição, com cerca de 30% da turma, na qual utilizamos recursos e ferramentas digitais, visto que, esta etapa da pesquisa foi realizada no ano de 2021. A partir das observações em sala durante 8 aulas (remotas), alguns estudantes mais frequentes da turma foram convidados a participarem de um grupo focal em que foi discutida a abordagem da proposta investigativa.

A partir de tais informações, podemos apresentar os instrumentos de pesquisa utilizados para a obtenção dos dados: entrevista, observação em lócus, visitas, diário de campo e análise dos dados.

Inicialmente apresentamos os objetivos da pesquisa aos colaboradores, nos colocando à disposição para esclarecimentos de possíveis dúvidas por meio de uma reunião virtual pela plataforma Google Meet. Esclarecemos que a pesquisa aconteceria após a autorização oficial dos responsáveis conforme os termos disponibilizados. Em seguida foi repassado que eles responderiam uma entrevista semiestruturada, na ocasião também informamos que seria garantido o anonimato, a confidencialidade das respostas e a liberdade de decisão para participar ou para sair da pesquisa a qualquer momento.

Partindo desse ponto, detalharemos de modo mais específico como a pesquisa foi realizada seguindo cada etapa efetuada para coleta de informações.

Nesse momento, os educandos participantes do grupo responderam a questionamentos (Apêndice) elaborados anteriormente por meio da entrevista, discutiram em grupo sobre a temática levantada pelas questões, podendo falar de suas experiências com as narrativas orais, dentro ou fora do espaço escolar, e de como isso colabora para a realidade de cada um nas práticas discursivas do dia a dia, principalmente no âmbito escolar.

Logo após a entrevista realizada com os colaboradores, realizamos as aulas extraclasse, nas quais aconteceram a visitação para coletarmos os dados a partir da vivência das narrativas orais com a comunidade. A partir desse momento, além das observações em sala com os estudantes, realizamos a aplicação de uma sequência didática para melhor embasar os resultados obtidos pela pesquisa.

O plano de estudo detalhado, planejamento e avaliação se constitui perante todo processo da pesquisa até a finalização do processo, expondo a experiência vivenciada. Para tanto, todos estes momentos foram gravados em áudio e vídeo, registros de imagens e transcritos para uma melhor efetivação e escrita das etapas e dos resultados obtidos.

Assim, a análise interpretativa dos dados subsidiada pelo referencial teórico adotado, sobre as influências das narrativas orais nas práticas discursivas dos estudantes da 3ª série do ensino médio, possibilitou maior aprofundamento no processo ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, contribuindo para a cientificidade desse estudo.

A seguir explicaremos o tópico sobre a análise do campo de pesquisa.

4.1.1 Análise da pesquisa de campo.

Antes de traçar o perfil da escola, em que a pesquisa foi realizada, considero importante apresentar alguns dados sobre o município de Lucena-PB. Lucena é um município brasileiro situado na Região Metropolitana de João Pessoa, no estado da Paraíba. Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), sua população em 2021 foi estimada em 13.344 habitantes, distribuídos em 93,800 km² de área. No município fica um dos importantes patrimônios históricos do estado: a Igreja da Guia, além do mais, possui as ruínas da Igreja Centenária do Bonsucesso e belíssimas praias. Como filho ilustre da cidade, temos o poeta nacionalmente conhecido, Américo Falcão.

Inicialmente, Lucena assim como as demais regiões litorâneas do Nordeste foi dominada pelos portugueses por volta de 1596. Nessa época, eles ainda tinham receio de ocupar grandes faixas das terras paraibanas, construir

residências e arriscar-se na administração de uma propriedade, muito disso em virtude das tribos locais já existentes aqui, ainda em estado silvícola. Vale destacar, que antes da invasão portuguesa, os indígenas já existiam na região, nas quais recebemos ainda grandes influências culturais e históricas.

Entretanto, o Governo da então Capitania da Paraíba, liderado pelo capitão-mor Feliciano Coelho de Carvalho, concedeu nessa época sesmarias na bacia do Rio Miriri aos frades beneditinos.

Sendo assim, a região foi elevada à categoria de município em 22 de dezembro de 1961, desmembrando-se do município de Santa Rita. Seu topônimo originou-se do nome de um antigo morador, cuja ocupação era transportar passageiros entre as duas margens do Rio Paraíba.

Em se tratando da escola em que a pesquisa foi desenvolvida, ela foi criada pela Lei nº 145/97 e Decreto de Criação nº 11.146 10/01/2000 Regulamentada em 10/12/1986 com o nome Escola Estadual de 1º e 2º Grau de Lucena. Dando início em março de 1986 ao ano letivo com turmas de 1ª a 8ª séries do Ensino Fundamental I e II; 1ª a 3ª Série do ensino Médio (científico) e Ensino Integrado de 1ª à 4ª série. No decorrer do ano de 2003, houve a necessidade de receber novas turmas de 5ª a 8ª séries da EJA (Educação de Jovens e Adultos) e em 2005 foi implantado o Ensino Médio EJA (Educação de Jovens e Adultos) segundo segmento.

No ano 2000 foi implantado o Ensino Médio no turno da tarde, sendo implementadas grandes transformações e melhorias na escola. Com isso, no ano de 2006 ela passou a se chamar Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Izaura Falcão de Carvalho. No ano de 2019, foi implantada a Escola Cidadã Integral, passando a ter três modalidades de ensino: Integral Regular de Ensino Médio, Regular Médio Noturno e EJA Fundamental e Médio. Em 2020 a escola passou a ser cidadã integral técnica, oferecendo cursos técnicos em turismo e administração.

A ECIT Izaura Falcão de Carvalho está localizada próxima a um bairro vulnerável de Lucena, neste ano de 2022 a escola está com 354 alunos matriculados no sistema de escola Cidadã Integral Técnica, distribuídos em 11 turmas, sendo quatro de 1ª Séries, quatro de 2ª Séries e três de 3ª Séries, e no turno da noite 299 estudantes entre regular e a educação de jovens e adultos.

Os estudantes estão na faixa etária de 16 a 20 anos, a maioria reside em áreas periféricas e rurais.

Com relação à classificação socioeconômica deles está entre as classes baixa e médio-baixa, a maioria da renda provém da pesca, turismo local, vínculos empregatícios e autônomos, fatores esses que uma parte dos estudantes precisam conciliar escola e trabalho, ou até mesmo evadem da escola, pois devido às condições financeiras precisam ajudar no sustento familiar.

Na Avaliação em Larga Escala em 2021 a escola obteve no desempenho em Língua Portuguesa nas 3^a séries 21,81% e em Matemática 13,21%, índices que apontam a importância de intervenções que visem melhorias educacionais, principalmente nas habilidades e competências no ensino de Língua Portuguesa e Matemática. Deste modo, é nítido perceber que é preciso “avaliar o desempenho dos estudantes (e não o rendimento escolar) pela aplicação de testes em larga escala e, através dos seus resultados, estabelecer metas, diretrizes e referenciais curriculares, tornaram-se peças-chave da educação brasileira” (FRANÇA FILHO; ANTUNES; COUTO, 2020, p. 18).

Diante desta realidade, visando a melhoria nos índices educacionais, mais precisamente dos descritores e habilidades, contemplando variados interesses acadêmicos, mediante a utilização de várias estratégias de ensino, que nortearam esse processo educativo, a pesquisa realizada neste campo possibilitou a melhoria dos estudantes na esfera social, histórica, literária, linguística e cultural relacionados ao protagonismo juvenil. Deste modo, os estudantes que protagonizaram nesta pesquisa conseguiram fazer parte dessa experiência exitosa de estudo.

Logo a seguir daremos andamento à análise do grupo focal dos estudantes colaboradores da pesquisa.

4.2 Análise do grupo focal com os estudantes.

No quadro 1 a seguir apresentaremos alguns dados dos participantes (colaboradores) desta pesquisa, num total de dez estudantes colaboradores da

3ª série do ensino médio de uma escola cidadã integral do município de Lucena-PB que fizeram parte do grupo focal, a faixa-etária dos participantes está entre 16 e 20 anos. Dentre os critérios estabelecidos para escolha dos colaboradores estão, ser estudante participante ativo nas aulas de Língua Portuguesa da escola pesquisada, ou seja, trata-se de estudantes que no período da pandemia assistia às aulas on-line.

QUADRO 1- DADOS DOS ESTUDANTES COLABORADORES DO GRUPO FOCAL

| Identificação | Idade | Gênero |
|---------------------------------|--------------|---------------|
| Colaborador(a) 1-M. J. S | 17 anos | Masculino |
| Colaborador(a) 2-S. C. S | 17 anos | Feminino |
| Colaborador(a) 3- W.A. S | 17 anos | Feminino |
| Colaborador(a) 4- T. K. A. M. L | 16 anos | Feminino |
| Colaborador(a) 5- A. L. S | 16 anos | Feminino |
| Colaborador(a) 6- M.V. F. A | 20 anos | Feminino |
| Colaborador(a) 7- T. L. S | 16 anos | Feminino |
| Colaborador(a) 8- J.F.M. N | 18 anos | Masculino |
| Colaborador(a) 9- J. S | 19 anos | Masculino |
| Colaborador(a) 10- J.F. S | 18 anos | Feminino |

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

É importante frisar que o grupo focal “[...]é um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é o objeto de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal” (GATTI, 2005,

p.7). Deste modo, o objetivo do grupo focal incide primordialmente no processo interativo entre pesquisador e os participantes, “que objetiva colher dados a partir da discussão focada em tópicos específicos e diretivos (por isso é chamado grupo focal)” (LERVOLINO E PELICIONI, 2001, p.35).

Inicialmente realizamos três encontros, sendo dois virtuais e um presencial, nos quais foram explanados sobre a pesquisa e suas etapas. Logo após os encontros foi feita a entrevista (em anexo 1) semiestruturada pelo *Google forms* com o objetivo de sondar sobre o conhecimento prévio dos estudantes acerca das narrativas orais e suas contribuições nas práticas discursivas, realizamos também as observações em sala de aula, aulas extraclasse e aplicação de uma sequência didática sobre a produção de um Podcast a partir das narrativas orais

Após o recolhimento desses dados coletados, percebemos o quanto o grupo focal foi importante para o desenvolvimento da investigação, pois em sua realização apresentou riquezas de detalhes por meio do fenômeno estudado, bem como apresentou elementos de natureza descritiva, provenientes da interação entre os participantes e pesquisadores.

Assim, “o Grupo Focal utiliza então, da interação grupal para produzir saberes e apreender fatos e acontecimentos que poderiam ser menos acessíveis sem a interação vivenciada em um grupo específico, constituído com essa intenção.” (OLIVEIRA, CUNHA, CORDEIRO, SAAD, 2020, p.12).

No tópico seguinte, apresentaremos as perspectivas apresentadas pelos estudantes colaboradores sobre as narrativas orais, inicialmente realizamos essa sondagem com o grupo focal, com objetivo de analisarmos os conhecimentos prévios deles.

4.3 Perspectivas dos estudantes sobre as narrativas orais.

Neste tópico, apresentaremos os apontamentos sobre metodologia e análise dos dados gerados a partir do grupo focal, traçaremos alguns resultados parciais acerca das perspectivas dos estudantes sobre as narrativas orais por meio da análise dos dados obtidos na entrevista realizada com o grupo focal, utilizando o preenchimento de um questionário.

O objetivo deste tópico é fazer uma análise dos dados obtidos por meio da entrevista realizada com os estudantes colaboradores acerca dos conhecimentos prévios deles sobre as narrativas orais que eles ouvem ou ouviram nas suas famílias ou comunidades. Sendo assim, foi o primeiro caminho trilhado para sondarmos o que os estudantes já sabem sobre a tradição oral local e quais representações eles trazem a respeito dessas histórias em suas práticas discursivas.

A partir do gênero entrevista, os sujeitos entrevistados promovem a construção do discurso, tornando-se foco desse evento comunicativo. Evidentemente, a interação discursiva se caracteriza na estruturação deste gênero, relacionando-se, portanto, à reconstrução de um acontecimento por meio do discurso, envolvendo assim diferentes opiniões.

[...] na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. [...] nas entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base em informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista. Na medida em que houver um clima de estímulo e aceitação mútua, as informações fluirão de maneira natural e autêntica (LÜDKE; ANDRÉ, 2015, p. 39).

Conforme o exposto acima, é necessário que entre entrevistado e entrevistador haja interação por meio da exposição oral, neste processo as marcas de oralidade se fazem presentes quando o texto é transcrito, sendo a informação o principal foco da entrevista, pois quando abordamos o entrevistado para interrogá-lo sobre algo traçamos a finalidade imediata da conversação a fim de obtermos as informações necessárias para estudo.

Assim, “a entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpretação informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais.” (MEDINA, 1986, p.8). Perante isso, a entrevista realizada com os estudantes colaboradores nos possibilitou sondarmos tanto a escrita quanto a oralidade deles, utilizamos a estrutura de perguntas e respostas por meio do Google Forms, vale destacar que essa entrevista foi efetuada ainda no período de aulas on-line na escola.

Portanto, analisaremos as informações a seguir obtidas por meio dessa entrevista semiestruturada.

QUADRO 2- PARA VOCÊ, O QUE É CONTAR UMA HISTÓRIA?

| | |
|-----|---|
| C1 | Contar uma história pode ser de tal maneira como algo do passado ou da atualidade, com que faz a pessoa repassar emoções, um fato é etc. |
| C2 | Para mim contar história é você falar para alguém algo que leu ou conhece, porque queremos que aquela pessoa saiba ou tenha um conhecimento sobre aquilo, um aprendizado e compartilhar opiniões sobre aquela história que você contou. |
| C3 | É falar sobre história que você já ouviu de pessoas mais velhas. |
| C4 | Contar uma história é uma forma de expressar ou apresentar uma informação ou narrativa referente a algo com o foco em um determinado público. |
| C5 | Explicar com detalhes e com ficção uma história ou conto. |
| C6 | Contar uma história é narrar fatos de acontecimentos do passado. |
| C7 | É uma narrativa que conta acontecimentos históricos dos personagens envolvidos. |
| C8 | Repassar o conhecimento de lições e culturas antigas. |
| C9 | Compartilhar algo falado do seu jeito |
| C10 | Para mim, contar histórias é falar sobre histórias passadas, e uma tradição linda e muito importante. Além de ser algo prazeroso é algo que nos deixa encantados. |

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Com base no Quadro 2, sobre a questão 1: “Para você o que é contar uma história?”, podemos perceber que os estudantes já possuem previamente um conceito sobre “contar histórias”, mesmo que alguns ainda não expressem claramente, porém é nítido que no ato de contar para eles, o contador “[...] empresta seu corpo, sua voz, seus afetos ao texto que ele narra, e o texto deixa de ser signo para se tornar significado.” (BUSATTO, 2006, p.79).

Conforme as respostas do C1, C3, C6 e C8, eles enfatizam sobre a ligação do contar histórias com as memórias passadas, pois “a lembrança é a sobrevivente do passado”. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança.” (BOSI, 1994, p.53).

Já para C2, C4 e C9, contar histórias está intrinsecamente ligado à expressão da oralidade por meio do conhecimento obtido por outros, assim, as pessoas exercem no seu meio social suas funções e representações de ideias do individual ao coletivo, confirmando o que Bakhtin (1992) apresenta sobre a língua como sendo um fenômeno social de interação verbal efetivado por meio de um enunciado inserido num contexto ideológico, dialógico, social ou histórico. Portanto, essas respostas nos levam a deduzir que os estudantes colaboradores conseguem compreender que narrar histórias de alguma forma remete a partilha, isto é, a disseminação de conhecimentos acumulados ao longo do tempo por meio da oralidade.

No que diz respeito à análise das respostas do C5 e C7, as narrativas orais exercem a função do gênero narrativo, pois assim como os textos escritos, os textos orais também se remetem a personagens, tempo, espaço, enredo, ou seja, contêm elementos das narrativas, desta maneira, o desenvolvimento da competência narrativa faz parte do desenvolvimento da competência discursiva (BAMBERG & MOISSINAC, apud SOUSA, 2010).

Por fim, para o C10 contar histórias é *“falar sobre histórias passadas, é uma tradição linda e muito importante. Além de ser algo prazeroso é algo que nos deixa encantados.”* Para tanto, essa afirmação do estudante colaborador nos remete ao encantamento que ele tem a respeito das narrativas orais e sua ligação com o passado, sendo uma tradição cultural.

Assim, a ação de contar histórias não se concretiza apenas em saber repassar essas histórias, mas como recontá-las para que fiquem guardadas na

memória do ouvinte, pois “Uma história bem contada permanece por longos anos na memória de quem a ouviu.” (BARBOSA, 2011, p.12).

Convém lembrar que, para contar uma história, é preciso utilizar recursos que prendam a atenção do ouvinte, isto é, estratégias que sejam capazes de expressar e descrever cada detalhe, sejam:

[...]os gestos, as expressões faciais, o olhar em várias direções, o franzir do rosto, os murmúrios, o silêncio são alguns dos muitos recursos de que se vale o contador para dar sentido ao que se conta (BARBOSA, 2011, p.12).

Em suma, ao ouvir as narrativas orais que os mais velhos contam vale salientar que, mais do que ouvir, imaginar, recontar, a finalidade é perceber o porquê resistem na memória de quem as conta e de quem as ouve, o que significa contar de novo para o contador e para o ouvinte.

Logo após, apresentaremos o Quadro 3 que trará a diferença entre ler e contar uma história.

QUADRO 3- NO SEU MODO DE VER, VOCÊ CONSIDERA QUE HÁ DIFERENÇA ENTRE CONTAR E LER UMA HISTÓRIA? POR QUÊ?

| | |
|----|--|
| C1 | Sim, há uma diferença. Contar uma história você pode estar contando para tais pessoas algo que você conhece. Ler uma história e de momento, a pessoa está conhecendo que tipo de história é, ela tanto pode ler sozinho(a) como em conjunto. |
| C2 | Sim, porque só contamos quando já conhecemos ou vivenciou uma história, agora para ler uma história você está conhecendo aquela história que lhe chamou atenção. |
| C3 | Sim, contar e você mesma inventa uma história sobre o que vem em sua memória e ler uma história você vai ler algo que alguém escreveu em algum livro ou em cadernos. |

| | |
|-----|--|
| C4 | Sim, há diferença. Porque quando contamos uma história, tem-se a oportunidade de explicarmos e definirmos essa narrativa de diferentes formas e métodos (inclusive, podemos usar nossas próprias palavras para nos expressarmos), já na leitura, apenas lê-se o que já foi escrito e determinado por alguém anteriormente. |
| C5 | Sim, pois quando você tá lendo você vai ler da forma que você entenda mais quando você ler para outras pessoas, você tem que ler com pontuação e mais detalhado o texto. |
| C6 | Sim, contar é uma interação com as pessoas porque apresenta o mundo da literatura de uma forma bem diferente do usual e ler é uma forma de apresentar a obra conforme as palavras do autor. |
| C7 | Sim, porque quando contamos uma história podemos mudar o que está nela ou falar errado, acrescentar algo que não existe. Quando lemos podemos descrever tudo na maneira correta assim como está escrito. |
| C8 | Sim, quem ler só sente o que o personagem sentiu. Já quem conta passa esse sentimento para os outros. |
| C9 | Sim. Quando está lendo, você tem que ler extremamente como no livro e contando você pode contar do seu jeito. |
| C10 | Com toda certeza, pois quando lemos uma história, apresentamos ela da forma original e já quando contamos envolve a questão de como entendemos a história, de como interpretamos ela, sem falar das emoções. |

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Para nós, contar e ler histórias consiste em trazermos um sentido amplamente diferenciado para ambos, pois nas duas situações apresentadas o trabalho com a linguagem aprimora habilidades e competências linguísticas diferenciadas, para quem lê ou de quem conta uma história. Assim, a valoração

delas não deveria ser diferenciada. É preciso compreender que a palavra falada não sobrepõe a palavra escrita, pois:

Existem sociedades que valorizam mais a fala, e outras que valorizam mais a escrita. A única afirmação correta é que a fala veio antes da escrita. Nem por isso, como ainda veremos, a escrita é simplesmente derivada da fala (MARCUSCHI, 2007, p.26).

Marcuschi (2007) afirma que tanto a fala quanto a escrita exercem sua função social na sociedade, no entanto, em algumas situações a cultura escrita possui mais relevância do que a cultura da fala, e vice-versa, porém ele destaca que a escrita está entrelaçada com a fala.

Diante disso, ao analisarmos as respostas da questão 2, na tabela 2 - - *No seu modo de ver, você considera que há diferença entre contar e ler uma história? Por quê?* temos como objetivo sondar se os estudantes colaboradores sabem diferenciar entre o ato de ler e o de contar uma história. C1, C2 e C3 trazem a referência que contar estabelece uma relação mais íntima, espontânea com o que fala, já ler necessita de um preparo para a leitura, sendo algo mais planejado e monitorado. Com relação ao C4 e C9 apresentam um diferencial ao responder, pois frisam que no ato da fala ao contar oralmente a narrativa, a pessoa apresenta a espontaneidade informal da oralidade, e quando a história é lida a pessoa não pode mudar algo, já que tem que ser fiel ao que está escrito.

C5 destaca que ao ler o texto escrito há um monitoramento referente à escrita formal que exige um certo cuidado para que haja entendimento por parte do leitor e ouvinte, diferente do contar que é menos monitorado. C7 complementa que “quando contamos uma história podemos mudar o que está nela ou falar errado, acrescentar algo que não existe. Quando lemos podemos descrever tudo na maneira correta assim como está escrito”.

Assim, “nem tudo o que se diz se escreve e nem tudo o que se escreve se diz [...]”. (BAGNO, 2015, p. 93). Ademais, deve-se destacar que a língua falada é viva, atual e sofre transformações constantes, já a língua escrita é abstrata, representa a língua falada, mas nunca a seguirá precisamente, mesmo que aconteçam modificações conforme suas necessidades para acompanhar a língua falada. Além disso, nas respostas dos colaboradores é

perceptível que ao narrar uma história também é levado em consideração o repertório oral ligado ao imaginário do contador.

Já o C6 retrata que “contar é uma interação com as pessoas porque apresenta o mundo da literatura de uma forma bem diferente do usual e ler é uma forma de apresentar a obra conforme as palavras do autor”. Desta maneira, podemos constatar que:

Tratando de prática discursiva da leitura, [...] o discurso não é um conjunto de textos, ele é uma prática. É constituído de sentidos. Consequentemente, para compreender o modo pelo qual a ideologia entranha essa prática que é o discurso, se deve por apreender que não existe discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia (ORLANDI, 2003, p.12-13).

Para tanto, Orlandi (2003) aponta que os indivíduos se constituem internamente por meio da formação discursiva em que os sentidos são construídos entre ambos. Diante disso, as histórias contadas são guardadas na memória para serem recontadas por vários atores sociais ao longo do tempo, construindo assim a identidade e coletividade cultural, proporcionando também o prazer de contar e ouvir.

O C8 exprime que ler uma história está relacionado a se colocar no lugar de um personagem escrito, e contar expressa os sentimentos ligados ao imaginário para quem ouve de modo espontâneo. Portanto, com base nesta questão todos os entrevistados possuem um conceito lógico para as duas situações de linguagem. C10 afirma com toda certeza de que há diferença em contar e ler uma história, *“pois quando lemos uma história, apresentamos ela da forma original e já quando contamos envolve a questão de como entendemos a história, de como interpretamos ela, sem falar das emoções.”*

Assim, diante desta afirmação, apesar de parecer que C10 faz uma fusão entre contar e ler, ele expressa que contar uma história incide em proporcionar para um público peculiar uma narrativa que parte de certa leitura de mundo, expressando seus conhecimentos, expressões e emoções. Já o ato de ler consiste na fidelidade a leitura da história.

QUADRO 4- VOCÊ CONSIDERA QUE AS NARRATIVAS CONTADAS CONTRIBUEM NO DESENVOLVIMENTO DA SUA EXPRESSÃO ORAL E ESCRITA? COMENTE.

| | |
|-----|---|
| C1 | Sim! Contribui muito para minha escrita. |
| C2 | No meu caso sim, quando alguém conta algo, explicando eu consigo entender melhor e até a forma de falar também. |
| C3 | Sim, a expressão oral requer ensinar pessoas a pronunciarem vocabulário tendo a capacidade de conhecer histórias novas, a expressão oral requer que você possa ter novas ideias e esclarecer que você pode entender, mas sobre a história contada. |
| C4 | Sim. A partir do momento que escutamos as narrativas contadas por outros, passamos a entender e a compreender melhor o ato de expressão das outras pessoas, resultando numa ampla oralidade e escrita, e um conhecimento maior de palavras, formalidades, gírias. |
| C5 | Sim. Pois a expressão ajuda no entendimento. |
| C6 | Sim, ajuda na interpretação da visualização, elaboração mental das histórias. |
| C7 | Por meio de contos narrativos consigo ter um desenvolvimento melhor na minha escrita e conhecimentos. |
| C8 | Sim. Porque terei um grande acesso a vários tipos de conhecimentos. |
| C9 | Sim. Lendo ou ouvindo histórias pode adquirir mais conhecimentos e aplicar no dia-dia mesmo que seja sem querer, acaba acontecendo. |
| C10 | Sim, sim. Irei até citar uma narrativa, que a seguinte: QUEM CONTA UM CONTO, AUMENTA UM PONTO. |

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

No quadro 4- apresentamos a seguinte questão: Você considera que as narrativas contadas contribuem no desenvolvimento da sua expressão oral e

escrita? Comente. Analisando as respostas, todos consideraram que sim, que as narrativas orais exercem influência, isto é, colaboram para o aperfeiçoamento da oralidade e escrita deles, conforme Marcuschi (2007):

[...] a criança, o jovem ou o adulto já sabe falar com propriedade e eficiência comunicativa sua língua materna quando entra na escola, e sua fala influencia a escrita, sobretudo no período inicial da alfabetização, já que a fala tem modos próprios de organizar, desenvolver e manter as atividades discursivas. Esse aspecto é importante e permite entender um pouco mais as relações sistemáticas entre oralidade e escrita e suas inegáveis influências mútuas (MARCUSCHI, 2007, p. 15).

Em virtude dos fatos mencionados, no espaço escolar tanto a língua oral quanto a língua escrita devem ser vistas com a mesma relevância, ou seja, a oralidade deve ser vista com maior seriedade, pois todas devem receber o mesmo valor social, já que ambas não se sobrepõem. É importante frisar que os usos da língua apresentam uma diversidade de criatividade, e isso não pode ser ignorado, mas valorizado em qualquer situação de aprendizagem.

Para C1, C2, C5 e C7 as narrativas orais interferem na escrita e na melhor compreensão da história, além de aprimorar a oralidade agregada ao conhecimento, para o C3 e o C8 a expressão oral melhora o vocabulário entrelaçado a vários tipos de conhecimentos, ampliando assim *o repertório linguístico com novas ideias, histórias contadas*. C4 define que *“a partir do momento que escutamos as narrativas contadas por outros, passamos a entender e a compreender melhor o ato de expressão das outras pessoas, resultando numa ampla oralidade e escrita, e um conhecimento maior de palavras, formalidades, gírias.”* Para entender melhor, é importante frisar que tanto a prática da oralidade, quanto da escrita são formas de inclusão cultural e de socialização, ou seja, nestes eventos linguísticos sempre ocorrerão interações e a construção do conhecimento de maneira efetiva.

Para o C6 os contos orais ajudam na projeção da história por meio da memória visual, pois *“o narrador tira o que narra da própria experiência e transforma em experiência dos que escutam.”* (BOSI, 1994, p.85) deste modo, há uma relação intrínseca entre narrador e sua matéria, o concreto e o abstrato se relacionam diante das experiências vividas na vida humana.

O C9 afirma que “*lendo ou ouvindo histórias pode adquirir mais conhecimentos e aplicar no dia-dia mesmo que seja sem querer, acaba acontecendo.*” Neste aspecto, quanto mais o estudante participa de momentos de narrativas orais, mais seu pensamento se torna coerente e, conseqüentemente, mais reflete sobre a linguagem, pois a exposição oral é um “[...] grande meio de expressão e de atividade. [...] enquanto prática social é inerente ao ser humano, [...] a porta de nossa iniciação à racionalidade.” (MARCUSCHI, 2003, p. 35). Por fim, nos aprofundaremos melhor acerca da importância das narrativas orais no espaço escolar, mais precisamente nas aulas de Língua Portuguesa.

O C10 também concordou que as narrativas contribuem na expressão oral e escrita, fez até uma relação com o ditado popular *quem conta um conto, aumenta um ponto*, inferindo que sempre quando contadas as histórias são ouvidas e repassadas por outras pessoas de modos diferentes.

Agora explanaremos o Quadro 5, no qual abordamos sobre as narrativas orais como instrumento para aprimoramento das competências comunicativas no ensino de Língua Portuguesa.

QUADRO 5- VOCÊ PODERIA COMENTAR UM POUCO A RESPEITO SOBRE COMO DEVERIAM SER TRABALHADAS ESSAS NARRATIVAS ORAIS PARA APRIMORAR AS COMPETÊNCIAS COMUNICATIVAS DESENVOLVIDAS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA?

| | |
|----|---|
| C1 | Como uma dinâmica, cada pessoa deverá contar uma narrativa em si para desenvolver mais o hábito de leitura e comunicação. |
| C2 | Que os professores de língua portuguesa abordam em sala de aula para os alunos contarem histórias que conheçam ou da comunidade e nessa mesma aula falar sobre opiniões ou em cada aula um aluno trazer uma história para contar, isso além de desenvolver a leitura, gera interesse e conhecimento pelo aluno. |

| | |
|-----|---|
| C3 | Poderia fazer uma narrativa na comunidade para incentivar mais as pessoas a ler e conhecer mais sobre o ensino de Língua Portuguesa e assim melhorar na linguagem dele e na escrita e se adaptando às nossas histórias que surgiram com o decorrer do tempo. |
| C4 | Uma solução para tal proposta seria que alunos de quaisquer instituições, possam realizar produções textuais/narrativas e logo em seguida participem de um seminário (onde o aluno tem a oportunidade de esclarecer e expor o que aprendeu, como realizou, tudo isso através da sua oralidade e compreensão). Sendo assim as competências e habilidades serão melhoradas. |
| C5 | Já estão trabalhando de uma bela forma, mas poderiam ter mais expressões faciais e outros recursos visuais. |
| C6 | Possibilitar acessos a usos da linguagem formalizada, reconhecimento da importância da interação, trabalhar com os diferentes gêneros e tipos textuais e com o desenvolvimento da habilidade da escrita. |
| C7 | Fazer dinâmicas para os alunos com contos narrativos, textos entre outros. |
| C8 | Pedir pra cada aluno trazer uma história antiga que a avó ou avô dos seus pais contavam. |
| C9 | Tendo aula de literatura, os alunos poderiam escolher um livro e depois ler para a turma, ou contar uma história que conheça. |
| C10 | Essas narrativas poderiam ser desenvolvidas pelos próprios alunos com a ajuda dos professores, criando atividades leves e divertidas, incentivando a leitura e oferecendo um bom feedback, conhecendo também as habilidades e dificuldades de cada um. |

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

O quadro 5 apresenta a seguinte questão: Você poderia comentar um pouco a respeito sobre como deveriam ser trabalhadas essas narrativas orais para aprimorar as competências comunicativas desenvolvidas no ensino de Língua Portuguesa? Teve como objetivo sondar os estudantes sobre a percepção deles de como as narrativas orais deveriam fazer parte mais efetivamente nas aulas de LP, aperfeiçoando assim as competências comunicativas.

Ao iniciarmos a análise das respostas, o C1 e o C7 apresentam que os textos orais devem ser expostos dinamicamente para melhor promover a leitura e comunicação no espaço escolar. Para o C2 e o C8 os professores de LP devem abordar em sala momentos de contação de história que façam parte da comunidade, no seio familiar gerando interesse por parte do educando em participar desse momento.

C3 sugere que, para incentivar e melhorar as práticas de linguagem no ensino de Língua Portuguesa, é preciso interagir com a comunidade por meio das narrativas, adaptando as nossas histórias que fazem parte da tradição oral local no decorrer do tempo. C4 sugere que os educandos “possam realizar produções textuais/narrativas e logo em seguida participem de um seminário (onde o aluno tem a oportunidade de esclarecer e expor o que aprendeu, como realizou, tudo isso através da sua oralidade e compreensão). Sendo assim, as competências e habilidades serão melhoradas”.

Para o C5 poderia utilizar mais recursos visuais, estratégias para que essas narrativas se tornem ainda mais atrativas aos ouvintes. Na resposta, C6 frisa a relevância da interação da linguagem com outros gêneros para melhor desenvolver a habilidade na escrita.

Por conseguinte, o C9 sugere que nas aulas de Literatura seja necessário a interação entre com os contos orais para que assim os estudantes possam também trazer suas histórias. Tratar da narrativa oral no ambiente escolar, mais especificamente nas aulas de Língua Portuguesa, é compreender o seu espaço enquanto constituição do ser humano. Além de ser considerada como uma forma de arte, e como expressão da criatividade humana, é principal

compreendê-la como imprescindível à organização social e o aprimoramento das competências linguísticas dos estudantes.

Diante do exposto acima, conforme aponta Saviani (1991), "é função da escola transmitir os conhecimentos culturalmente criados pela humanidade ao longo do tempo e dentre eles, o mais elaborado é a leitura." (BALSAN, 2018, p.3). Sendo assim, a escola deve ser um lugar que acolha todos os tipos de conhecimentos, principalmente os que fazem parte da cultura e os que possuem riqueza linguística e literária, pois cabe aos docentes compreender a importância da formação leitora dos estudantes, seja por meio de textos orais ou escritos.

É importante ressaltar que:

Nenhum leitor nasce pronto, pois seu processo de leitura se constrói a partir das experiências e relações que o mesmo estabelece durante o processo de constituição leitora, dependendo ainda dos ideais e das percepções que os docentes com os quais mantiver contato ao longo da vida escolar terão sobre o ato de ler (BALSAN, 2018, p.4).

Portanto, cabe então à instituição escolar colaborar na formação leitora e linguística dos estudantes, contanto que não se torne algo mecânico, ou seja, meros reprodutores do ensino formal, mais sim formadores da cultura oral e escrita, provocadores do estímulo a lerem, ouvirem e contarem histórias, que produz e funda sentidos, que dialoga com o oral e escrito, com seu contexto social, histórico, fazendo brotar significados à vida, enfim é a escola que irá "promover nos alunos a utilização de estratégias que lhes permitam interpretar e compreender autonomamente os textos escritos." (SOLÉ, 1998, p. 17). Desta maneira, é evidente que:

[...] ouvindo histórias (lidas e também contadas livremente, inspiradas na literatura ou na experiência vivida) e vendo ouvidas as suas próprias histórias que elas aprendem desde muito cedo a tecer narrativamente sua experiência, e ao fazê-lo vão se constituindo como sujeitos culturais (GIRARDELLO, 2004, p.10).

Logo, seja pela linguagem oral ou escrita, a imagem subjetiva se torna concreta na utilização de signos linguísticos, mais especificamente, a palavra, tanto no que diz respeito à concretização do pensamento, como internalização

de novos conhecimentos, a partir da linguagem do outro, bem como a influência no outro.

Por fim, para o C10 as “narrativas poderiam ser desenvolvidas pelos próprios alunos com a ajuda dos professores, criando atividades leves e divertidas, incentivando a leitura e oferecendo um bom feedback, conhecendo também as habilidades e dificuldades de cada um”. Para tanto, a sugestão do C10 retrata sobre as narrativas orais serem mais inclusas dinamicamente nas aulas partindo da interação aluno-professor, assim incentivando também a leitura, pois a

Leitura [...] é interação verbal entre indivíduos, e indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros; o autor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e os outros (SOARES, 2000, p. 18).

Assim, a leitura quando aliada a cultura oral por meio das narrativas pode ser definida como uma prática social de caráter histórico, político e cultural, que envolve a interação entre o leitor, ouvinte e o autor, possibilitando a construção do sentido do texto oral e escrito.

A seguir apresentaremos as respostas sobre o conhecimento que os estudantes possuem sobre as narrativas orais.

QUADRO 6-VOCÊ CONHECE ALGUMA HISTÓRIA QUE OS MAIS VELHOS DE SUA COMUNIDADE CONTAM? PODERIA NOS CONTAR ESSA HISTÓRIA?

| | |
|----|--|
| C1 | Não respondeu. |
| C2 | Sim, uma vez quando era criança coloquei um cesto de roupa em mim e uma senhora viu disse pra mim, quem faz isso não cresce, que o cesto encolhe você. |
| C3 | O Pai do Mangue- Contam que, às vezes, é visto nas praias, pescando durante os primeiros raios de sol, outros têm a certeza de que o Pai do Mangue é invisível, que governa as vegetações ribeirinhas e defende os mangues. Muitos pescadores contam que, quando entram naquela área, escutam as passadas dele na água rasa. Lentamente. Certa vez, dois |

| | |
|----|--|
| | <p>pescadores resolveram partir para o mangue na intenção de conhecer explorar as margens e pescar. Chegando lá, mexeram em tudo que encontraram e falaram palavrões. Quando começou a escurecer, resolveram voltar. No retorno, a terra começou a se mover e o mangue foi fechando, fechando, até os sujeitos ficarem presos. O Pai do Mangue, enraizado à própria vegetação, começou a chicoteá-los e só os soltou depois de muita surra.</p> |
| C4 | <p>Sim. Conheço a lenda do Batatão, meu pai já me contou algumas vezes, alguns familiares e até mesmo conhecidos que possuem uma idade mais avançada. A lenda do Batatão, consiste numa bola de fogo que pode aparecer na praia ou no mangue, ele só aparece quando é invocado por alguém, certos pescadores contam que o Batatão os perseguiu, e outros dizem que ele não fez mal a ninguém.</p> |
| C5 | <p>Não respondeu.</p> |
| C6 | <p>A igreja da Nossa Senhora da Guia foi construída no século XVI por padres Carmelitas, os padres carmelitas chegaram na Paraíba em 1851. Nessa época a coroa portuguesa doava terrenos às ordens religiosas e em troca disso evangelizavam os índios. E então os Carmelitas chegaram na Paraíba e construíram a igreja da Guia por ter índios, eles evangelizavam e catequizavam e depois repousavam na própria igreja, mas infelizmente a igreja foi destruída e depois construída por frei Carmelita, a igreja fica localizada no local mais alto de Lucena e serviu como asilo para visitantes e portugueses que passavam pelo local.</p> |
| C7 | <p>Não, nenhuma pessoa mais velha da comunidade não chegou a contar histórias.</p> |
| C8 | <p>Sim, principalmente sobre as igrejas antigas daqui de Lucena (ex: A igreja de Bonsucesso e a da Guia). São histórias grandes então melhor em outra atividade depois.</p> |

| | |
|-----|--|
| C9 | Sim. Minha mãe conta que quando era criança tinha um homem que virava lobisomem e ele pegava crianças desobedientes. |
| C10 | Conheço sim. Essa história é muito contada pelos moradores de onde moro, os mais velhos sempre falam que antigamente eles costumavam dormir tarde e um certo dia uma senhora estava acordada e já era uma meia noite e ela começou a escutar como se fosse uma procissão passando, ela se aproximou na janela e viu uma multidão de pessoas passando com velas nas mãos. Certo momento se aproximou uma mulher dela, essa mulher estava na procissão e deu a senhora uma vela e disse para ela guardar essa vela que no dia seguinte ela iria vir pegar. A senhora assustada do que tinha visto, entrou e fechou a porta. Ao acordar no dia seguinte a senhora olhou para a vela e a vela tinha virado um osso. A velhinha surpresa com tudo decidiu não esperar até tarde para entregar essa vela que virou osso. Essa história fez com que o pessoal da região dormisse cedo e não tarde da noite. |

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

O Quadro 6 traz como questão a sondagem sobre o conhecimento dos estudantes acerca das narrativas orais que eles conhecem, ou já ouviram. A questão foi: Você conhece alguma história que os mais velhos de sua comunidade contam? Poderia nos contar essa história?

Diante de tal questionamento, ainda podemos deduzir outras questões sobre essas experiências orais que foram transmitidas:

Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração a geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (BENJAMIN, 1994, p.114).

Para tais questões, primeiramente é necessário refletir sobre a importância de se manter viva a cultura oral de um povo, como um bem imaterial que precisa ser preservado. Conforme a resposta do C2 que relatou conhecer a história do cesto de roupa que encolhem crianças quando

colocados nas cabeças, elas não crescem. Essa história foi contada por uma senhora quando C2 era criança, no entanto, podemos perceber que o estudante faz uma relação com as crendices populares que também é bem evidente na comunidade.

C3 afirmou conhecer a história o Pai do Mangue, ressaltando que essa lenda apresenta várias versões e é narrada pelos moradores das várias localidades da região nordestina. É interessante ressaltar que essa lenda está historicamente atrelada à abolição da escravatura e à forte influência do poder cultural africano enraizado na comunidade.

C4 relatou conhecer a Lenda do Batatão, trata-se de bola de fogo. Em outras versões paraibanas o Batatão consiste na alma de um pescador que morreu subitamente caminhando pela praia ou em sua canoa queimada pelo candeeiro. Em outras versões esta assombração é “a alma de uma moça que foi condenada pelo clero a encontrar o feto de seu filho que havia abortado e jogado no mar”.

A Lenda do Batatão é a versão nordestina do Boitatá. Lenda de origem indígena que significa “Mbaê-Tatá”, ou “Coisa de fogo”. Isso comprova que as narrativas orais eram contadas nas diversas regiões brasileiras com base na cultura local de um povo (Costumes, modo de vida).

C6 e C8 relataram conhecer a história do Santuário de Nossa da Guia e Bonsucesso, localizado em Lucena, PB. Historicamente a Igreja de Nossa Senhora da Guia é de origem de estilo barroco tropical da época da construção do século XVI.

C9 confirmou conhecer a história do lobisomem contada por sua mãe quando criança. Já C10 relatou sobre a lenda da procissão, uma narrativa bastante conhecida por meio da tradição oral, ressaltando que “essa história fez com que o pessoal da região dormisse cedo e não tarde da noite”.

Diante disso, podemos afirmar que as narrativas orais são frutos da tradição enquanto sabedoria popular e da memória passada de um povo de geração a geração pela palavra, a narrativa oral de história tendo como seu alimento a vivência, conhecimento e experiência, “é uma forma artesanal de

comunicação [...] como a mão do oleiro na argila do barro.” (BENJAMIN, 1994, p. 205).

Em seguida apresentaremos a análise sobre onde parte essa tradição oral na comunidade.

QUADRO 7- ESSAS HISTÓRIAS SÃO CONTADAS EM QUAIS LUGARES DE LUCENA, QUANDO, QUEM CONTA, PARA QUEM CONTAM?

| | |
|----|---|
| C1 | Nunca vi alguém chegar até mim e contar uma História, mas geralmente quando passamos nas ruas escutando tais fatos ocorrido. |
| C2 | As histórias que conheço, me contaram no fundamental os professores que contaram para vários alunos também. |
| C3 | No mangue, quando eu não sei, pois sempre que me contam são outras pessoas como meus familiares. |
| C4 | Normalmente essas histórias são contadas quando as famílias estão reunidas, os parentes contam uns aos outros, sendo assim os filhos, netos, sobrinhos ficam cientes das histórias e lendas aqui da região. |
| C5 | Não sei. |
| C6 | No próprio santuário da Guia quando se visita a igreja, por moradores da cidade que conhecem a história, para turistas ou pessoas interessadas nas histórias de Lucena. |
| C7 | Geralmente são contadas em bairros pequenos, pessoas mais velhas para outros. |
| C8 | Praia, praças e até em família. A última história que escutei foi ontem, meu avô contou pra a família toda. |

| | |
|-----|--|
| C9 | Minha mãe me contou quando eu era criança. |
| C10 | Essas histórias geralmente são contadas por toda região de Lucena devido os nossos idosos. Eles contam para os jovens quando estão reunidos. |

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Com relação a análise das respostas do Quadro 7 sobre a questão “*Essas histórias são contadas em quais lugares de Lucena, quando, quem conta, para quem contam?*”, podemos constatar que a maioria dos estudantes colaboradores reconhecem o que são as narrativas orais contadas nos espaços sociais da comunidade, quem costuma contar, sendo algumas socializadas por eles. C1 reconhece que as histórias são contadas pelas pessoas na comunidade. Já C2 relata que costumava ouvir histórias na escola contadas pelos professores, C3 relata ouvir no mangue por meio dos seus familiares.

Para o C4 “*normalmente essas histórias são contadas quando as famílias estão reunidas, os parentes contam uns aos outros, sendo assim os filhos, netos, sobrinhos ficam cientes das histórias e lendas aqui da região*”. C6 afirmou ouvir histórias no próprio Santuário da Guia, quando se visita a igreja, por moradores da cidade que conhecem a história, para turistas ou pessoas interessadas nas histórias da cidade de Lucena.

Para os colaboradores C7 e C8 as histórias são contadas pela comunidade, pelas pessoas mais velhas e pelos familiares. C9 relata que “*minha mãe me contava quando eu era criança*”, reforçando as respostas dos três colaboradores, “*a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e com os grupos de referência peculiares a esse indivíduo*” (BOSI, 1994, p. 17).

C10 relata que “*Essas histórias geralmente são contadas por toda região de Lucena devido aos nossos idosos. Eles contam para os jovens quando*

estão reunidos.” Desta maneira, é nítida a grande influência que as narrativas orais ainda têm na comunidade, no seio familiar, principalmente no que se refere às pessoas mais experientes.

A seguir no Quadro 8 abordaremos sobre as narrativas orais que fazem parte da cultura lucenense.

QUADRO 8- VOCÊ ACREDITA QUE ESSAS HISTÓRIAS FAZEM PARTE DA CULTURA LUCENENSE? POR QUÊ?

| | |
|----|--|
| C1 | Acho que sim, as pessoas de antigamente acreditam e viram algumas (lendas) que surgiram na cidade de Lucena. |
| C2 | Sim, porque se torna uma cidade histórica de algo que pessoas já viveram ou simplesmente um mito, mas que fazem parte da cultura lucenense. |
| C3 | Sim, pois em Lucena existe mangue onde as pessoas costumam frequentar. |
| C4 | Sim. Porque as histórias e lendas são um marco na cidade de Lucena, os pescadores e moradores vivenciaram aqueles momentos, e explanaram tais sentimentos, experiências para as gerações da sua época, tornou-se então parte da cultura lucenense. |
| C5 | Não sei |
| C6 | Sim, tem um bom contexto quando fala a respeito e se assemelha bastante a história com a realidade. |
| C7 | Sim, pois cada ano que se passa muitas dessas histórias vão passando de pessoas em pessoas e acaba sendo sempre lembrada em cada evolução de anos. |

| | |
|-----|---|
| C8 | As vezes sim. Porque é tanta história aqui em Lucena que você fica imaginando se realmente essas histórias aconteceram com alguém daqui e você só está sabendo agora. |
| C9 | Sim. Por que são histórias de pessoas antigas é uma forma de manter elas vivas, isso é cultura. |
| C10 | Acredito sim, pois as histórias têm como principal objetivo, resgatar a cultura do local onde moramos. |

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

No quadro 8 com a questão: *“Você acredita que essas histórias fazem parte da cultura lucenense? Por quê?”* Com base nas afirmações de C1, C2, C4, C6, C7, C8, C9 e C10, analisamos que as histórias/lendas e mitos fazem parte da cultura local. *“Sim as histórias e lendas são marco na cidade de Lucena, os pescadores e moradores vivenciaram aqueles momentos, e explanaram tais sentimentos, experiências para as gerações da sua época, tornou-se então parte da cultura lucenense”*.

Podemos constatar nas respostas que os estudantes colaboradores confirmam que as narrativas contadas fazem parte da tradição oral da comunidade lucenense ligadas a cultura do povo, vale salientar que, “o universo das lembranças não se constitui do mesmo modo que o universo das percepções e ideias” (BOSI, 1994, p.46), pois para Halbwachs:

[...] a memória se enriquece com as contribuições de fora que, depois de tomarem raízes e depois de terem encontrado seu lugar, não se distinguem mais de outras lembranças. (HALBWACHS, 2006, p.98).

Desta maneira, as narrativas orais se apresentam por meio das lembranças ao longo do tempo, contidas na memória coletiva, nas quais se acumulam trazendo novos significados, isto é, conservando passado.

No Quadro 9 apresentaremos a opinião dos estudantes a cerca das memórias que são resgatadas através das narrativas orais.

QUADRO 9- NA SUA OPINIÃO, QUE MEMÓRIAS SÃO RESGATADAS ATRAVÉS DESSAS HISTÓRIAS ORAIS?

| | |
|-----|--|
| C1 | O que as pessoas veem em si. |
| C2 | Na minha opinião são resgatadas a vivência antiga daquela pessoa que contou e suas emoções através da história contada, e a lembrança daquilo que se viveu ou que escutou. |
| C3 | Através das histórias orais podemos resgatar várias coisas como por exemplo, respeitar a natureza, não chamar palavrão em qualquer lugar. |
| C4 | Memórias das experiências pessoais e coletivas dos nossos antepassados, dos primeiros moradores da nossa cidade, e de gerações passadas que presenciaram tais histórias. |
| C5 | As memórias dos (as) contadores. |
| C6 | As memórias que vem na minha cabeça são sobre como as pessoas naquela época tinham as condições precárias, e hoje em dia as coisas são bem melhores do que antes. |
| C7 | Infância, momentos de juventudes etc. |
| C8 | A memória do diálogo físico. |
| C9 | Memórias antigas de uma cultura. |
| C10 | Nos traz diversas memórias, mas principalmente é das pessoas que passavam por essas histórias, pessoas que viviam tudo. |

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

No Quadro 9 analisaremos a seguinte questão: *Na sua opinião, que memórias são resgatadas através dessas histórias orais?* tendo como foco sondar dos estudantes colaboradores se eles conseguem relacionar o resgate das memórias com a tradição oral e histórica da comunidade. Analisando as respostas podemos inferir que a maioria dos estudantes afirmam que as memórias são resgatadas por meio das narrativas orais.

C2, C3, C4, C5, C6, C7, C8, C9 e C10 estão em acordo que as histórias orais são resgatadas por meio das memórias dos avós e que permanecem vivas, pois foram registradas pelos nossos ancestrais. Essas histórias são da tradição oral e atravessaram décadas e ainda permanecem vivas já que fazem parte da cultura e história de um povo.

É o que podemos constatar com algumas respostas dos estudantes, para o C4 as *“memórias das experiências pessoais e coletivas dos nossos antepassados, dos primeiros moradores da nossa cidade, e de gerações passadas que presenciaram tais histórias”*. Para o C2, por meio das histórias contadas *“são resgatadas a vivência antiga daquela pessoa que contou e suas emoções através da história contada, e a lembrança daquilo que se viveu ou que escutou”*.

Deste modo, todos afirmaram que sim, porque há diferença entre fala e escrita ao contar e escrever uma história, alguns definiram conceitos referentes a cada modalidade, como ilustra a resposta do C4 que *“o ato de falar, a oralidade em si, é notório e mais comum usar-se palavras do dia a dia, gírias, palavras de determinada região, enquanto na escrita torna-se algo mais formal, com o uso de uma linguagem que não é muito usada diariamente”*.

Ao analisarmos essa resposta, podemos perceber que o estudante faz uma relação entre o oral menos formal e a escrita mais formal, entretanto, ele não percebeu que assim como a escrita, há também formalidade na oralidade. Quando nos remetemos ao ato de contar e ouvir histórias, automaticamente por ser uma ação desenvolvida pela oralidade relacionamos a informalidade da língua, porém, a oralidade precisa ser apresentada com *“a suposição de que as diferenças entre fala e escrita podem ser frutiferamente vistas e analisadas na perspectiva de uso e não do sistema”* (MARCUSCHI, 1997, p.139).

A seguir explanaremos no Quadro 10 sobre se existe diferença entre fala e escrita ao contar ou escrever uma história.

QUADRO 10-PARA VOCÊ EXISTE DIFERENÇA ENTRE FALA E ESCRITA AO CONTAR OU ESCREVER UMA HISTÓRIA? POR QUÊ?

| | |
|----|--|
| C1 | Sim, é bem mais prático e explicativo contar uma história do que escrever uma história. |
| C2 | Sim, porque quando escrevemos algo por mais que você escreva por emoção, os leitores vão ter que se imaginar ali, diferente quando alguém conta a história nós vemos a emoção que tá transmitindo através da leitura e cria vida de certa forma. |
| C3 | Sim, porque falar você vai dizer sobre uma história que você já falou pra você e escrever uma história você vai ter a criatividade de escrever algo novo, algo que alguém nunca ouviu falar e vai ser a primeira vez dessa pessoa lendo. |
| C4 | Sim. O ato de falar, a oralidade em si, é notório e mais comum usar-se palavras do dia a dia, gírias, palavras de determinada região, enquanto na escrita torna-se algo mais formal, com o uso de uma linguagem que não é muito usada diariamente. |
| C5 | Não muda tanto na fala você usa a expressão facial e usa o movimento da mão para explicar e na escrita é usado apenas o movimento da mão para escrever. |
| C6 | Escrever entrega as informações mais específicas e detalhadas e contar quais são as informações mais importantes de uma história. |
| C7 | Através da fala eu consigo compreender melhor do que a escrita. |
| C8 | Sim, porque a história só é melhor quando alguém conta, você consegue sentir realmente o que cada personagem está passando. |
| C9 | Sim, a escrita exige uma preocupação maior em relação à gramática. |

| | |
|-----|---|
| C10 | Sim, pois quando lemos apresentamos ali a forma original na história e até mesmo com as palavras do próprio autor. Já quando contamos não é da mesma forma, fazemos uma improvisação e interação para o pessoal que estamos contando. |
|-----|---|

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Conforme a análise da questão 9 sobre: *Para você existe diferença entre fala e escrita ao contar ou escrever uma história? Por quê? As respostas dos entrevistados foram unânimes ao afirmarem que há diferença entre fala e escrita.*

Para o C10 “quando lemos apresentamos ali a forma original na história e até mesmo com as palavras do próprio autor. Já quando contamos não é da mesma forma, fazemos uma improvisação e interação para o pessoal que estamos contando.”. Para Marcuschi (1977) há distinção entre fala e escrita: (a) Oralidade e escrita como práticas sociais e (b) fala e escrita como modalidades de usos.

Para o autor a oralidade e escrita são modos do uso da língua. “A fala é adquirida naturalmente em contextos informais do cotidiano. A escrita se adquire em contextos formais na escola”. (MARCUSCHI, 1997, p.120). Com base nesse viés, compreende-se que tanto a oralidade quanto a escrita têm suas regras de funcionamento, que ambas não são opostas e que existem oralidades mais orais e outras mais próximas da escrita, como também existem escritas mais letradas e outras mais próximas da oralidade.

Diante desta perspectiva, Marcuschi destaca que a:

Escrita tornou-se um bem social indispensável para enfrentar o dia- a dia, seja nos centros urbanos ou na zona rural sendo essencial para própria sobrevivência.” É trivial pensar de que a escrita é derivada da fala primária e de que todos os povos têm ou tiveram uma tradição oral, isto é, uma primazia “cronológica indiscutível.” (MARCUSCHI, 1997, p.119).

Em vista do que foi mencionado acima, “[...] quando a oralidade é o único meio de comunicação, as narrativas orais são a maneira própria de essa

sociedade transmitir seus valores e seus sentimentos aos mais jovens[...]" (BARBOSA, 2011, p.19). Portanto, a oralidade por ser uma modalidade mais informal se torna mais real e concreta, a fala é mais evidente no cotidiano, onde diversos saberes são disseminados pelo ato da fala.

Entende-se, assim, que para alguns povos a cultura oral distingue-se por uma interação direta entre os sujeitos. A fala é, para eles, não exclusivamente uma forma de expressão de pensamento, mas também um modo de ação, dotada de grande poder.

Por fim, exibiremos no Quadro 11 sobre os conceitos de mitos e lendas relatados pelos colaboradores.

QUADRO 11-NA SUA OPINIÃO QUAL A FUNÇÃO DO MITO E DAS LENDAS NUMA CULTURA?

| | |
|----|---|
| C1 | Fazer medo a população, fatos históricos ocorrido em tal cidade, e algo marcante daquele momento/lugar. |
| C2 | Para que aquela cidade tenha uma identidade da sua cultura criada por lendas ou mitos, quando for comentado e falar foi de tal cidade, a cidade já tem uma identidade e gera interesse das pessoas conhecerem essa cidade histórica, cheia de lendas e mitos. |
| C3 | Mito é falar sobre coisa que nunca existiram que é coisa da cabeça dos povos e lendas são coisas que já existiram no tempo de pessoas mais velhas no tempo de antigamente. |
| C4 | Tem a função de trazer à tona a memória e identidade de uma sociedade, as lembranças do nosso povo na antiguidade, sendo assim os mitos e lendas são passados de geração em geração. |
| C5 | A função é não deixar morrer a cultura pra isso não acontecer eles contam a lenda ou mito |

| | |
|-----|---|
| C6 | O mito tem objetivo de explicar a origem de tudo aquilo que existe e é considerado importante, já a lenda tem coisas misteriosas ou sobrenaturais e contém fatos reais com imaginários. |
| C7 | Na minha opinião algo para ficar marcante em tal lugar são as lendas, através dela a cidade ou rua ou blá blá, blá, se torna um lugar marcante. |
| C8 | Passar ensinamentos. |
| C9 | Essas histórias contadas são uma forma de dar vida a um povo antigo e manter viva a cultura. |
| C10 | Acredito que a função do mito não é explicar a realidade, mas, acomodar e tranquilizar o homem em um mundo assustador. Já a lenda tem uma principal função, que é preservar a história fantástica ou fantasiosa que é criada ali, pela imaginação, crenças e foram repassadas tanto oralmente, quanto escritas e foram repassadas também de geração em geração. |

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Com base nesta última pergunta da entrevista: *Na sua opinião qual a função do mito e das lendas numa cultura?* Os dez estudantes colaboradores entrevistados afirmaram ter compreendido, mesmo que vagamente, informalmente a função dos mitos e das lendas numa cultura. Contudo, foram mencionados nas respostas dos entrevistados que a função dos mitos e as lendas são narrativas fictícias que retratam a diversidade cultural conforme o tempo cronológico e lugar, despertando o Imaginário, resgatando e mantendo vivas as histórias orais de um povo.

Para C6 *“o mito tem objetivo de explicar a origem de tudo aquilo que existe e é considerado importante, já a lenda tem coisas misteriosas ou sobrenaturais e contém fatos reais com imaginários.”* Para tanto, os mitos e lendas representam a diversidade cultural, pois:

Por meio dessas formas, tais como as lendas e os mitos, que se transmitiram/transmitem experiências, conceitos, e todo um conjunto de valores. Essas formas de expressão constituem parte da identidade cultural de um povo e têm sido mantidas apesar das transformações que sofrem no tempo e no espaço. Encontramos muitas vezes variantes de uma mesma manifestação, dependendo da região e da época (BARBOSA, 2011, p.19).

Nessa perspectiva, podemos afirmar que a função dos mitos e das lendas é justamente manifestar a cultura, a crença por meio da oralidade, sendo um dos principais meios de transmissão dessas histórias miraculosas do sobrenatural e do imaginário popular. “É preciso, portanto, pesquisar a marcha dessas histórias em relação à marcha do indivíduo” (BAYARD, 2002, p. 21).

No tópico a seguir daremos enfoque a análise das aulas extraclasse e observações em sala.

4.4 Análise das visitasões (aulas extraclasse) com estudantes e das observações de aula

É primordial compreender que as aulas extraclasse são de extrema relevância em qualquer esfera do conhecimento, pois elas possibilitam aos estudantes utilizarem as observações necessárias em lócus por meio da coleta de dados, informações que perpassam a teoria, relacionando-as à prática. Deste modo, podemos constatar que as atividades extraclasse nas aulas de Língua Portuguesa referentes a pesquisa realizada confirmam que,

Os elementos culturais extraclasse são meios de comunicação e de informação interativas entre educando, educadores e comunidade, pois possibilitam um desenvolvimento contínuo no processo de aprendizagem, embora a prática em sala de aula se faz imprescindível os elementos culturais extraclasse tem um papel relevante na formação sujeito crítico e autônomo. (VALENTINI E MACIEL, 2014, p.11).

Sendo assim, “as atividades extraclasse podem ser, desde comemorações na escola, até saídas de campo e passeios escolares, com a finalidade de, tanto integrar a comunidade escolar, quanto fortalecer as

temáticas trabalhadas dentro de sala de aula, como um processo complementar.” (OLIVEIRA, 2018, p.61). Assim, essas atividades favorecem maior relação entre prática e teoria, pois oferecem aos educandos vivenciar a prática do conhecimento obtido de maneira significativa.

A partir desse viés extraclasse, apresentaremos a seguir uma das vivências realizadas pelos estudantes colaboradores, na qual podemos verificar a partilha entre entrevistado e entrevistador. A conversação será entendida nessa experiência “como uma interação centrada da qual participam pelo menos dois interlocutores que se revezam, tomando cada qual pelo menos uma vez a palavra, dando-se o evento comunicativo em uma identidade temporal”. (MARCUSCHI, 1988, p. 319-320)

Vale ressaltar que outros moradores também contribuíram indiretamente, porém seguindo às normas de distanciamento social estabelecidas pela OMS, devido ao espaço foi mais viável a realização da partilha com a entrevistada a seguir.

Após todos os meses de 2021 com os encontros on-line, durante o mês de férias, na terceira semana de janeiro de 2022, realizamos nossa visita à Secretaria de Cultura da cidade, com o objetivo de realizarmos uma breve partilha, entrevista com a atual secretária de Cultura e professora, que se dedica há anos em ser uma eterna pesquisadora sobre a história, educação e cultura do município. Durante os momentos de entrevista com os estudantes colaboradores da pesquisa, a professora demonstrou bastante interesse em contribuir com os dados deste estudo, em participar e responder às perguntas.

Vale ressaltar que, para obtenção e análise dos resultados a entrevista foi gravada em áudio e transcrita. As perguntas direcionadas à entrevistada 1, foram elaboradas pelos estudantes colaboradores sob orientação ao tema da pesquisa. Como aponta Ramos (1997), o estudo da transcrição representa “um conjunto de normas de “tradução” de textos falados em textos escritos, enfocando traços formais que podem ser caracterizados como especificidades da língua falada em contraposição às normas da língua escrita” (RAMOS, 1997, p.41-42).

A professora, secretária neste texto, será identificada como entrevistada 1, e os estudantes colaboradores serão denominados C1, C2, C3, assim sucessivamente. C1, iniciou a entrevista de antemão agradecendo o convite

aceito pela entrevistada em nos ceder a entrevista, participando desse momento tão importante, para que pudessem interagir mais a respeito da essência de Lucena, as histórias que são expressas de geração para geração.

Logo após realizou a primeira pergunta:

C1: Esse interesse que a senhora sentia por saber “mais” de Lucena, foi de alguma base familiar, se a senhora teve isso carregado, ou simplesmente surgiu da senhora, e disse quero saber e pronto?

Entrevistada 1: Olha, na realidade existe uma certa influência de família, mas por meu pai ser professor, ter uma família bem dessa área, eu sempre tive curiosidade na realidade em saber, apesar de não ser filha da terra, é como era ela antes, Lucena hoje é isso, mas como era ela antes de chegar isso? É claro que toda cidade tem seu desenvolvimento, seus avanços, com gerações inclusive, enfim, mas eu sempre tive essa preocupação, essa comunidade de pescadores, que foi uma aldeia, como era isso? Sempre tive essa curiosidade, partiu daí o interesse em buscar dos moradores algumas curiosidades, e fazia alguns questionamentos, o porquê e como era...e foi assim que começou.

Como falei para a professora, chegamos aqui, eu tinha 10 para 11 anos, foi em 1969, praticamente era uma pré-adolescente já cheia de curiosidades, porque Lucena era, como podemos classificar, uma mata de coqueiros, com as cabaninhas dos pescadores, morava na beira à mar, Lucena sempre foi uma cidade muito bonita. Então foi a partir dessa vivência e de contato com os moradores, pescadores que era a grande maioria, de saber como era e participando das atividades culturais também, ia para a casa dos pescadores brincar coco de roda, que sempre foi a atividade mais forte da época, e pescadores que a gente tinha grande respeito, porque quando chegamos a uma cidade, você precisa respeitar aquilo que você encontra, procurar saber do que vivem como vivem, para a gente poder ter uma boa relação[...] Nós temos que ter humildade para chegarmos em qualquer lugar que formos...a primeira coisa é buscar como vivem essas pessoas culturalmente, pra gente poder não desrespeitar.

C1- Eu gostei da parte que a senhora falou sobre ir na colônia dos pescadores fazer uma roda e tal, e a senhora podia lembrar na infância,

em que alguma pessoa, fez aquele momento essencial na sua infância, algum pescador, algum parente que tava ali, que a senhora via naquele momento, esse aqui é praticamente o meu “Google” sabe de tudo de Lucena, vai ser o meu guia, vou colar nele? (Risos, momento de descontração ao perguntar)

Entrevistada 1: Não na realidade, enquanto moradores, pescadores, donos da área, naquele momento, todos tinham alguma informação que acrescentavam, eu lembro que a gente também morava em casa de palha na época, nessa vivência com eles eu aprendi a fazer janelas de palha, eu queria aprender, as portas eram de palha, bem tradicional, como também me trepei em coqueiros, aquela realidade com os trepadores de coqueiros, com as “peias”² que eles colocavam nas pernas, só para saber a sensação de estar em cima de um coqueiro. Eu realmente era uma criança muito inquieta, eu queria participar, assistir tudo, por isso não tinha uma pessoa específica, pra mim todos eram “doutores”, “professores”, como moradores tinham a realidade deles, era muito importante a vivência com eles [...] Eu gostava de estar onde eles estavam. A ponto do meu pai ter feito um mestrado sobre a pesca artesanal no litoral da Paraíba, foi aqui que deu início ao trabalho dele na Universidade.

Com base nas perguntas do C1, podemos constatar em seu posicionamento que ela identifica que a cultura oral exerce sabedoria popular relacionada às pessoas mais experientes, sendo “uma troca de experiência do coletivo; uma transmissão de experiências, cujas condições de realização são bastante subjugadas nas sociedades modernas” (BENJAMIN, 1994, p.14).

Desta maneira, quando fazemos uma comparação com os dias atuais, percebemos que no "momento em que a experiência coletiva se perde, em que a tradição comum já não oferece nenhuma base segura, outras formas narrativas tornam-se predominantes" (BENJAMIN, 1994, p.14), pois, a modernidade presencia uma crise de sentidos e identidades culturais,

Crise essa, produto dos processos de modernização, pluralização e secularização das sociedades com consequentes perdas de referências estáveis e seguras; certamente isso gera anseios e desorientação (2004). Frente a

isso, dedicamo-nos a pensar sobre as causas e efeitos do ato de contar e ouvir histórias na contemporaneidade. Nossas reflexões, envolvem as dimensões não apenas prática, mas as mítico-simbólicas desta atividade (GIORDANO,2013, p.28).

Para tanto, faz-se necessário promover o resgate da diversidade cultural linguística, mantendo a história imaterial viva dos indivíduos, estimulando o imaginário, "...cabe, sobretudo, refletir sobre os significados da arte narrativa, já que esta presta-se como um canal para a experiencição e identificação da variabilidade de motivos e valores que acompanham o homem em seu crescimento e evolução" (GIORDANO,2013, p.28).

Conforme sucederam as perguntas, podemos perceber que os estudantes colaboradores são instigados pela curiosidade em saber mais da sua história e cultura local, além do mais eles conseguem associar que a tradição oral está relacionada ao exercício da oralidade e da memória. Deste modo, a memória, as lembranças remetem a um valor simbólico de valorização da cidade. É o que analisaremos a seguir com as intervenções realizadas por eles.

C2- Professora, me deu uma curiosidade agora, naquele tempo as pessoas eram mais ligadas a cultura delas do que hoje? Tinham mais momentos culturais de resgate, seja da dança, enfim? (A C1 acrescenta, da valorização, né, o ato de valorizar a cultura da cidade.)

Entrevistada 1: Naquela época, eu cheguei na última gestão de Fernando Monteiro, essas pessoas elas viviam muito na capital, os "herdeiros de Lucena", tem muitos herdeiros aqui, os filhos estudavam lá[...] então, quando a gente se juntava aqui de férias, brincava muito, como eu tinha falado anteriormente o coco de roda era muito forte, qualquer atividade festiva que ia ter, por exemplo, eu me lembro que a gente participava muito das festividades da igreja...era uma coisa muito organizada, tinham as mocinhas que vendiam votos para serem rainhas da cidade, e durante a festa elas todas vestidinhas iguais de aventais oferecendo votos, era muita gente em frente a igreja, que ali era um pátio, só areia, da igreja a gente via o mar. E eu me lembro muito desta festa, inclusive gosto muito de dar esse exemplo, aliás, dar exemplo não, de contar essa história.

Então dentro destas festas, após sempre rolava o coco de roda, depois foi que no meu crescimento, foi aparecendo as lapinhas, a Lapinha de Maria Dei, tinha uma da comunidade de Costinha, que tem até hoje, a de Dona Sônia, tinha Dona Tatá em Fagundes, que faziam as lapinhas. E quando não tinha período de festa a gente se juntava e fazia, nós adolescentes. Eu me lembro que a gente elaborou uma peça a muitas mãos, fizemos uma dança também[...] A gente tava sempre mobilizando neste sentido, mas dentro do município, o coco de roda sempre foi algo vivenciado pela comunidade.

Com base na análise da pergunta do C2, é perceptível que a interação entre emissor e ouvinte possibilita “desenvolver a função simbólica bem como a função de iniciação tão importante para os jovens, que os contos de tradição oral promovem.” (GIORDANO, 2013, p.30), pois a arte narrativa promove o desenvolvimento imaginário, criativo, ou seja, da capacidade de abstração, simbolizando ato comunicativo.

Deste modo, a transmissão de vivências passadas favorece a reflexão entre passado, presente e futuro, pois o “momento em que a experiência coletiva se perde em que a tradição comum já não oferece nenhuma base segura, outras formas narrativas tornam-se predominantes.” (BENJAMIN, 1994, p.14). Para melhor ilustrar, as linguagens contemporâneas estão ganhando cada vez mais espaço entre os jovens, como por exemplo, a linguagem midiática, entretanto ouvir histórias na contemporaneidade ainda é algo que necessita de resgate, já que as narrativas orais representam a história viva do homem, sendo úteis as práticas discursivas e culturais justamente pelo viés formativo linguístico.

Para tanto, a maioria das perguntas tiveram como viés a relação entre passado e presente, tornando esse momento interativo mais instigante e investigativo, promovendo assim a curiosidade dos estudantes em saber sobre as dimensões históricas, culturais e linguísticas que permeiam a tradição oral da comunidade.

C3: Então, minha pergunta é, como era viver na cidade antigamente, você considera melhor que hoje, o que mudou?

Entrevistada 1: *Em qualidade de vida temos uma redução grande, mas trouxe muito benefício para os moradores, é, eu lembro que na época de uma outra gestão, eu não sou política, mas sempre tive uma preocupação com o*

bem-estar da comunidade, pela localização geográfica do município, Lucena sempre teve muita dificuldade em tudo, em termos de saúde, em termos de comércio, então as pessoas saíam daqui para vender peixes em Rio Tinto, porque aqui não tinha comércio, pela sua localização Lucena sempre teve muita dificuldade, por isso ela não avançou tanto em termo de desenvolvimento, por conta disso. Então assim, era realmente muito bom a gente chegar em Lucena, e ter aquela mata de coqueirais, mas também não era bom, porque não tínhamos energia elétrica. A gente tinha que queimar o querosene, nas lamparinas, candeeiros. A água era de rio, lavava roupas nos rios. Existe muita coisa ainda na contramão do desenvolvimento, do crescimento da cidade que está desordenada, porque não temos o controle, temos que conviver com a modernidade.

C4: Em relação às histórias de lendas da época, quais chamou sua atenção?

Entrevistada 1: Oh, quando a gente é pequeno, temos medo de tudo, pequenos somos mais sensíveis, naquela época a gente morou aqui em vários lugares na época, a primeira casa que nós moramos, foi lá embaixo, bem depois do Canoas, ali marcou bem a vida da gente. Tinha as crianças do local, filhos dos pescadores que também brincavam bastante com a gente, e iam lá pra casa para a gente entrar na hora certa no mar. Eram muitos, a gente brincava de tudo, tanto de dia, quanto de noite. Dia de lua cheia era muito menino brincando à beira mar.

Lá tinha um espaço na altura, por trás da casa do senhor “Velho”, tinha umas seis mangueiras, eram enormes, e os meninos chegavam lá em casa, rapaz, vocês sabiam que ali tem assombração? Sempre se falava em histórias de assombração, dizem que ali aparece uma mão gorda assim, querendo pegar as pessoas. Bastava uma história dessas para ninguém dormir à noite. Todo mundo ficava com medo, só passamos lá durante o dia, e olhe lá. (Risos).

Existem na realidade muitas histórias, eu acho que considero muito assim, das histórias de assombração, porque elas sempre têm alguma coisa de alguém, eu ensinei muito tempo na escola da comunidade de Fagundes, ainda é hoje um local muito tradicional de pesca, de cultura. Lucena cresceu e tem muita gente que veio de fora, ela foi perdendo essa mais essa questão cultural da oralidade. Eu fiz um trabalho sobre as lendas lá, eu sempre lecionei Arte, e

passei uma pesquisa para eles entrevistaram seus familiares, muitas coisas ficaram comigo, como uma procissão das almas com um baú cheio de ouro, que sai do começo de Gameleira e entra naquela reta para chegar em Fagundes. Existe o grito que sai de Lucena...

Com base no exposto acima, conforme narradas as histórias e lendas pela entrevistada, os estudantes colaboradores se tornaram contadores participantes, acrescentando falas, interagindo de maneira afetuosa, como podemos constatar a seguir:

C1: *A gente escuta lá na Ponta de Lucena, a entrevistada continua que o grito chega à comunidade da Guia.*

C3: *Eu lembro quando era criança que morava ali logo mais nesta rua, eu morria de medo de passar pelo tão temido “beco da igreja”, pois as pessoas relataram que existia a lenda do “Bacurau”, que segundo os contadores é a sombra de um homem gigantesco que aparece nas proximidades à noite, assombrava todo mundo. Essa lenda fez parte da minha infância. Lucena é repleto de lendas, porque como antes não existia tanto essa questão de TV, celular, a gente começava a ouvir essas histórias que eram o entretenimento da época, além de ser cultural faz parte do nosso costume.*

Desta maneira, podemos verificar que a expressão oral dos estudantes possibilitou,

Resgatar a realidade do exercício de contar a nossa história e da escuta de uma boa história é uma realidade capaz de produzir novas histórias, novos significados para levar à construção onde o objeto de aposta possa ser a fé em um mundo mais humanizado e harmonioso (GIORDANO, 2013, p.31).

A interação oral entre estudantes e entrevistada comprovou que “somos seres com uma longa história. Nossa forma de agir é determinada muito mais pela realidade sociocultural-histórica em que nos inserimos do que por nossa simples herança biológica” (MARCUSCHI, 2007, p.14). O autor aponta ainda que a língua se materializa por meio da herança cultural disseminada aos antepassados em seus diversos modos de transmissão e manifestação. Assim, esse processo comunicativo suscita as memórias que são geradas pelo tempo passado, além do mais reconstrói novas narrativas por meio da “tradição

milénar que nos autoriza na tomada da palavra bem-dita calcada na experiência de quem conta.” (GIORDANO, 2013, p.31).

A partir das falas extraídas dos estudantes colaboradores e da entrevistada, como podemos ver a seguir, percebemos que elas confirmam uma das nossas hipóteses de que as narrativas orais são essenciais para o estudo do repertório linguístico local, por se tratar de identidades linguísticas construídas historicamente.

Professora: *Quantas vezes na minha rua, quando era criança, minha vizinha, dona Maria contava histórias para nós, rodeada de crianças, eu ficava fascinada a ouvir tantas “histórias de trancoso”. A tradição oral faz parte da nossa vivência, ou seja, do nosso convívio. Quando fiz a minha graduação em Letras, eu também trabalhei com as lendas locais de Lucena, inclusive pesquisei com as pessoas mais idosas da cidade na época, nas quais contribuíram muito com a minha pesquisa.*

C2: *Lá na Guia, onde moro, as almas aparecem porque o cemitério fica próximo à Igreja da Guia, uma vez eu fui lá, uma criança me falou que eu seria assombrada porque estava sentada próxima a uma cova, eu fiquei com medo.*

C2: **Eu tenho outra pergunta para a senhora, quando que a senhora viu que a literatura oral, essa parte cultural que era sua paixão? Qual ponto que a senhora, pensou, quis seguir, conhecer mais histórias...?**

Entrevistada 1: *Na realidade eu sempre fui o filho “diferente”, eu não me considero uma artista apesar das pessoas da área me chamarem de artista, porque canto, trabalho com artes plásticas, com cultura, o que me encanta dentro dessa área é a emoção porque as pessoas contam, eu sou uma pessoa que acredito muito nas pessoas, vocês não sabem o quanto eu fico emocionada ouvir uma pessoa daqui contando uma história, no meu trabalho de conclusão de curso foi sobre oralidade, sobre a Lenda do Batatão, conhecido também como “cumpadre Albino” contada pelos pescadores nas várias versões com muita emoção. Quando fui fazer a entrevista com os pescadores, ao ouvir, eu não queria mais sair de lá, eles contam por que viveram isso, muito interessante, uma beleza esplêndida.*

Tudo que vem do tradicional, para mim é muito puro, então essa minha relação, essa minha vontade, desejo, esse meu envolvimento com isso, está

principalmente pela questão do ser humano, sentimento, emoção em contar, que ele tem em dizer.

Quando os Cambindas (dança popular, tradicional da cidade) está dançando eu fico toda arrepiada, pela força que eles estão brincando ali, representando uma luta, que aí vem a parte da história dos negros, a nossa história é muita rica. Porque aqui em Lucena, que foi passagem de negros, de vendas, teve um pelourinho aqui, a casa mais antiga daqui era um Pelourinho.

Deve ter muito mais história por causa dessa passagem negreira aqui, eu sempre estou buscando saber mais sobre Lucena, para fortalecer a história do município. Então assim, a gente deve viver em grandes cemitérios, temos muitos negros, índios enterrados aqui. Todo município tem a sua história, e aqui a gente foi só passagem de mar, então deve ter como falam da praia do Holandês, que o navio atracou ali, deve ter morrido muita gente, devem ter muitas pessoas enterradas ali.

Então, tudo que vem e envolve mais precisamente a comunidade me toca, eu não sei qual é minha função aqui na terra, mas é uma coisa assim muito forte, sabe para mim.

Como podemos analisar acima, “o narrador retira o que ele conta da experiência: de sua própria experiência ou da relatada por outros. E incorpora, por sua vez, as coisas narradas as experiências de seus ouvintes” (BENJAMIN, 1994, p.201). Sendo assim, a tradição oral é exercida pelo ato de contar e ouvir, na qual a interação do narrador com os ouvintes possibilita o surgimento da transmissão recontada para outros, contagiando novos contadores.

Em suma, ao longo dos anos, independente de tempo, a tradição oral sempre terá sua importância e se fará presente atualmente, pois faz parte da herança cultural milenar dos povos, e se caracteriza como valorização dos saberes orais, sendo fundamentada nas relações e experiências humanas, bem como ilustrando os acontecimentos do passado refletidos no presente, como podemos constatar nesta experiência.

No que diz respeito à análise das perguntas a seguir os estudantes colaboradores começam a aprofundar suas curiosidades acerca das histórias locais da época e de como elas eram contadas, sendo assim, comprovamos que “o tempo passou, contudo, os estímulos compartilhados por contadores de

histórias contemporâneas ainda se fazem presentes e podem ser sentidos” (LIMA, 2015, p.14).

C5: Antigamente as pessoas costumavam contar lendas antigas mais em grupos, nas ruas, com os familiares, era costume?

Entrevistada 1: *Como toda cidade pequena havia aqueles grupinhos que se reuniam nas calçadas, na rua mesmo, porque não tinha esse movimento, esse trânsito todo que a gente tem de carros, era daí que saíam as histórias, eu me lembro na Barra de Mamanguape próxima aqui, que a noite era o povo tudo deitado na areia da praia ouvindo as histórias. São memórias que você tem marcantes, que não são apagadas, coisas que marcam na vida [...] Sempre teve esse repasse de conhecimento até chegar realmente à globalização, porque eu acho que o caminho foi para isso e aí como vocês estão vendo hoje, todo mundo tem acesso a tudo no mundo todo. E essa parte que é tão importante para a formação de cada um, de valorização, e de saber da sua história está se perdendo, como a professora já falou aí no início.*

Se juntavam mesmo na frente de casa, ia passando um e já ficava, e a conversa ia rolando, já dos antepassados deles, era assim que se faziam os encontros.

C5: Tenho uma curiosidade, quais eram as lendas mais contadas na época, tem alguma que mais marcou?

Entrevistada 1: *A mais forte da época que me lembro, foi essa que eu fiz o trabalho, a do Batatão, sempre os pescadores contavam, como só tinha mais pescador, essa era a mais contada por todos eles. Quando eles entravam no mar, as vezes em horários diferentes. Tinha um pescador aqui que ele ia num barquinho bastante pequeno, numa jangada de boia, ele só trazia peixe de primeira, do alto de mar.*

C2: *Minha avó, ela ia na maré da Guia pegar caranguejo, aí ela viu o Batatão, ela disse que lá no fundo da maré viu ele, era uma bola enorme de fogo, correu, deixou tudo lá e veio para casa.*

Percebe-se que durante a roda de conversa com a entrevistada sobre o tema abordado na pesquisa, a maioria dos educandos ressaltaram suas lembranças através da memória, do costume de contar, ouvir histórias relatando algum episódio vivenciado por eles e outros. Desta maneira, é perceptível que:

A arte de contar histórias pretende restaurar a sabedoria proporcionada pelas histórias na sua vida diária, um tesouro, de poderes imaginativos que está vivo dentro de cada um de nós. Estes poderes normalmente se encontram perdidos e adormecidos, mas apesar disso, despertam as imagens que ainda podem ser encontradas na parte da nossa imaginação onde repousam e tornam a vida mais plena e radiante (MELLON, 2006, p.13)

Diante disso, não se pode ignorar o estudo das narrativas míticas, das lendas e dos mitos “enquanto representações da realidade, de um certo modo de viver e de pensar, de um imaginário coletivo fundamental para a compreensão do passado” (FONTES, 2021, p. 91).

Essas narrativas orais usam de muita simbologia, figuras sobrenaturais, divindades e heróis, sendo mesclados com acontecimentos reais, tendo como objetivo transmitir informações e esclarecer coisas que a ciência ainda não havia explanado conforme as crendices populares produzindo assim significados para a existência.

O **C5** afirma que: *“Lucena como uma cidade praieira do Nordeste a figura do pescador, é algo muito característico daqui, falou de Lucena nos vem à mente a pesca, a praia, o pescador, algo muito simbólico”. E nós temos muitas histórias de pescador, cada pescador que vai pescar traz uma história.* A professora complementa: *“O conhecimento de mundo que eles têm, a vivência do ofício de pescador traz sabedoria, algo marcante na cidade”.*

Portanto, pelo reconhecimento do C5, é inegável, diante deste cenário da tradição oral, o poder da palavra falada como instrumento de valorização cultural, pois os povos expressam suas identidades culturais conforme cada história contada construindo assim coletivamente seus valores ancestrais.

Nossa análise parte para os aspectos culturais do grupo brincante, dançante “Cambindas Brilhantes de Lucena”, no qual a nossa entrevistada coordena há anos, o grupo além de cultural também carrega em seu enredo a tradição oral dos seus cantos tradicionais com raízes africanas, como ele relata a seguir.

Professora: *Eu não poderia deixar de falar dos Cambindas Brilhantes de Lucena, que é uma dança cultural de Lucena, na qual você coordena. Os cantos, que também fazem parte das narrativas orais, pois eles passam a*

nossa história por meio da oralidade, porque é todo um contexto histórico-cultural.

Entrevistada 1: *Sim, eu vi a primeira apresentação dos Cambindas eu morava lá em baixo ainda, era criança, era seu João Chagas, era o rei, assim, achei tão interessante porque na época a gente brincava a noite, e o grupo passou, eles brincavam descalços e com a chegada os Cambindas aqui, eu em 1992 fui resgatar o grupo, um dos integrantes que ainda era da época, apesar de estar bem doente, e daí fui na casa dele para saber , como era que funcionava o grupo, que eu tinha interesse em trazer para a comunidade, ai ele foi dizendo a indumentária, como funcionava, e anterior a ele, a Universidade Federal da Paraíba tinha feito um trabalho de registro em várias cidades de grupos de brincantes de folclore, lançaram um livro e um disco. Isso aconteceu aqui, em Pombal, em Alagoas, foram vários através do Ministério da Cultura.*

Então, foi feito esse trabalho, a gente conversou com ele, na realidade apesar de ter sido uma dança, uma brincadeira dos pescadores de Pitumbu para Lucena, a importância de ter essa brincadeira ativa, era porque se tratava de uma brincadeira trazida da África, então era muito forte, nós visitamos Acaú que era cidade do pescador que veio para Lucena, fomos até lá, ainda conseguimos conversar com dois brincantes muito doentes, porque os outros já tinham falecido. Inclusive os dois ainda brincaram, mesmo debilitados, então assim, fizemos esse resgate de como eles brincavam lá que se chamava “aruenda”, que antecedeu o grupo Cambindas, que era um retrato antes do maracatu de Recife.

E para a gente fortalecer isso, tivemos que fazer essa pesquisa o que é, porque é, como é, e foi isso que nós fizemos. Eram escravos que chegaram aqui do Porto de Recife e se distribuía nas cidades, sítios, fazendas, eles quando chegavam nos navios negreiros, por meio do tráfico de negros, só vinham homens, eles brincavam nas senzalas para reviver ou lembrar momentos de lá da terra de onde eles tinham vindo. A questão histórica dos brincantes é tão forte, sabe que eram escravos afáveis, que trabalhavam dentro dos casarões, eles não trabalhavam na agricultura, na época já tinha cana-de-açúcar. A importância da história enquanto tradição, eu achei que era bom para o município manter. Achei muito importante fazer esse resgate porque eles falam da corte da época de Dom Pedro, império e cantam música

de trabalho escravo, é importante que se der valor e continue. Eles brincavam todas as épocas, se você convidar, se não fosse a pandemia, eles iriam se apresentar. [...] É uma história importante porque é nossa. Porque todos nós fomos muitos misturados e temos no sangue tanto índio, como negro, branco. A maioria do grupo é pescador. Resumindo, são grupos tradicionais da África, mais precisamente do Congo.

Professora: Os cantos que eles dramatizam como o grupo conseguiu resgatar, foi por meio da tradição oral repassados de geração a geração?

Entrevistada 1: *Sim, os cantos não foram inventados por eles, foram trazidos por seus antepassados por meio da oralidade. Veio e ficou.*

C1: *Olha aí, a importância da oralidade não tinha nada escrito, mas se manteve vivo na memória deles.*

Entrevistada 1: *Isso, é por isso que a maneira como eles brincam só tem aqui em Lucena. Existe um Cambindas em Taperoá, fizemos até uma live com esse grupo, mas lá também possui sua subjetividade cultural. O daqui é bem mais tradicional, ou não sofreu nenhuma alteração, o de lá apresenta um viés mais carnavalesco.*

Conforme a análise dos extraídos acima, os cantos tradicionais representados pelo grupo Cambindas de Lucena, além de outros grupos culturais também expressam a tradição oral, do folclore e da cultura popular, ambos percebidos como frutos de uma expressão natural, necessitada do trabalho de aprimoramento da arte letrada e erudita. Já que cada canto “o poema se nutre da linguagem viva de uma comunidade, de seus mitos, seus sonhos e suas paixões, isto é, suas tendências mais secretas e poderosas” (PAZ, 1982, p. 49). Assim, as culturas orais permitem uma “associação entre o poder da palavra e a função do cultor da memória, a partir da tradição de uma cultura oral, revela o imenso poder conferido à palavra” (COGO, 2012, p.8).

É o que confirmamos, na fala do C1, que diz: “Olha aí, a importância da oralidade não tinha nada escrito, mas se manteve vivo na memória deles”. Reconhecendo que “sob o ponto de vista mais central da realidade humana, seria possível definir o homem como um ser que fala e não como um ser que escreve” (MARCUSCHI, 2003, p.17). Além do mais, é importante frisar que “a

literatura oral vem dos primórdios da civilização humana, e a sua maior característica é a persistência pela oralidade.” (LIMA, 2015, p.15).

Finalizaremos a seguir a análise da última pergunta realizada pelo(a) C1 a entrevistada:

C1: Agora vamos para a pergunta final, como a gente sabe tudo que é da tradição oral está ligada à oralidade, nossa história, nossa cultura, enfim. Sabemos que ela está relacionada às práticas culturais de uma determinada sociedade por meio da fala. Para a senhora qual é a importância da preservação da cultura e da memória histórica de Lucena?

Entrevistada 1: Um povo sem história, não existe povo, a importância histórico-cultural de um município é o que vai medir a evolução de uma comunidade, eu acho que se você não tem nada, você não sabe de nada a respeito do lugar onde você mora, você é uma pessoa neutra, por quê? Porque a gente sempre vem de algum lugar, somos uma geração, então eu tenho minha filha, que vai ter filhos, que os filhos dela terão outros filhos, então lá na ponta qual é a referência dessa geração em relação ao passado? Por mais que as pessoas digam "de passado ninguém vive", a gente não vive de passado, mas a gente guarda o passado que é para exatamente poder passar esse passado para as pessoas que não viveram, para que as conheçam.

É muito importante para essa nova geração, porque já temos um grande déficit nessa questão histórica dentro do município, porque não existe nenhum interesse dos jovens em relação a sua história. É isso gente é se condenar ao zero, porque você chega em qualquer canto, você é de onde? Ah, eu sou de Lucena, sim e lá como é? Você fala o que vive, mas e antes? Um povo sem história é um povo morto, porque mais na frente você vai precisar, sua história é sua identidade, então vamos plantar essa semente. Enquanto estiver de pé, ajudo a vocês a colocarem areia nesta semente para que germine. Eu acredito que depois desse relato aqui vocês irão valorizar ainda mais.

Professora: *Nossa, esse momento foi muito rico, sabemos da sua sabedoria, espontaneidade, humildade, em nos trazer esse relato tão importante para nossa pesquisa. Nós agradecemos a partilha e que nos trouxe grandes ensinamentos também. Ouvir uma pessoa que traz uma experiência, que não vivenciamos é muito enriquecedor. Muito obrigada, de coração pela partilha em nome de todo grupo focal.*

Para finalizar pediu para que os estudantes colaboradores agradecessem ou partilhassem algo a respeito do que foi relatado na entrevista.

C3: *Gratidão pelo conhecimento tido hoje com essa pessoa maravilhosa.*

C2: *Eu agradeço também pela oportunidade, quando a professora disse que eu faria parte desse grupo me fazendo o convite, eu falei para minha mãe que queria fazer parte disso porque realmente eu preciso saber mais sobre minha cidade, minha história, minha cultura, minha oralidade. Eu sempre admirava isso na professora, porque ela contava as coisas com tanta emoção nas aulas de Língua Portuguesa, como se ela vivesse a personagem.*

E vendo agora esse relato da senhora, fiquei maravilhada porque a senhora conheceu Lucena como era antigamente, e sabe realmente como era, viu a evolução, me admiro muito a forma que a senhora fala, porque vejo a admiração ao falar sobre tudo, o amor pelo que a senhora faz, acredita, e isso é muito lindo de ver, porque às vezes as pessoas contam as histórias não passam aquela emoção, só contam por contar, mas vejo encantamento.

C1: *Pra finalizar, eu gostaria de agradecer, como as meninas falaram, eu falei muito que não teria pessoa melhor para contar que eu conheço no meu dia a dia, convivo com ela desde muito criança, estudei na escola dela, então aprendi muita coisa. Eu sei da forma que ela fala, do sentimento que ela carrega ao falar de Lucena, é muito gratificante e eu gostaria de agradecer.*

Em geral, a aula extraclasse possibilitou aos estudantes colaboradores a vivência oral, sendo um momento riquíssimo e prazeroso, bem como nos levou a perceber que as narrativas orais mesmo fazendo parte de espaços mais populares, considerada uma arte do passado, ainda na atualidade podem ser reconhecidas e trabalhadas em espaços mais formais, como na sala de aula. Esperamos assim, que este possa fazer parte de outras realidades educacionais, abrindo novos caminhos no campo acadêmico.

Seguiremos para o tópico sobre a análise das atividades desenvolvidas pelos estudantes.

4.5 Análise documental: as narrativas orais a partir da produção de um podcast.

Foi proposto aos estudantes uma sequência didática de própria autoria nas 8 aulas de Língua Portuguesa por meio do Google Forms, que envolveu algumas atividades sobre os vários usos da linguagem e a transição entre oralidade informal e escrita formal, além de outras atividades propostas, entretanto, para esta pesquisa, destacamos a parte que está mais relacionada ao estudo em pauta, que são as narrativas orais.

Na atividade que finaliza a sequência apresentamos a Produção de um *podcast* (Acesso para link dos podcasts no Anexo C) utilizando as narrativas orais no qual traz como ponto de partida a leitura de um conto popular. É importante frisar que os contos populares são narrativas orais transmitidas com o passar do tempo de um para outros. Deste modo, “a arte da palavra, oral e escrita, permite a transformação de um mundo de pensamentos, percepções, perguntas, intuições e afetos em comunicação. É uma manifestação expressiva que uma pessoa dirige a si mesma e ao outro, que estabelece contatos.” (MACHADO, 2015, p. 16).

“Desta forma, é possível que uma sociedade possa transmitir a história oral, a literatura oral, a lei oral e outros saberes tradicionais entre as gerações, sem prescindir de um sistema de escrita.” (SANTOS, 2016, p.5). Sendo assim, Lucena, cidade situada no Litoral Norte da Paraíba, é uma cidade como muitas outras do Nordeste que preservam ainda sua história e cultura por meio da tradição oral, os pescadores em si costumam expressar oralmente suas narrativas populares em seu ofício há décadas.

Durante 4 aulas realizadas pela Plataforma *Google Meet*, apresentamos aos discentes a proposta da produção do *Podcast* seguindo o roteiro da atividade. Inicialmente realizamos a leitura do conto popular: “*Malasartes e a sopa de pedra*”, adaptação de Augusto Pessoa, logo após, foi sugerida uma roda de conversa sobre as características dos contos populares, das narrativas orais para, em seguida, partirmos para a proposta, que foi a produção de um *Podcast* a partir da contação oral das histórias locais que, neste caso, necessitaríamos de um prazo maior para eles pesquisarem e produzirem.

Vale destacar que o *podcast* é uma forma de transmissão de arquivos, sendo uma ferramenta que resgata a oralidade, além de desenvolver as

habilidades comunicativas. Diante desta produção, as famosas “Histórias de Pescador” tornaram-se essenciais para o estudo do repertório linguístico local, cumprindo assim sua função social por meio da comunidade de fala.

Logo após a roda de conversa, percebemos que os estudantes reconheceram que os contos populares abordam vários aspectos da vida cotidiana, como alegrias e tristezas, animais e seres mágicos, heróis e vilões, fazendo parte da tradição oral.

Por conseguinte, rumo à prática, foi sugerido as orientações em grupos, duplas, ficando a critério dos estudantes, de maneira bem democrática, se reunissem para desenvolver, planejar, pesquisar sobre suas produções. Foi pedido para que eles pensassem, conversassem sobre as narrativas e contos orais, populares locais, que conheciam, ou já ouviram. Logo após, cada grupo faria uma contação de história. Um integrante do grupo ficou responsável em gravar as narrativas contadas pelos demais que poderia ser pelo gravador do celular.

Após a gravação todos ouviram suas histórias, cada grupo escolheu uma das narrativas de que mais gostou, produzindo o roteiro e a edição para elaboração dos seus *Podcasts*. Os estudantes, ao organizarem suas ideias, as narrativas, considerando a relação existente entre elas, puderam também promover a escuta atenta de ouvir o outro, extraíndo daquele momento a sua ancestralidade por meio da tradição oral.

Por fim, ao produzirem seus *podcasts*, cada grupo socializou suas produções divulgando também nas redes sociais da escola, cumprindo assim sua função social. É importante frisar nessa proposta que as narrativas da tradição oral se preservaram ao longo do tempo, seja porque são ainda transmitidas pela oralidade, seja porque foram registradas em textos escritos ou gravados em filmes e desenhos, ou porque traços dessas narrativas são incorporados em gêneros narrativos atuais. Além do mais, essa atividade promoveu o conceito de pertencimento linguístico, cultural e identitário dos discentes.

Desta maneira, com essa proposta didática os estudantes perceberam que “a fala e a escrita se constituem como importantes atividades no âmbito das práticas sociais e culturais da nossa sociedade” (LIMA, 2015, p. 31), bem

como, “que a oralidade deveria também ter lugar de destaque nas sociedades “letradas”, sobretudo na escola” (LIMA, 2015, p.31).

Para tanto, aprimorar as habilidades de comunicação e expressão oral consiste numa visão de língua em que não é apenas exteriorizar ou traduzir um pensamento ou comunicar informações a outrem, mas sim concretizar atos, agir, atuar sobre o interlocutor por meio da escrita de textos, o que nos leva a construir o que falamos levando em conta o outro e a conjuntura, isto é, eu necessito me comunicar com o meio.

É interessante, perceber que podemos deduzir que um trabalho focado numa perspectiva pautada nas influências das narrativas orais requer uma reflexão dos usos que fazemos da língua. A oralidade contribui, ainda, na ressignificação do linguajar local no contexto atual do ensino de Língua Portuguesa.

O funcionamento da língua é constituído nas relações sociais do cotidiano, uma vez que em cada situação comunicativa os seus participantes se comportam de maneiras diferentes, por este motivo, a prática da oralidade e da escrita é uma forma de inclusão cultural e de socialização. Por este motivo, é preciso que todos nós docentes possamos incluir nas nossas práticas pedagógicas o ensino de língua pautado nas variedades linguísticas cotidianas inseridas no âmbito social, cultural e histórico, devemos considerar que os diversos falares são característicos e identitários de cada um.

Logo, entende-se que o nosso português brasileiro é diversificado, principalmente em se tratando de um país multiculturalista como o nosso, então cabe à instituição escolar incluir na educação formal as tradições orais existentes, pois a fala e a escrita informal que os estudantes trazem para sala de aula devem ser consideradas no processo de ensino aprendizagem, não colocadas de lado como algo desconectado de sua realidade. Diante dessa vivência didática, podemos reconhecer que “os contos orais são elementos fundamentais das culturas populares e, na atualidade, podem ser reconhecidos como gêneros textuais orais e trabalhados no âmbito da sala de aula” (LIMA, 2015, p.16).

Portanto, a atividade aqui apresentada, além do que já foi mencionado acima, visou refletir sobre o entendimento e funcionamento da língua nas várias esferas de uso de maneira significativa, além da contribuição das influências das narrativas orais em sala de aula. No entanto, essas questões ainda precisam ser discutidas e efetivadas de modo mais atuante nos espaços escolares, mais precisamente nos documentos que norteiam o currículo, conseqüentemente para o ensino da língua, promovendo, assim, maior aprofundamento das questões relacionadas aos seus discursos e a sua identidade cultural, social e linguística.

Assim, a eficiência da aprendizagem da língua se remete a boas situações de aprendizagem, nas quais professor e estudante tornam-se ferramentas essenciais no processo educativo de forma a entusiasmar e despertar a criatividade e fornecer-lhes instrumentos necessários para que o ensino seja produtivo, dialógico, instigante, significativo e dinâmico.

Portanto, mesmo em se tratando de um estudo pautado nas narrativas orais no ensino médio, etapa esta em que a maioria não dá tanta relevância ao caráter lúdico e cultural da língua, é notório que “por meio do estudo de memórias locais, é possível pautar a prática docente na busca de novas metodologias e elementos que despertem um conhecimento novo em sala de aula.” (SANTOS, 2022, p.293).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Início as considerações finais dessa dissertação lembrando o que me motivou a desenvolver essa pesquisa: as experiências adquiridas como contadora de histórias, num Projeto de Leitura e Contação de Histórias, a vivência familiar na infância da tradição oral e a minha prática docente como professora de Língua Portuguesa, o que desencadeou o interesse pela área de investigação.

Como introdução ao tema, buscou-se esclarecer de maneira concisa, a contextualização histórica da nossa tradição oral por meio dos mitos e lendas locais, foi de eficaz valor o esclarecimento sobre a história oral, a investigação relacionada às influências dessa tradição oral nas práticas discursivas dos estudantes na 3ª série do ensino médio.

Apreciando o trabalho com uma pequena introdução ao estudo da tradição oral, ressaltamos a precisão da escola em se perceber a relevância da oralidade, assim como da leitura e da escrita. A oralidade deve ser mais enfatizada no espaço escolar, por ser um aspecto relevante para o desenvolvimento social, cultural, histórico, linguístico e cognitivo dos educandos.

É importante frisar que o trabalho com as narrativas orais é sinônimo de interação entre os indivíduos, deste modo, quando os contadores expressam, contam suas histórias, eles estão interagindo com as demais pessoas, desempenhando um papel social, sendo transmissor de conhecimentos, saberes historicamente acumulados com o tempo.

Quanto ao objetivo do trabalho, a pesquisa realizada com os estudantes em sala de aula, viabilizou maior aprofundamento da nossa cultura relacionada à tradição oral dentro da escola, resgatando, desse modo, nossa cultura oral, bem como contribuiu para pesquisas na área de Linguística, Literatura e, por conseguinte, para os docentes de Língua Portuguesa e áreas afins.

Trazer as narrativas orais para as aulas de Língua Portuguesa no ensino médio tornou-se um diferencial, justamente por enfatizar esse tema nesta etapa de ensino, aprimorando as práticas discursivas, mais especificamente a oralidade, resgatando também a tradição oral local.

Em se tratando de ensino médio a aprendizagem, na maioria das vezes, é voltada apenas para o preparatório do ENEM, entretanto este trabalho

destaca a importância de contextualizar o ensino com a oralidade considerando a língua viva e dinâmica.

Porém, ao falarmos dos adolescentes, dos jovens presentes nesta etapa da educação, devemos instigá-los a valorizarem as culturas linguísticas existentes na comunidade, levando-os a perceber que o ensino da língua “garanta o reconhecimento dos diferentes sujeitos com suas vidas social e cultural, sua/nossa história e narrativa” (SANTOS, 2019, p.227).

Portanto, o trabalho com os estudantes possibilitou inserir a oralidade de forma mais contextualizada, já que contribuiu com aos estudantes a se relacionarem ativamente com o seu meio, pois ao utilizarem o discurso oral a escola viabilizou maneiras de interação verbal com as diversas camadas da sociedade.

Sabemos que a oralidade, por meio dos mitos e lendas, ocupa um lugar muito importante na cultura local, na qual estamos inseridos. Com a ressignificação e resgate das narrativas orais percebemos que todos os educandos mantêm contato com a oralidade dessas histórias, seja através de um parente, vizinho ou amigo.

Foi por meio de descobertas referentes às narrativas orais que os estudantes permitiram desenvolver a confiança na sua capacidade de criar, de construir e reconstruir seus textos a fim de que se plenifiquem a partir de competências e habilidades. É ainda interessante perceber que o educando passa a ser um agente no processo de leitura, oralidade, escrita e compreensão, ele não apenas absorve as ideias, mas constrói a compreensão baseada em conhecimentos significativos e construtivos, favorecendo assim suas práticas discursivas.

Por conseguinte, esse campo de estudo com viés nas narrativas orais foi realizado em consonância com a construção das relações sociais, de valores almejados para a promoção do Protagonismo Juvenil e Projeto de Vida, princípios esses que norteiam a escola cidadã, evidenciando também os aspectos sociais, cognitivos, psicológicos, culturais, históricos e pessoais dos educandos.

Ressaltamos o alcance do objetivo geral, o de analisar as influências das narrativas orais da cidade de Lucena - PB nas práticas discursivas dos estudantes da 3ª Série do Ensino Médio, elaborado a partir da pergunta que

norteou a pesquisa: quais influências culturais e linguísticas das narrativas orais estão presentes nas práticas discursivas dos estudantes do ensino médio nas aulas de Língua Portuguesa?

Essas influências permitiram que os estudantes se apropriassem de maneira mais efetiva da modalidade oral da língua e da prática discursiva em diferentes situações sociais. Sendo assim, nem sempre os docentes sabem como trazer para a sala de aula diferentes propostas e abordagens com base na oralidade, sobretudo no sentido de ampliar nos estudantes as habilidades de ouvir, falar, argumentar e expressar-se.

Diante disso, enxergarmos a língua como forma de interação faz com que tenhamos de trabalhar em sala de aula a atribuição de sentido no uso da produção e compreensão de textos, sejam orais ou escritos, sempre como algo que resulte não apenas dos recursos linguísticos e suas potencialidades significativas, mas também de quem são os interlocutores em sua condição social, cultural e histórica e colocados em um contexto que também afeta os sentidos desses textos ocupando as suas reais funções.

Perante aos objetivos específicos propostos: a) Investigar os elementos linguísticos e discursivos presentes nas narrativas dos estudantes conseguimos identificar que as marcas de oralidade, as variações se fazem presentes nas narrativas que os estudantes narraram; b) compreender a relação e a diferença entre o discurso oral e escrito no ensino de Língua Portuguesa; os estudantes reconheceram que o discurso oral e escrito estabelecem relações e diferenças dependendo do contexto de uso, sendo formal ou informal c) perceber que a tradição oral é estabelecida pela mudança histórica, cultural e social; pois é perceptível que as narrativas orais exercem sua função nos vários campos de conhecimento e influenciam diretamente. ; d) apresentar as concepções linguísticas utilizadas na análise foram alcançados a partir do percurso metodológico, mais especificamente nos tópicos sobre perspectivas dos estudantes sobre as narrativas orais, análise das visitas (aulas extraclasse) com estudantes e das observações de aula e análise documental: as narrativas orais a partir das atividades desenvolvidas pelos estudantes.

Verificamos que os estudantes, por possuírem um amplo conhecimento externo sobre a tradição oral dos mitos e lendas, são influenciados também a

desenvolver melhor sua oralidade, além disso, o nosso trabalho serviu também para valorizar os idosos na sociedade, instigando sua autoestima, considerando sua sabedoria, conhecimento e contribuição para a nossa história local através da tradição oral.

Com a realização deste trabalho foi possível refletir sobre a forma como a tradição oral pode ser desenvolvida na sala de aula, pois como podemos constatar a nossa cultura oral ainda permanece viva na memória do nosso povo, resgatando assim nossa história e cultura.

A nossa história oral foi abordada significativamente por meio da pesquisa e estudos realizados na escola e na comunidade comprovando, assim, que identidade e memória podem ser valorizadas e desempenhadas por meio da oralidade. Para tanto, o referencial teórico utilizado se alinha aos objetivos da pesquisa e possibilitou alcançar os objetivos propostos.

Diante de tais considerações, é conveniente retomarmos a nossa investigação que trouxe resultados que perpassam os muros da escola, bem como os estudantes foram estimulados em diferentes maneiras de interação, seja oral, escrita, pois eles pesquisaram, analisaram, refletiram, ressignificaram a sua cultura oral, participaram efetivamente da pesquisa e ainda reconheceram a importância do desenvolvimento da competência linguística, mais precisamente da oralidade em suas práticas discursivas.

Assim, as narrativas orais nas aulas de Língua Portuguesa exerceram grande importância no fazer literário e linguístico justamente por fazer parte da cultura e da realidade dos educandos. É na escola que eles devem encontrar a liberdade de criação e expressão, considerando sua experiência que trazem para a escola, quando o discente participa efetivamente da construção de sua aprendizagem, seja em qualquer atividade proposta pelo professor, ele é adotado como componente central da prática educativa.

Portanto, esta pesquisa esteve pautada neste viés e almejamos com ela, colaborar para reflexões do fazer pedagógico dos professores de Língua Portuguesa e de todos os envolvidos no âmbito educacional, no acréscimo dos horizontes, na construção e transformação de práticas docentes mais ricas em conhecimento, mais reais e representativas de ensino, buscando conseqüentemente, aprendizagens mais concretas, com estudantes competentes em sua língua em todas as esferas sociais.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. A.L - Literatura popular e ensino: trabalhando conto e reconto em sala de aula. **Revista Linguagens & Letramentos**, 2017.

AQUINO, Z. G.O **Oralidade e escrita**: perspectiva para o ensino de língua

materna. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

BAGNO, M. **Português ou brasileiro?** Um convite à pesquisa. 6. ed. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, M. **Sete erros aos quatro ventos a variação linguística no ensino do português.** São Paulo: Parábola, 2015.

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico: O que é, como se faz.** São Paulo: Loyola, 1999.

BAKHTIN, M (V.N. Volochinov) **Marxismo e filosofia da linguagem.** Tradução de Michel Lauch e Iara Frateschi Vieira. 6.ed. São Paulo: Editora Hucitec ,1992.

BAKHTIN, M. Os gêneros do Discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal.** 4. ed. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BALSAN, S. F. de S. **Nas veredas da leitura: ações para a formação de leitores autônomos.** Presidente Prudente, 257p.Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Campus de Presidente Prudente, Universidade Estadual Paulista, 2018.

BARBOSA, J. **Narrativas orais: Performance e memória.** Manaus: UFMA, 2011.

BAYARD, J. P. **História das lendas.** SP: Book e BooksBrasil.com, 2002.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, p. (Obras escolhidas, v.1) 1994.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos - 3a ed.,** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido.** Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio: linguagem, códigos e suas tecnologias.** Secretaria de Educação Básica – Brasília: MEC, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais (terceiros e quartos ciclos): língua portuguesa.** Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

BUSATTO, C. **A arte de contar histórias no século XXI.** Petrópolis: Editora

Vozes, 2006.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Linguística**. 10 ed. São Paulo, Scipione, 2007.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. Trad. Maria L. Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CASTILHO, A. T. de. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 1998.

COGO, R. S. **Da memória ao Storytelling**: em busca de novas narrativas organizacionais. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2012.

CORRÊA, M. L. G. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de Português. In: FÁVERO, L. L.; ANDRADE M. L.C.V. O. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 2005.

CUNHA J., H.; LIMA, M. B. Repertórios culturais de base africana, identidades afrodescendentes e Educação em Sergipe. In: NÚCLEO DE ESTUDOS NEGROS (NEN). **Multiculturalismo e a Pedagogia multirracial e popular**. Florianópolis: Atilênde, 2002.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). **Gêneros orais e escritos na escola**, v. 2, 2004.

FÁVERO, L. L. **Coesão e coerência textuais**. São Paulo: Ática, 2005.

FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2006.

FONTES, V. **Mitos e Lendas, o passado é um país estranho**. Faculdade de Letras da Biblioteca de Porto- Biblioteca digital, 2021.

FRANÇA, A.P. de. **Análise crítica do discurso quilombola em Conceição das Crioulas**: Oralidade, memória e identidade social, 2018.

FRANÇA FILHO, A. L. de; ANTUNES, C. da F. COUTO, M. A.C. Alguns apontamentos para uma crítica da educação a distância (EaD) na educação brasileira em tempos de pandemia. **Revista Tamoios**, São Gonçalo, ano 16, n. 1, 2020.

GALVÃO, M. A. M.; AZEVEDO, AZEVEDO, J. M. de. A Oralidade em sala de aula: o que dizem os professores do ensino básico. **Revista Filologia e Língua Portuguesa**. São Paulo, v. 17, n. 1, p. 249-272, jan./jun. 2015.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro 2005.

- GERALDI, J. W. **Culturas orais em sociedades letradas**. Educ. Soc. vol.21, n.73. 2000.
- GERALDI, J. W. Concepções de linguagem e ensino de português. 4. ed. In: GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula: leitura e produção**. São Paulo: Ática, 2006.
- GIORDANO, A. A arte de contar histórias e o conto de tradição oral em práticas educativas. **Construção psicopedagógica**, v. 21, n. 22, p. 26-45, 2013.
- GIRARDELLO, G. Voz, presença e imaginação: a narração de histórias e as crianças pequenas. In: FRITZEN, Celdon; CABRAL, Gladir (Orgs). **Infância: imaginação e educação em debate**. Campinas, SP: Papyrus, 2004. (Coleção Ágere).
- HALBWACHS, M. **A memória Coletiva** \ Maurice Halbwachs- São Paulo; Vértice, Editora Revista dos tribunais, 1990.
- HANKS, W. F. **Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2008.
- JUIZ DE FORA. Prefeitura de Juiz de Fora. Secretaria de Educação. **Proposta curricular: língua portuguesa**, 2012. Disponível em:http://www.pjf.mg.gov.br/secretarias/se/escolas_municipais/curriculos/ Acesso em 24 de setembro de 2022.
- KOCH, I. G. V. **Encontro na linguagem: estudos linguísticos e literários**. Uberlândia: UDUFU, 2006.
- LAROSSA, J. Pedagogia Profana – **Danças Piruetas E Mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- LEÃO, J. R. A. DOS SANTOS, F. G. M. Potencialidades das narrativas orais como estratégia pedagógica inovadora e interdisciplinar no ensino médio integrado. **Revista Conexão na Amazônia**, v. 3, n. Edição especial, p. 291-310, 2022.
- PELICIONI, M. C. F. et al. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 35, p. 115-121, 2001.
- LIMA, A.B. de et al. **A importância da contação de histórias na sala de aula: uma proposta de incentivo ao desenvolvimento da oralidade**, 2015.

- LUDKE, M; ANDRÉ, M.D.E.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2015.
- MACÁRIO, R. de O. Reflexões sobre a formação de leitores em EJA: saberes necessários para a prática docente. **Linguagens, Educação e Sociedade**, Teresina, Ano 23, n. 38, jan./jul, 2018.
- MACHADO, M. Z. [orgs.]. **A escolarização da leitura literária**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- MACHADO, R.. **A arte da palavra e da escuta**. Editora Companhia das Letras, 2015.
- MAGALHÃES, T. G. G., REZENDE, A. / FERREIRA H. M. (Orgs.) **Concepção discursiva de linguagem: ensino e formação docente** Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.
- MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de Comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.
- MANHÃES. C.M. A construção das narrativas nas comunidades tradicionais da pesca de Arraial do Cabo: A rememoração e memórias. **Revista Ecos**, 2020.
- MARCUSCHI, L. A. A oralidade e o ensino de língua: uma questão pouco falada. In: DIONÍSIO, A. P. e BEZERRA, M. A. **O livro didático de português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- MARCUSCHI, L. A. A transcrição de conversações. In: MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**, 2ª Edição. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- MARCUSCHI, L. A. **Concepção de língua falada nos manuais de português de 1º e 2º graus: uma visão crítica**. 49ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC. Belo Horizonte, julho de 1997.
- MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2009.
- MARCUSCHI, L. A. Oralidade e escrita. **Signótica: Revista do Programa de pós-graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da UFG**, vol. 9, n. 1, p. 119-145, jan./dez, 1997.
- MATTOSO, J. **A escrita da História**. Lisboa: Editorial Estampa (1997).
- MEDINA, C. **Entrevista: um diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1986.
- MELLON, N. **A arte de contar histórias**. Rio de Janeiro: Rocco 2006.

- OLIVEIRA, M.R.de; WILSON, V. Linguística funcional aplicada ao ensino de português. In: CUNHA, M.A., F da; OLIVEIRA, M.R. de; MARTELOTTA, M.E. **Linguística Funcional: teoria e prática**. São Paulo: Parábola, 2015.
- DE OLIVEIRA, G. Atividades extraclasse e a importância de ir além da sala de aula. **Revista Escritos e Escritas na EJA| N**, v. 10, p. 58, 2018.
- OLIVEIRA, R. G. et al. **Desigualdades raciais e a morte como horizonte: considerações sobre a COVID-19 e o racismo estrutural**. Cadernos de Saúde Pública, v. 36, 2020.
- ONG, W. **Oralidade e cultura escrita: A tecnologização da palavra**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.
- ORLANDI, E. P. (org.). **A leitura e os leitores**. Campinas: Pontes, 2003.
- PAZ, O. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PEREIRA, M. F. **Planejamento Estratégico: teorias, modelos e processos**. São Paulo: Atlas, 2010.
- RAMOS, J. M. **O espaço da oralidade na sala de aula**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- RIOLFI, C... [et al]. **Ensino de língua portuguesa**. São Paulo: Thomson Learning, 2008. – (Coleção ideias em ação/ coordenadora Anna Maria Pessoa de Carvalho). 2013.
- ROCHA, V. M. **Aprender pela arte a arte de narrar: educação estética e artística na formação de contadores de histórias**. 2010. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- SANTOS, E. L. **Estação memória Cambury: mediação cultural com os parceiros do rio que muda**. 2013. Dissertação (Mestrado) – ECA-USP, São Paulo, 2013.
- SANTOS, E. L. dos. MUCHERONI, M. L. **Dispositivo antropotécnico como lugar de memória e partilha de saberes em comunidades de tradição oral**. XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVII ENANCIB). Bahia, 2016.
- SANTOS, M. F. VALLADARES, F. B. MACEDO, Y. M. (Des)encontros para um currículo afrocentrado no ensino de Língua Portuguesa na educação profissional técnica de nível médio integrado ao ensino médio. **Revista Exitus** vol.9 no.4 Santarém out./dez, 2019.
- SAVIANI, D. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara,**

onze teses sobre educação e política. São Paulo: Cortez:1999.

SCHNEUWLY, B. DOLZ, J. Os gêneros escolares - das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e col.

Gêneros orais e escritos na escola. Tradução e organização de Roxane H. R. Rojo e Glaís S. Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SIGNORINI, I. (Org.). **Investigando a relação oral/escrita e as teorias do letramento.** Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 51-76. (Coleção Ideias sobre Linguagem).

Site da EBC (Empresa Brasil de Comunicação) - empresa pública que é responsável por canais do Governo Federal na televisão, rádio e internet.

Nesse link faz um apanhado sobre a importância da tradição oral. Acesse:

<http://www.ebc.com.br/tradicoes-orais>. Acesso em 25 de novembro de 2021.

SOARES, M. B. **As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto.** In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel (Orgs.). *Leitura - perspectivas interdisciplinares.* São Paulo: Ática, 2000.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura.** Cláudia Schiling (trad.) 6. ed. Porto Alegre: ArteMed, 1998.

SOMEKH, B. Conflitos de valor na gestão da inovação: apoiando a inovação em TI na formação inicial de professores no Reino Unido. **Journal of Information Technology in Teacher Education**, 1995.

SOUSA, O. C. Desenvolvimento da competência narrativa. In O. C. SOUSA & A. CARDOSO. **Desenvolver Competências em Língua Portuguesa.** Lisboa: Edições Colibri, 2010.

TERRA, E. **Linguagem, língua e fala.** São Paulo: Scipione, 2008

TERRA, K. R. C. SOUZA; S. M. da F.; FÓFANO, C. S. Prática discursiva: uma reflexão sobre língua, linguagem, ideologia e discurso na concepção da análise do discurso de filiação francesa. **Revista Virtual de Letras**, 2017, v. 09, nº 0.

VALENTINI, L. MACIEL, R.R.A. **Elementos da cultura escolar extraclasse como complemento no ensino.** XIII Seminário “Escola e Pesquisa: um encontro possível”. Polo RS-Universidade de Caxias do Sul, 2014.

APÊNDICES

ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM O GRUPO FOCAL

1- Para você, o que é contar uma história?

2- No seu modo de ver, você considera que há diferença entre contar e ler uma história? Por quê?

3- Você considera que as narrativas contadas contribuem no desenvolvimento da sua expressão oral e escrita? Comente.

4-Você poderia comentar um pouco a respeito sobre como deveriam ser trabalhadas essas narrativas orais para aprimorar as competências comunicativas desenvolvidas no ensino de Língua Portuguesa?

5-Você conhece alguma história que os mais velhos de sua comunidade contam? Poderia nos contar essa história?

6- Essas histórias são contadas em quais lugares de Lucena, quando, quem conta, para quem contam?

7- Você acredita que essas histórias fazem parte da cultura lucenense? Por quê?

8- Na sua opinião, que memórias são resgatadas através dessas histórias orais?

9-Para você existe diferença entre fala e escrita ao contar ou escrever uma história? Por quê?

10-Na sua opinião qual a função do mito e das lendas numa cultura?

ROTEIRO DA PRODUÇÃO DO PODCAST SOBRE AS NARRATIVAS ORAIS

Agora é a sua vez de produzir...

Para iniciar, leia o conto popular abaixo:

MALASARTES E A SOPA DE PEDRA

Diz que era um camarada chamado Pedro. Pedro Malasartes. Que andava por umas terras que ele não conhecia, até que parou numa birosca. Ficou reparando na conversa de compadres. Dizia um compadre ao outro:

- Aquela velha é terrível!
- Aquilo é sovina que Deus me livre e guarde!
- Não dá bom dia pra não gastar a língua!
- Pior. Ela não dá nem adeus. Porque balança e ela pode perder os dedos!

Malasartes ficou prestando atenção e quis saber mais sobre a velha. E os dois compadres só não a chamaram de anjo:

- É uma sovina, mão de vaca!!

O Pedro coçou a cabeça e disse:

- Pois olhe, que eu vou fazer essa velha me dar de comer.

Os dois compadres riram a valer e disseram ao mesmo tempo:

- Pois essa eu pago pra ver!!
- Então está feita a aposta!

Disse o Malasartes já perguntando onde morava a velha. Os compadres ensinaram que era ali perto. O Pedro foi e pediu que os dois compadres ficassem espiando. A casa era grande e antiga. Toda quebrada e remendada. Com a velha na janela tomando conta da vida dos outros. Ao lado da casa havia um riacho. Malasartes foi ao riacho e pegou sua panela. E a velha reparando. Lavou a panela e encheu de água. E a velha reparando. O Pedro começou a procurar uma coisa. Pegava uma pedra olhava e jogava fora. Pegava outra e guardava. Assim, juntou seis pedras. E a velha reparando. Lavou as pedras e colocou-as na panela com a água. Acendeu um foguinho, botou a panela em cima e ficou mexendo. A velha de onde estava coçou a cabeça:

- Que diabo aquele homem tá fazendo?

A velha saiu da janela, foi se aproximando... se aproximando, até que...

- Tarde, amigo.

- Tarde...
- Se o amigo não se incomodá, podia me dizê o que é que tá fazendo?
- Tô cozinhando!

A velha olhou dentro da panela.

- Mas é pedra que tem aí dentro!
- E é. Eu tô fazendo uma sopa!
- Sopa de pedra? Nunca vi disso!
- A senhora nunca comeu sopa de pedra? Olha, não sabe o que está perdendo.
- E é bom?
- Se é bom? Aprendi a fazer a sopa com minha finada mãezinha. Ela fazia pra nós, quando nós era criança. Dona... o gosto... olha, não dá nem pra falá. É maravilhoso. Chega eu tô com água na boca só de pensa que eu vou comê. Ai, meu Deus!

A velha começou a sentir uma águinha na sua boca. E o Malasartes continuou:

- Se bem, que essa não vai ser... aquela... por que falta uns temperinhos. Mas vai tá boa também.

A velha já estava com a boca cheia d'água.

- Não seja por isso. Eu arranjo tempero.

A velha foi em casa e voltou com salsa, cebolinha, cebola picada. Tudo que era tempero.

- Agora sim. Se bem que falta uns tomatinhos, mas...
- Não seja por isso. Quantos tomate?
- Quatro dos grande cortado em rodela.

A velha foi para casa e trouxe os tomates.

- E agora? Falta muito pra ficá pronto?
- Falta. Se tivesse um macarrão pra ajuda no cozimento, mas a gente tem paciência e espera...
- Não seja por isso.

A velha foi em casa e trouxe um saco de macarrão. O Malasartes atçou mais o fogo para ajudar no cozimento.

- Ai, dona, vendo essa sopa me deu uma saudade da minha finada mãezinha. Ela adorava essa sopa. Com tocinho de fumero e umas carninha magra pra complementá, ela chegava a lamber os beijos. Mas essa vai fazer lembrar dela também...
- Não seja por isso.

A velha foi em casa e trouxe o toucinho e as carnes. A mulher lambendo os beijos pediu:

- Quando ficá pronto, o senhor me dá um pouquinho pra eu experimentá?
- Claro! Mas a senhora arruma uns pratinho, porque nós dois não vamos comê nessa panela.

A velha foi em casa e trouxe dois pratos fundos. Malasartes colocou um pouquinho no prato da velha e encheu o seu. Os dois comeram. Quando terminaram o Malasartes perguntou:

- Gosto?
- Gostei. Mas e as pedras?
- As pedras? As pedras a gente joga fora!

A velha ficou louca e xingou muito. O Malasartes saiu dali com a barriga cheia de comida e foi à birosca encher seu bolso com o dinheiro da aposta.

ADAPTAÇÃO DE AUGUSTO PESSÔA

In: Malasartes – Histórias de um camarada chamado Pedro

EDITORA ROCCO

Disponível em: <https://www.augustopessoa.com/pedro-malasartes>

Falando sobre os Contos Populares

O conto popular pode revelar algo sobre o modo de vida de antigamente, pois, em geral, relata um fato que ocorreu há muitos anos e vem sendo contado de geração em geração oralmente. Muitos contos populares apresentam linguagem mais informal e com marcas da oralidade. Isso porque muitas dessas histórias foram transmitidas oralmente, de geração para geração.

“Queria saber a história de todas as cousas do campo e da cidade. Convivência dos humildes, sábios, analfabetos, sabedores dos segredos do Mar das Estrelas, dos morros silenciosos. Assombrações. Mistérios. Jamais abandonei o caminho que leva ao encantamento do passado. Pesquisas. Indagações. Confidências que hoje não têm preço.”

Câmara Cascudo

Disponível em: <https://www.colegiogeracao.com.br/wp-content/uploads/2019/02/Narrativas-Conto-Popular.pdf>

Após a leitura do conto popular, faremos uma roda de conversa sobre as características do conto popular, destaquem algumas.

Resposta: Levar o estudante a perceber que os contos populares abordam vários aspectos da vida cotidiana. Podem abordar assuntos referentes a alegrias e tristezas, animais e seres mágicos, heróis e vilões, fazendo parte da tradição oral. Podem ser cômicos, satíricos ou empolgantes. Podem divertir, dar bons exemplos ou tentar explicar coisas que as pessoas não entendem. Os **mitos** são parecidos com os contos folclóricos, pois contam histórias tradicionais sobre as crenças que os membros de uma mesma cultura têm

sobre a vida, por ser contadas de geração para geração se denominam popular, ou seja, vindo do povo.

PROPOSTA

O QUE É UM PODCAST?

Acredito que muitos de vocês já ouviram falar em Podcast e talvez tenham até algum preferido para indicar para os colegas. PODCAST é uma forma de transmissão de arquivos multimídia na Internet criados pelos próprios usuários. Nestes arquivos, as pessoas falam e expõem suas opiniões sobre os mais diversos assuntos. Pense no podcast como um blog, só que ao invés de escrever, as pessoas falam. Podendo ser ouvidos a qualquer hora, os podcasts criam uma espécie de rádio virtual direcionada para assuntos específicos, ou seja, de acordo com as características de cada ouvinte.

Vamos à Prática!

- 1-Reunam-se em grupos com três ou quatro colegas para desenvolver esta atividade.
- 2- Pensem e conversem sobre as narrativas e contos orais, populares locais, que vocês conhecem, ou já ouviram.
- 3-Logo após cada grupo fará uma contação de história.
- 4- Um integrante do grupo ficará responsável em gravar as narrativas contadas pelos demais que pode ser pelo gravador do celular.
- 5- Após a gravação das histórias contadas todos ouvirão suas histórias, cada grupo irá escolher uma das narrativas que mais gostou, e irão produzir o roteiro para elaboração do seu Podcast.
- 6-Organizem as ideias, sequências das narrativas, considerando a relação existente entre elas.
- 7-Na sequência ouçam as histórias, se preciso façam as regravações.
- 7- Escolha um integrante para uma fala inicial de apresentação do Podcast.
- 8-Pesquisem um fundo musical, imagem que ilustrem a narrativa para a composição da produção, seguindo as etapas de edição final.
- 9- Para finalização salvem o Podcast que seja possível compartilhar nas plataformas digitais.
- 10- Após a finalização do Podcast cada grupo irá transcrever suas histórias contadas, fazendo assim uma exposição escrita e oral, socializando com toda comunidade escolar, organizem um evento cultural, literário com todos os alunos.

Professor, é importante frisar nessa proposta que as narrativas da tradição oral se preservaram ao longo do tempo, seja porque são ainda transmitidas pela oralidade, seja porque foram registradas em textos escritos ou gravados em filmes e desenhos, ou porque traços dessas narrativas são incorporados em gêneros narrativos atuais. Além do mais, essa atividade promoverá o conceito de pertencimento linguístico, cultural e identitário dos discentes.

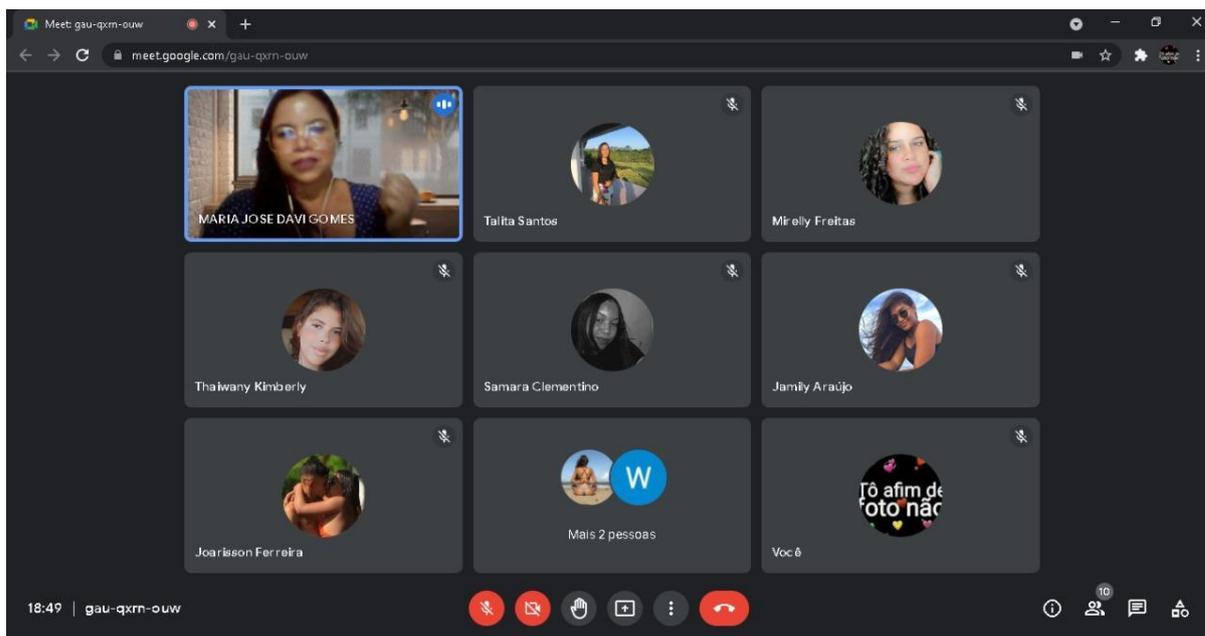
Com essa atividade os estudantes perceberão a diferença entre registro linguístico e modalidade linguística, pois eles fizeram uso das duas modalidades, língua falada e escrita, bem como associados aos registros mais formais, e menos formais da língua.

FONTE: Autora (2021).

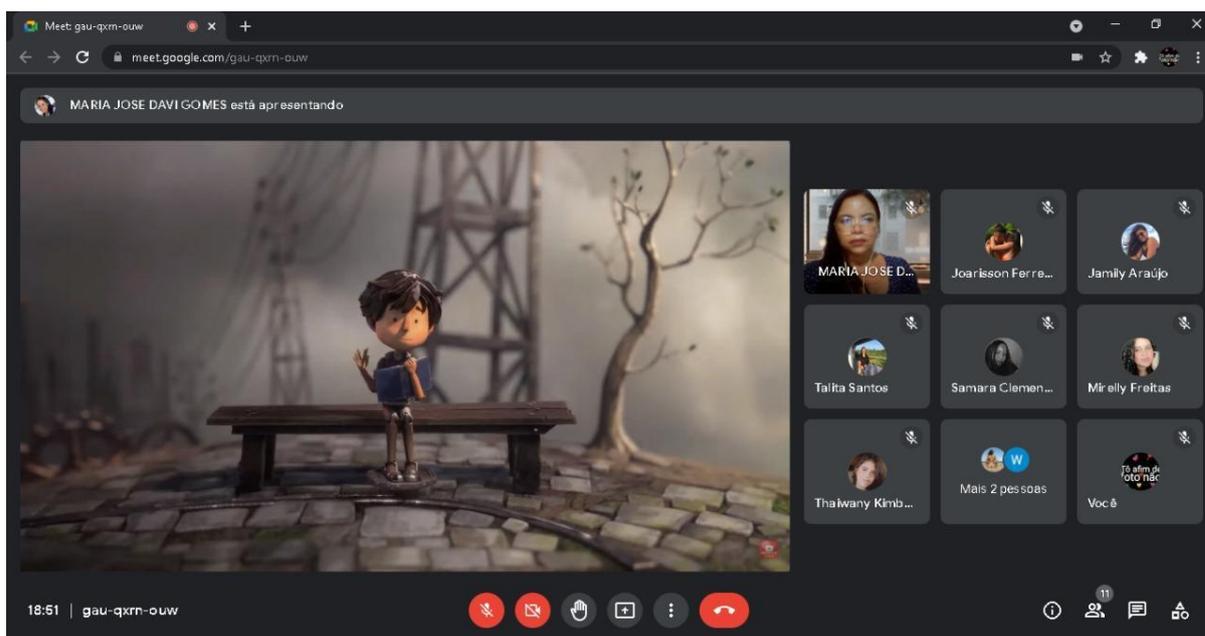
ANEXOS

ANEXO A

ENCONTRO ON-LINE COM GRUPO FOCAL



Fonte: Autora (2021)



Fonte: Autora (2021)

ANEXO B
AULA EXTRACLASSE-VISITA A SECRETARIA DE CULTURA DO
MUNICÍPIO (ENTREVISTA)



FONTE: Autora (2022)

ANEXO C
 PODCASTS PRODUZIDOS NA SEQUÊNCIA DIDÁTICA REALIZADA COM A
 TURMA.



FONTE: Autora (2022)



FONTE: Autora (2022)

LINK DOS PODCASTS

https://drive.google.com/drive/folders/1WeY_T0Te4Ik99tWb8-qvKG2MJsBwdJjE?usp=share_link